**ELIANE AUXILIADORA PEREIRA • IZA REIS GOMES • MARISA MARTINS GAMA-KHALIL**
**MAURÍCIO NEVES-CORRÊA • SHELTON LIMA DE SOUZA**
Organizadores

# Conversas sobre Literatura, Amazônia e o mundo literário

## escritores contam suas experiências



UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado
EDITORA UNEMAT

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C766

Conversas sobre Literatura, Amazônia e o mundo literário: escritores contam suas experiências / Eliane Auxiliadora Pereira; Iza Reis Gomes; Marisa Martins Gama-Khalil; Maurício Neves-Corrêa; Shelton Lima de Souza (org.). – Cáceres: Editora UNEMAT, 2025. 201 p. Il.

ISBN: 978-85-7911-317-8 (Documento digital)
DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8

1. Literatura amazônica. 2. Processos de criação. 3. Decolonialidade. 4. Identidade cultural. 5. Resistência literária. I. Conversas sobre Literatura, Amazônia e o mundo literário. II. Eliane Auxiliadora Pereira.

CDD 82-3(811)

Bibliotecário Walter Clayton de Oliveira – CRB-1/2049.

Eliane Auxiliadora Pereira
Iza Reis Gomes
Marisa Martins Gama-Khalil
Maurício Neves-Corrêa
Shelton Lima De Souza

Organizadores

# CONVERSAS SOBRE LITERATURA, AMAZÔNIA E O MUNDO LITERÁRIO

escritores contam suas experiências

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

EDITORA UNEMAT

Cáceres - MT
2025

## CONSELHO EDITORIAL

Portaria nº 1629/2023

**PRESIDENTE**

Maristela Cury Sarian

**TITULARES**

Josemir Almeida Barros
*Universidade Federal de Rondônia - Unir*

Laís Braga Caneppele
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Fabrício Schwanz da Silva
*Universidade Federal do Paraná - UFPR*

Gustavo Rodrigues Canale
*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

Greciely Cristina da Costa
*Universidade Estadual de Campinas - Unicamp*

Edson Pereira Barbosa
*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

Rodolfo Benedito Zattar da Silva
*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

Cácia Régia de Paula
*Universidade Federal de Jataí - UFJ*

Nilce Vieira Campos Ferreira
*Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT*

Marcos Antonio de Menezes
*Universidade Federal de Jataí - UFJ*

Flávio Bezerra Barros
*Universidade Federal do Pará - UFPA*

Luanna Tomaz de Souza
*Universidade Federal do Pará - UFPA*

**SUPLENTES**

Judite de Azevedo do Carmo
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Rose Kelly dos Santos Martinez Fernandes
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Maria Aparecida Pereira Pierangeli
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Célia Regina Araújo Soares
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Nilce Maria da Silva
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Rebeca Caitano Moreira
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Jussara de Araújo Gonçalves
*Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat*

Patrícia Santos de Oliveira
*Universidade Federal de Viçosa - UFV*

**PRODUÇÃO EDITORIAL**
**EDITORA UNEMAT 2025**

Copyright © dos organizadores, representantes dos autores, 2025.

A reprodução não autorizada desta publicação,
por qualquer meio, seja total ou parcial,
constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Esta obra foi submetida à avaliação
e revisada por pares.

**Reitora:** Vera Lucia da Rocha Maquêa

**Vice-reitor:** Alexandre Gonçalves Porto

**Assessora de Gestão da Editora e das Bibliotecas:** Maristela Cury Sarian

**Imagens da capa:** Mario Venere

**Capa:** Potira Manoela de Moraes

**Diagramação:** Potira Manoela de Moraes

**Revisão:** Sandra Mara Souza de Oliveira Silva
Vinícius Souza Figueredo













Associação Brasileira das Editoras Universitárias

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

EDITORA UNEMAT

**EDITORA UNEMAT**
Av. Tancredo Neves, 1095, Cavalhada III
Cáceres - MT | CEP 78217-900
editora@unemat.br | www.unemat.br

*A literatura é uma das tantas maneiras de expressar o mundo, é um modo de ver, de imaginar e problematizar conflitos e situações, que podem ser explícitos, com forte componente histórico, mas podem ser bastante interiorizados. É também um instrumento de conhecimento da realidade, como escreveu Antonio Candido. Este é o lugar social da literatura: uma maneira enviesada ou indireta de conhecimento do mundo, de nós mesmos e do Outro.*

(Hatoum, 2003, p. 68)[1]

---

1 BARRETO, R.; MELO, J. A. Treze perguntas para Milton Hatom. **Magma**, São Paulo, n. 8, p. 55-72, 2003. Disponível em: https://revistas.usp.br/magma/pt_BR/article/view/64468/67123. Acesso em: 17 maio 2025.

# DEDICATÓRIA

Esta obra nasceu de indagações realizadas por pesquisadores sobre a Literatura produzida na e sobre a Amazônia. Dedicamos este material aos escritores e aos leitores que fazem os textos terem vida, particularmente, em memória do escritor Vicente Franz Cecim, que se foi, mas nos deixou sua escrita sobre a Amazônia: "Andara é uma região imaginária, toda ela onírica, que eu criei, ou que quis se criar através de mim, de qualquer maneira: que eu sonhei, mas sua matéria prima é a Amazônia, a Floresta Sagrada onde eu nasci, com suas águas, seus peixes, suas aves, seus insetos, seus animais, suas árvores" (Vicente Franz[2]).

Em memória de Márcio Souza, um escritor da Amazônia que lutou pela Literatura, pela escrita e por sua divulgação. Como disse Kruger, "o grande narrador da Amazônia"[3] (2011, p. 22): "a Amazônia é uma das pátrias do mito, onde ainda existe uma unidade entre a natureza e a cultura numa constante interação de estímulos e afirmação"[4]. A literatura que se faz no Amazonas, seja a escrita pelos não indígenas, quanto à produção literária dos indígenas, no sonho e na

---

2 Márcia Carvalho entrevista Vicente Franz Cecim. Disponível em: https://www.jornaldepoesia.jor.br/vcecim1.html. Acesso em: 17 maio 2025.

3 KRUGER, Marcos Frederico. **Amazônia**: mito e literatura. Manaus: Valer, 2011.

4 Escritor Márcio Souza lança "Amazônia indígena". Disponível em: https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/nota-10/escritor-marcio-souza-lanca-amazonia-indigena/. Acesso em: 17 maio 2025.

paixão de seus poetas e prosadores, parece-nos dizer que se faz necessário reconhecer definitivamente que a natureza são as nossas culturas, em que uma árvore derrubada, com diz Márcio Souza (2008, p. 26)[5]: "onde uma árvore derrubada é como uma palavra censurada e um rio poluído é como um poema proibido".

5 SOUZA, Márcio. A literatura no Amazonas: as letras na pátria dos mitos. **Poligramas**: Revista Literária, Cali, n. 29, p. 09-26, jun. 2008.

# AGRADECIMENTOS

A realização deste livro só foi possível graças às valiosas parcerias entre o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação na/da Amazônia – Criamazônia/IFRO/CNPq, vinculado ao Instituto Federal de Rondônia (IFRO); o Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias do IFRO – GET/IFRO/CNPq, do Instituto Federal de Rondônia (IFRO); o Grupo de Pesquisa em Letramentos literários: estudo de narrativas da/na Amazônia – Narram/UNIR/CNPq, vinculado à Universidade Federal de Rondônia (UNIR); e o Laboratório de Estudos Interculturais e Humanidades – LEIH/PPGLI/UFAC, situado na Universidade Federal do Acre/UFAC. Registramos aqui nosso profundo agradecimento a todas as instituições e pesquisadores envolvidos.

De modo especial, agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional - Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) do IFRO, que, por meio do Grupo Criamazônia, fomentou leituras e discussões fundamentais alinhadas à Linha de Pesquisa Práticas Educativas em EPT – e ao Macroprojeto 2 - Inclusão e diversidade em espaços formais e não formais de ensino na EPT – que abriga projetos os quais trabalham as principais questões de ensino e aprendizagem no que se refere a temáticas relacionadas à Educação Indígena, Educação e relações étnico-raciais e Educação quilombola. E também à professora Doutora Marisa Martins Gama-khalil

da Unemat com suas ricas pontuações e sugestões durante o processo de organização.

Este projeto contou com apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil – por intermédio do Edital nº 16/2022 – PDPG – PÓS-DOUTORADO ESTRATÉGICO, concedido à pesquisadora Iza Reis Gomes junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre (UFAC), a quem também externamos nossa gratidão.

# SUMÁRIO

Apresentação.....14

Entrevista 1

Entrevista com Nicodemos Sena.....20

*Iza Reis Gomes*
*Eliane Auxiliadora Pereira*
*Maurício Neves-Corrêa*

Entrevista 2

Entrevista com Hélio Rocha.....38

*Iza Reis Gomes*
*Raquel dos Santos Silva*

Entrevista 3

Entrevista com Nair Ferreira Gurgel do Amaral.....50

*Rosália Aparecida da Silva*
*Janaina Kelly Leite Chaves*

Entrevista 4

Entrevista com Cledenice Blackman.....63

*Queila Barbosa Lopes*
*Iza Reis Gomes*

Entrevista 5

Entrevista com Cristino Wapichana .....79

*Iza Reis Gomes*
*Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina*
*Shelton Lima de Souza*

Entrevista 6

Entrevista com José Maria Pinto de Figueiredo .....92

*Allison Marcos Leão da Silva*

Entrevista 7

Entrevista com Márcio Souza .....107

*Eulisson Nogueira de Sousa*

Entrevista 8

Entrevista com Márcia Kambeba.....124

*Márcia Dias dos Santos*

Entrevista 9

Entrevista com Jap Mete Verônica Oro Mon.....140

*Márcia Dias dos Santos*

Entrevista 10

Entrevista com Denizia Cruz – Denizia Kawany Fulkaxó.....150

*Márcia Dias dos Santos*

Entrevista 11

Entrevista com Aidil Araújo Lima.....164

*Joely Coelho Santiago*

Posfácio.....182

Sobre os organizadores e entrevistadores .....190

Organizadores .....190

Entrevistadores.....195

# APRESENTAÇÃO

## Diversidades, escritas e (re)existências: construtos literários para além dos cânones

As Amazônias são diversas, misturadas, híbridas, complexas, inacabadas e, acima de tudo, insatisfeitas com as práticas coloniais pelas quais passaram e contra as quais tiveram de lutar para (re)existir. Os povos amazônicos são/estão insatisfeitos, entretanto resistem. Resistir, que parece ser uma palavra em moda, precisa ser constantemente ressignificada para não cair nos clichês dos próprios discursos coloniais. Os povos amazônicos resistem no sentido de, a todo momento, desenvolverem e estabelecerem formas de combates a invisibilidades e a ações de outrem perante suas formas de existências, daí o jogo linguístico promulgado pela palavra (re) existência.

No caso deste livro, as formas de resistências advêm por meio das escritas: escritas relacionadas ao que as Amazônias são/estão: produções inacabadas, incertas, inconclusas e, particularmente, repetindo o já dito "diversas, misturadas, híbridas e complexas [...]" que se consubstanciam em escritores e leitores de mundos amazônicos que, para além de nascerem nas Amazônias, constituem-se como seres amazônicos.

Este material é voltado para um público amplo interessado na riqueza literária da Amazônia, incluindo leitores, professores, estudantes e pesquisadores que desejam aprofundar seu conhecimento sobre a produção cultural e as vozes autorais desta região. Seu principal objetivo é divulgar e preservar as percepções de escritores amazônicos, servindo como uma possibilidade para a educação, pesquisa e fruição literária.

As entrevistas que compõem este trabalho foram conduzidas entre os anos de 2023 e 2025, utilizando uma metodologia mista para acomodar a disponibilidade e localização dos escritores. Dessa forma, os depoimentos foram coletados tanto de forma presencial quanto *online*, por *e-mail*, garantindo a abrangência e a diversidade de participações.

Como dito anteriormente, este projeto é fruto de uma colaboração entre grupos de pesquisa das instituições IFRO, UNIR e UFAC. A seleção dos entrevistados foi definida em reuniões conjuntas dos pesquisadores, todos docentes das referidas instituições, e pautou-se pelos focos de investigação de cada grupo, consolidando uma base teórico metodológica cooperativa e interinstitucional.

Nascer nas Amazônias é um detalhe, viver nelas já não é. Quem vive nos espaços amazônicos os sente, os cheira, os transa, os entremeia em suas interrogações e em seus interregnos. Os escritores amazônicos (que vivem, que sentem, que cheiram, que se inundam em suas complexidades) são devires, pois não estão baseados em cânones, pelo contrário,

pois, se deles dependerem, deixam de ser os devires e passam a fazer parte da estrutura literária que impede que os próprios escritores, que nos espaços amazônicos estão, possam viver as suas literaturas. As águas amazônicas, na parte mais ocidental em que temos o rio Acre, no rio Juruá, por exemplo, são barrentas – um barro que se mistura às águas – assim como nós somos e nós estamos: em relação umas com as outras e uns com os outros que, embora nos reconheçamos como diferentes, são essas mesmas diferenças que promovem confluências. A natureza é, desse modo, o resultado do que nós somos: seres interconectados que nos permitem construir, por meio da escrita, a possibilidade de (re)existências como as que estão presentes neste livro.

A diversidade dos diálogos com as autoras e com os autores será a tônica das conversas realizadas neste livro. Verificar o olhar de escritoras e de escritores iniciantes e experientes sobre suas reflexões que levaram a processos de escrita. Nessa perspectiva, o projeto do livro é resultado das interações entre grupos de pesquisa e um laboratório situados nos estados de Rondônia e do Acre, que são os seguintes: o Grupo de Pesquisa em Processos de Criação na/da Amazônia – Criamazônia/IFRO/CNPq; Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia – GET/IFRO/CNPq; Grupo de Pesquisa em Letramentos literários: estudo de narrativas da/na Amazônia – Narram/UNIR/CNPq; Laboratório de Estudos Interculturais e Humanidades – LEIH/PPGLI/UFAC.

São três instituições – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e Universidade Federal do Acre (UFAC), por meio do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) – que se unem para que as pesquisas na/da Amazônia sejam realizadas, planejadas, estudadas e publicadas para chegar às leitoras e aos leitores de todo o mundo. Um local para o global. Um sul global para outros "sus" globais, para os "nortes", para os vistos e, principalmente, para os não vistos.

Para as abordagens preliminares literárias, o escritor paraense Nicodemos Sena se mostra um sonhador da Amazônia e nos faz viver uma saga pelos rios e pelas histórias/ficções de Amazônias em luta, em resistências e em construções.

Em seguida, Hélio Rocha produz traduções sobre as várias Amazônias, uma outra escrita em que o tradutor cria leituras sobre olhares estrangeiros e, por meio dela, cria sentidos sobre as traduções que tece.

A professora e formadora de leitores Nair Gurgel nos faz refletir sobre as escritas ribeirinhas, as narrativas da beira do rio e, no desembarace textual, Cledenice Blackman nos transporta pela História ao encontro de sujeitas e de sujeitos que foram silenciadas e silenciados pela colonização, convidando-nos a conhecer outros caminhos da História.

Em contexto indígena, Cristino Wapichana nos faz ver e sentir como é a relação da escrita com as temáticas que levam

a uma viagem pela criação e pelas ancestralidades de povos que se entremeiam nas contemporaneidades construídas por sujeitas e por sujeitos indígenas.

José Figueiredo interpreta o Amazonas e o cria para a escrita literária, uma visão poética de um mundo que foi colonizado e continua colonizado, mas que as resistências persistem e se fortificam por meio das escritas. Nesse sentido, Márcio Souza, como um escritor intenso, um crítico voraz, produz uma escrita que nos prende em *Mad Maria*, mas também nos causa angústias e reflexões sobre a formação dos povos na Amazônia. Para tanto, a escritora, professora e pesquisadora Márcia Kambeba constrói sentidos sobre o que é ser mulher indígena, com a força dos povos originários e com a luta em base nas resistências frente aos colonialismos e formas de (re)existências indígenas em sociedades, cuja luta é constante para se manterem e serem o que são/estão, como faz Jap Mete Verônica Oro Mon, que produz sua relação com a natureza, com a vida, com as representações indígenas na literatura e como cria Denízia Cruz Kawany Fulkaxó, ao produzir sentidos em torno de histórias de seu povo em sua produção literária.

E, para concluir, Adil Araujo Lima promove narrativas em que os personagens negros aparecem como protagonistas, para as (re)existências e para as lutas de todos os povos.

Na contramão dos cânones literários, entendendo-os como resultados de processos colonizatórios que tentam

impedir, embora não consigam, a existência de outras literaturas, conclamamos leitoras e leitores a se envolverem nas narrativas apresentadas neste livro, adentrando nas florestas da ficção, da (re)existência, das lutas e das criações literárias.

*Eliane Auxiliadora Pereira* - CMCG
*Iza Reis Gomes* - IFRO
*Marisa Martins Gama-Khalil* - Unemat/CNPq
*Maurício Neves-Corrêa* - UFPA
*Shelton Lima de Souza* - UFAC

Entrevista 1

# ENTREVISTA COM NICODEMOS SENA

*Iza Reis Gomes*
*Eliane Auxiliadora Pereira*
*Maurício Neves-Corrêa*

Fotografia 1 – Escritor Nicodemos Sena



Fonte: *Jornal Opção*[6].

6 A noite é dos pássaros. Disponível em: https://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/a-noite-e-dos-passaros-132923/. Acesso em: 15 abr. 2024.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.1

**Nicodemos Sena** realizou uma coleta de material em uma viagem realizada pelo rio Maró, no estado do Pará, em 1992, ano em que iniciou o processo de criação de seu romance *A espera do nunca mais: uma saga amazônica*. Observamos o direcionamento de atenção especial à língua e à expressão de vida do "caboclo". Um ponto bastante interessante, pois nos leva a refletir sobre um *Ethos* de vida capaz de expressar este sujeito amazônico.

Seria esse léxico, essa língua recolhida por Sena, em uma viagem pelo rio Maró, a estratégia de sua criação para escrever sobre a Amazônia? Sena fala em alma, riqueza, nuances, envolvimento existencial, mistérios, problemas, vozes do fundo, ouvir, arte, reinvenção da vida.

O autor publicou mais três obras, após *A espera do nunca mais*. Em 2003, pela Editora Cejup, lançou *A noite é dos pássaros* – narrativa que conduz o português Alexandre Rodrigues Ferreira para a ficção com o codinome Alexandre Rodrigo Ferreira, prisioneiro dos indígenas Tupinambás, que encontra no cativeiro um livro que narra a história de Hans Staden. Um verdadeiro entrelaçar entre História e Ficção, além do recurso da imaginação que permeia a narrativa. Em 2009, publicou o terceiro livro, *A mulher, o homem e o cão*, lançado pela Editora Letras Selvagem. Esse romance nos apresenta uma criação costurada pelo mítico, pelo imaginário e pela simbologia, os quais se configuram como elementos norteadores de uma hipotética interpretação literária.

Não há como enquadrar o tempo e a narrativa de Sena em moldes estanques, uma vez que há uma abertura para o simbólico bastante latente, com uma linguagem que consegue sustentar esse sobrenatural, essa escrita mítica. Outra obra é *Choro por ti*, *Belterra*, um folhetim escrito, publicado primeiramente na versão on-line no jornal *O Tapajós*. A cada quinze ou vinte dias, Sena publicava um capítulo dessa novela e, em 2017, lançou-a na versão impressa. É uma narrativa que permeia o fantástico, o sobrenatural, o mítico amazônico; e a linguagem é primordial nessa produção, pois é o elemento que costura o enredo, o que endossa a afirmação de que o escritor desenvolveu uma forma de escrever própria em relação à linguagem utilizada em seus romances.

**1. Nome completo:**

Nicodemos Sena Silva.

**2. Qual seria a intenção do léxico recolhido em sua caderneta de anotações realizadas em uma viagem pelo rio Maró, em 1992, no Pará?**

Desde minhas primeiras leituras juvenis, em Santarém do Pará, empolgado com as novas palavras e expressões encontradas nos textos, anotava-as numa caderneta que me habituei a ter comigo e, em seguida, corria a um dicionário para decifrar-lhes os significados e significantes, exibindo

tais cabedais aos meus coleguinhas de escola, de sorte que, anos mais tarde, na faculdade de Jornalismo, em São Paulo, a caderneta de anotações que caracteriza o profissional do Jornalismo já andava comigo.

Quando, em 1992, dentro de um "barco de linha" que me levava ao rio Maró, lugar das minhas mais caras lembranças, tive o *insight* (momento de iluminação) sobre os principais personagens e situações para a saga que viria a ser o *A espera do nunca mais*, meu primeiro romance. Eu estava com uma cadernetinha nas mãos, deitado numa rede, ao lado de meus "companheiros de viagem" caboclos.

Nessa caderneta, com letras nervosas devido à trepidação do barco e à euforia por sentir que, enfim, encontrara "a questão" que moveria toda a engrenagem da história, garatujei os elementos essenciais do romance. Antes desse "instante iluminado", já anotara na referida caderneta palavras e termos típicos da vida amazônica, grande parte oriundos da raiz tupi ou sateré mawé, de cuja forte presença ainda hoje se encontram vestígios.

### 3. O léxico seria o elemento norteador inicial da escrita de seu romance?

Parte desse léxico, recolhido previamente, terminou por entrar no corpo da narrativa, mas isso é apenas a ponta visível de algo mais profundo, que eu já buscava numa espécie de "utopia da língua", aliás título de um artigo que escrevi sobre

a possibilidade de encontrarmos uma língua situada numa zona subjacente e de intersecção a várias línguas e linguajares falados na Amazônia; uma língua "pura", que seria parte de todas as línguas já deformadas pelo processo civilizatório ocidental, mas que a nenhuma destas se deixa pertencer e que é e não é, existe e não existe; uma língua, na verdade, falada menos com as palavras e mais com os sutis movimentos do corpo e do coração; a língua reprimida dos oprimidos da minha terra, mais sentida do que pronunciada, que pulsa já apenas no tempo e no ritmo da fala.

Fotografia 2 – Escritor Nicodemos Sena



Fonte: Nicodemos Sena e a reconstrução do mundo amazônico[7].

7 Nicodemos Sena e a reconstrução do mundo amazônico. Disponível em: https://www.boqnews.com/colunas/nicodemos-sena-e-a-reconstrucao-do-mundo-amazonico/. Acesso em: 15 abr. 2024.

## 4. O senhor conhecia todas as expressões recolhidas?

Isso é interessante. Quase todas as palavras do linguajar "caboclo" da Amazônia, oriundas do tupi antigo e das outras línguas que se falavam e ainda se falam na Amazônia já se encontram no dicionário da língua portuguesa (pelo menos estão no *Dicionário Aurélio*). Todavia, em estado de dicionário, apresentam-se "mortas", cadáveres de significados, desalmadas. A imposição do modelo europeu de civilização, que destroçou o *modus vivendi* do homem "selvagem" (da selva), desestruturou também o pensamento desse homem submetido à dominação econômica de uma sociedade industrial consumista assentada no modo de produção capitalista, de modo que, embora milhares de palavras criadas pelos povos autóctones tenham sido recolhidas no dicionário da língua portuguesa, prevalece, em última instância, a força persuasiva da mentalidade judaico-cristã ocidental perfeitamente afinada com a exploração do homem pelo homem, típica da sociedade capitalista.

Essa "língua da alma" e do coração, que nascia e se formava com o pulsar das águas e do vento e que movia o homem primitivo – e ainda respira dentro do homem amazônico ou brasileiro – sobrevive como um gemido de fantasma. Mais do que incrustar palavras e expressões nativas na narrativa, procuro reconectar a mente do leitor, já domada pelo discurso racional, ao ritmo e ao pulsar dessa língua ocultada e reprimida pela própria "cultura" letrada e esquemática que se ensina

nas escolas do Brasil. Procuro encontrar, em meus textos, as "palavras sob as palavras", parodiando o que disse o linguista Ferdinand Saussure no fragmento de uma carta encontrada após a sua morte:

> Quando se trata de texto, toda palavra, quanto mais clara for, mais inexprimível ela se torna, porque não existe uma só palavra ou termo no texto que seja fundado numa ideia clara e que assim, entre o começo e o fim de uma frase, somos cinco ou seis vezes tentados a refazê-la (Saussure, 1974, p. 11).

## 5. O senhor poderia falar sobre o título do primeiro capítulo da obra? Há algum diálogo com a obra *Em busca do tempo perdido*, de Proust?

Sobre o título do primeiro capítulo do *A espera do nunca mais*, é simples. Na verdade, ao começar a escrever o meu primeiro romance, eu já lera a obra do Proust (não toda, pois é imensa), mas esta não me causou aquela "nítida e perturbadora impressão" que costumam causar as obras que nos impactam; todavia, quando o meu amigo, ex-colega de Jornalismo na PUC-SP e depois doutor pela USP, Augusto Massi, leu uma cópia do protótipo dos originais que a senhora tem em mãos, lembro que ele, comentando esse primeiro capítulo, relacionou-o ao *Rapariga em flor* do Proust e até me sugeriu essa expressão para título do capítulo. Relutei. Não havia até então cogitado. Mas, diante da sugestão do meu culto e sensível amigo, terminei por modificar o título de

"Menina ou mulher" para "Rapariga em flor". Interessante que a senhora tenha notado isso.

E por que o primeiro título? Respondo: Desde o começo, na fase de ideação do romance, imaginei criar uma personagem feminina central para o meu romance que reunisse e sintetizasse em si a alma, o temperamento e a sina da nossa tão bela, mas tão infelicitada Amazônia, ao mesmo tempo inocente e terrível, sensível e áspera, refinada e bárbara, amorosa e vingativa, virgem deflorada, menina e mulher, pura e profanada. Saiu-me, assim, Diana.

O nome Diana evoca a Diana da mitologia romana, deusa da lua e da caça. Diana, a deusa guerreira Filha de Júpiter, e Latona, deusa-virgem da lua, irmã gêmea de Apolo, o deus Sol. Uma irmã (Diana) apaixonada pelo irmão (Gedeão). Amor impossível. Lembra-se da cena em que Diana, protegida pela escuridão da noite, vai visitar o irmão na "espera", entrando em seu sonho e quase levando-o à loucura? Criei a versão cabocla do velho mito do amor impossível entre o Sol e a Lua (ou o irmão Sol irmã Lua shakespeariano). Essa alusão ao mito romano é, portanto, mais intencional do que a do referido título do primeiro capítulo com a obra de Proust. Contudo, na verdade, essa relação meio incestuosa entre irmãos não é primazia do mito romano; o diálogo interior dos dois irmãos apaixonados do *A espera* encontra sua matriz, com incrível aproximação, num mito indígena semelhante, minha fonte mais próxima, mesmo sabendo de sua versão romana.

De um modo ou de outro, o meu relato do amor impossível (pois incestuoso) entre dois irmãos deve o seu encanto (se é que isso acontece) à busca da vida que pulsa no fundo da alma (ou dos tempos), nos arquétipos. Ressaltando os aspectos épicos, o *Espera do nunca mais* já foi chamado por um crítico paraense (Acyr Castro) de uma "amazoníada cabocla", em referência à *Os lusíadas*, de Camões. Mas, pela busca persistente e pertinaz da "verdade" (ou verdadeira fisionomia) que se oculta debaixo da roupagem que a civilização europeia impôs ao Grão-Pará (busca que, no campo individual das personagens principais Diana e Gedeão, se traduz na persistente pergunta pela identidade perdida), é possível estabelecer relações do *A espera do nunca mais* com a obra de M. Proust.

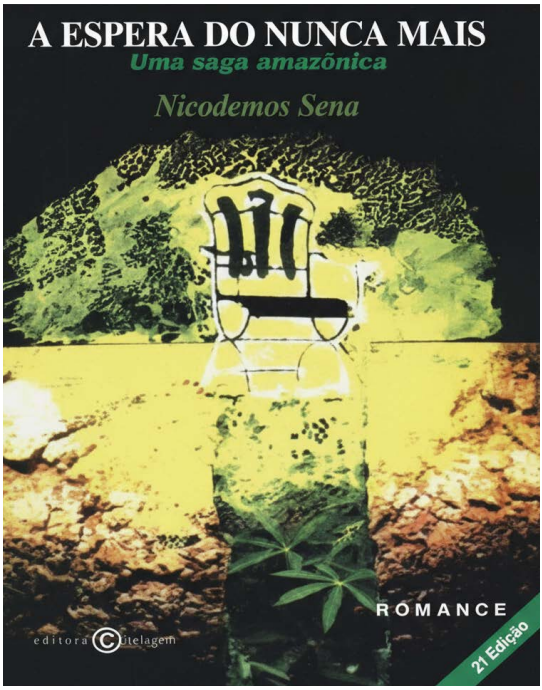
## 6. E sobre os manuscritos da obra?

Você se refere a "manuscritos" da obra, mas, infelizmente (ou felizmente?), já comecei a escrita do romance numa máquina datilográfica manual (e não "à mão") e, a partir de certo ponto da narrativa, passei a escrever num microcomputador, por volta de 1994. Manuscrito mesmo só tenho comigo um esboço dos principais personagens, alguns ambientes e rudimentos de cenas lançados nervosamente numa caderneta de viagem, no exato momento em que, depois de dois anos de leituras e pesquisas *in loco*, tive o *insight*, o raio luminoso que me abriu a visão do que seria o livro, os seus núcleos irradiadores, a sua "questão", pois por trás de toda grande obra há sempre

uma grande questão ou uma importante interrogação a ser respondida.

Uma saga como *A espera do nunca mais*, de 874 páginas, 3 partes e cerca de uma centena de capítulos, só poderia ser escrita com base num "plano de trabalho" ou um *script*, sob pena de sair obra defeituosa, com "pontas soltas". Depois das apressadas anotações do *insight*, que realizei sentado numa rede durante uma das muitas viagens que fiz ao rio Maró, o meu rio, no interior da região oeste do Pará, escrevi esse "plano de trabalho" ou *script* que deu origem aos capítulos do livro. Infelizmente, também esse *script*, em minhas andanças pelo Brasil, encontra-se "perdido". "Perdido" entre aspas, porque ainda alimento a esperança de encontrá-lo nalgum dos "disquetes" que guardei dessa época recente, mas que já parece tão antiga, tal a velocidade com que as revolucionárias invenções da informática tornam as "mídias" obsoletas. Já estamos na época do *pen-drive* e quase já não acham computadores que leiam os tais disquetes! Espero encontrar o *script* de *A espera do nunca mais* num dos disquetes que ainda não reabri. Seria interessante ver esse *script*, que lhe revelaria o quanto da intuição inicial se cristalizou na escrita do romance.

Figura 1 – Capa do livro *A espera do nunca mais: uma saga amazônica*




Fonte: Sena (2002).

## 7. Houve mudanças significativas da escrita preliminar para a versão publicada?

Algumas alterações ocorrem entre o protótipo, de 1998, e o livro que, enfim, veio a lume em 1999 pela Editora Cejup, de Belém do Pará. Por exemplo:

1) O singelo prefácio escrito por mim no protótipo é substituído pela Apresentação da lavra do crítico e jornalista

paraense Acyr Castro, pessoa então muito respeitada no meio literário paraense.

2) O título do primeiro capítulo da primeira parte, que era "Menina ou Mulher?", passa a ser "Rapariga em Flor", uma alusão ao título homônimo de Marcel Proust ("À sombra das raparigas em flor", *in Em busca do tempo perdido*, v. 2). Como disse na entrevista que me fez semana passada, várias obras, ficcionais ou não, são, direta ou indiretamente, referidas no curso do *A espera do nunca mais*.

3) Os capítulos, no protótipo, vêm identificados por números romanos, que desaparecem no volume da 1ª edição.

4) No protótipo, existe, no final do volume, antes do Glossário, o texto "Autor e sua obra", que eu mesmo escrevi e que, por sugestão minha ao editor, não foi inserido no volume da 1ª edição, porque, tendo sido escrito pelo próprio autor do livro, pareceu-me, por mais esforço que eu tenha feito no sentido de que esse texto parecesse isento, um tanto cabotino (risos).

No mais, salvo o texto de orelhas e um ou outro itálico nalguma palavra, tudo o mais foi mantido na 2ª edição (de 2003).

## 8. O senhor poderia falar sobre suas anotações da exploração da madeira e o processo da farinha, descritos em sua caderneta?

Na época em que se deu a ação do *A espera do nunca mais*, na região de selva que lhe serve de palco – rios Arapiuns (afluente do Tapajós) e Maró (um dos três rios que dão origem ao Arapiuns) –, a exploração da madeira da Itaúba para a fabricação de barcos e até mesmo para a construção de casas era (ao lado do plantio da mandioca e do fabrico da farinha) uma das atividades mais importantes na vida do caboclo.

Essa atividade aparece na ação de personagens do *A espera do nunca mais* e também de *A mulher, o homem e o cão*. Logo, tive que estudá-la, pois muito do que o homem da selva pensa decorre do meio que o circunda e daquilo que ele faz para garantir a sua subsistência. Em criança, acompanhei algumas vezes os homens nas entradas na floresta em busca dos itaubais (zonas com forte presença da espécie itaúba). Vi como derrubavam a árvore e depois todo o árduo trabalho de corte das toras e tábuas, além da maneira como eram levadas do centro da mata até o rio, de onde seguiam nos barcos para a cidade, ou para os estaleiros, nos quais se construíam os barcos. Meu "avô" Carmelino ("indígena aculturado"), padrasto de meu pai, com quem vivi a infância e a adolescência, o qual foi coletor de madeira e construtor de canoas e barcos maiores antes e depois de eu ter nascido, costumava relembrar os tempos em que viveu do trabalho com a itaúba e os barcos. Depois, ao retornar várias vezes ao rio Maró, onde ainda hoje

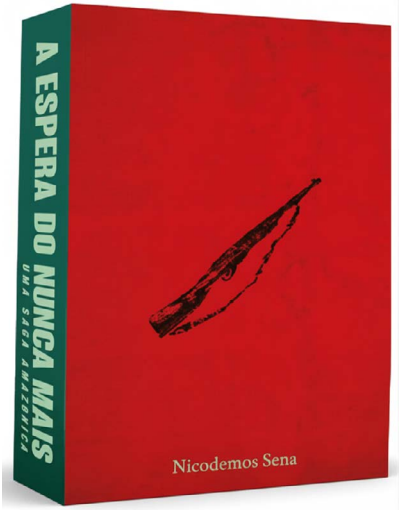
mora o meu tio Junito, continuei com este meu aprendizado sobre a exploração da "madeira de lei" e a construção de barcos de itaúba.

No interior da Amazônia, a relação do homem com o rio é seminal (leia-se *O rio comanda a vida,* Leandro Tocantins). Não é exagero afirmar que, na Amazônia, as crianças já nascem dentro do rio (*igarapé*, em tupi, quer dizer "caminho dos barcos"). E a construção de barcos é uma atividade presente na vida de todo menino, desde a mais tenra idade. Uma das brincadeiras mais envolventes na vida dos meninos da Amazônia é a construção de barquinhos de miriti ou caranã, ou mesmo do tronco do jenipapeiro (árvore de madeira leve e macia). Veja, por exemplo, na página 619 do *A espera do nunca mais*, o episódio no qual o pequeno Mica aparece com uma "miniatura de canoa, das que os curumins costumam fazer para o seu brinquedo". Quanto à compreensão da relação de exploração que se estabelece entre o caboclo (trabalhador) e o comerciante que vem da cidade (o explorador), a adquiri bem depois, quando tive a oportunidade de ler livros que me fizeram refletir criticamente sobre aquela realidade, que se ocultara sob o véu de uma (apenas aparente) inocência.

O desvelamento dessa relação econômica, injusta e desigual (a "corrente perversa", referida na pág. 502 do *A espera do nunca mais*) foi um acontecimento muito mais importante do que conhecer os processos do extrativismo vegetal na Amazônia. Sem tal compreensão, eu não poderia tornar-me um "escritor da Amazônia", assim como Tolstói

ficou conhecido como o “escritor russo”. Para representar o homem pobre e despossuído da Amazônia, com autenticidade e verossimilhança, foi preciso conhecê-lo na relação (em interatividade) com o meio e com os outros homens, muitos destes (comerciantes, fazendeiros, madeireiros, mineradores…) representando interesses antagônicos aos dos primeiros. E, acima de tudo isso, fazer um esforço em alcançar a essência (a alma) desse homem (ou dos diversos tipos de homens da Amazônia), naquilo que os aproxima de todos os homens do mundo.

Figura 2 – Capa do livro *A espera do nunca mais: uma saga amazônica*




Fonte: Sena (2020)[8].

8 Disponível em: https://kotter.com.br/loja/promocao/a-espera-do-nunca-mais/. Acesso em: 10 maio 2024.

Sobre o processo de produção da farinha de mandioca, poderia ser dito, em linhas gerais, o mesmo que acima se disse sobre a exploração da Itaúba. A "casa de farinha" é o lugar por excelência da vida comunitária no interior da Amazônia, onde ela se desenrola com todas as suas nuances de compartilhamento e solidariedade. Na casa de farinha germinam pensamentos e relacionamentos; nesse lugar, dissolvem-se todas as diferenças, onde a comunidade descobre e afirma o trabalho coletivo em benefício de todos.

Em mais de uma página do *A espera do nunca mais* vem descrita a relação humana que se estabelece na casa de farinha. Pode-se dizer, sem exageros, que a mandioca deu uma cultura à Amazônia. Daí a importância, para o escritor "amazônico", de conhecer em detalhes a produção da farinha e de todos os produtos da mandioca. Tive conhecimento pela minha vivência de Amazônia (nasci e vivi a infância e parte da adolescência no interior do município de Santarém do Pará) e também pela descrição pormenorizada que me fez a minha tia Almerinda, mulher de meu tio Junito, de quem muito já lhe falei. "Indígena aculturada" (que se extraviou de sua aldeia, mas jamais deixou de ser uma "selvagem"), levará para o túmulo o conhecimento existencial de uma ciência das mais sofisticadas: a do plantio, cultivo e aproveitamento da mandioca e seus inúmeros produtos, os quais anotei sucintamente na minha caderneta de viagem em 1992. A mandioca é a carne simbólica da gente (ou gentes) da nossa Amazônia. O tucupi e o açaí são o sangue.

Enfim, as anotações sobre a itaúba e a mandioca, na minha cadernetinha, tinham o objetivo de fornecer-me elementos que me permitissem inserir os personagens, com segurança, num ambiente real e verossímil, sem, no entanto, fechar a imaginação para os elementos subjetivos e até mesmo sobrenaturais da nossa cultura amazônica, com suas lendas, mitos e a velada relação de exploração do homem pelo homem, que se dá no interior da floresta, procurando, com isso, captar a "alma" (a psique) do que poderíamos chamar de o "homem amazônico", assim como a crítica, ao analisar as obras de grandes escritores russos (Tolstói, Gogol), chegou a cunhar o termo "homem russo". E o mais interessante é que, quanto mais "típico" se apresentar esse homem, mais universal ele será.

## REFERÊNCIAS

SENA, Nicodemos. **A espera do nunca mais**: uma saga amazônica. 2 ed. Belém: Cejup, 2002.

SENA, Nicodemos. **A noite é dos pássaros**. Belém: Cejup, 2003.

SENA, Nicodemos. **A mulher, o homem e o cão**. Taubaté: Letra Selvagem, 2009.

SENA, Nicodemos. **Choro por ti, Belterra**. 2. ed. rev. Taubaté: Letra Selvagem, 2018.

SENA, Nicodemos. **Ladrões nos celeiros**: avante, companheiros! Taubaté: Letra Selvagem, 2018.

SENA, Nicodemos. **Lá, seremos felizes**. Curitiba: Kotter Editorial, 2025.

STAROBINSKI, Jean. **As palavras sob as palavras**: os anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução de Carlos Vogt. São Paulo: Perspectiva, 1974.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Entrevista 2

# ENTREVISTA COM HÉLIO ROCHA

*Iza Reis Gomes*
*Raquel dos Santos Silva*

Fotografia 1 – Escritor Hélio Rocha




Fonte: *Site* da Universidade Federal de Rondônia[9].

9 Professor da UNIR lança a 2ª edição do livro. Disponível em: https://www.unir.br/noticia/exibir/5894. Acesso em: 20 jan. 2025.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.2

**Hélio Rodrigues da Rocha** é escritor, pesquisador e professor, com uma trajetória profundamente conectada à literatura, à Amazônia e às questões culturais e históricas que atravessam essas fronteiras. Com formação sólida – graduação em Letras pela Unesp e pela Universidade Federal de Rondônia, mestrado pela Universidade Federal do Acre, doutorado pela Unicamp e pós-doutorado pela UFRJ – Hélio reúne uma base teórica consistente aliada a uma escrita que transita entre o rigor acadêmico e a sensibilidade narrativa. Professor associado da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), atua na área de Estudos Literários, com ênfase em temas como literatura de viagem, tradução cultural, colonização e imaginários amazônicos. Seu trabalho acadêmico se desdobra em uma produção literária rica e provocadora, que dialoga com a história, a memória e os silêncios da região norte do Brasil e de outros contextos fronteiriços. Como autor, construiu um catálogo diversificado, com títulos que reconstroem narrativas esquecidas, revisita documentos históricos com olhar crítico e amplia o debate sobre identidade, cultura e poder. Entre suas obras, destacam-se: *Gaivotas* (2015), *O noroeste amazônico* (2019), *O paraíso do diabo* (2016), *Coronel Labre* (2016), *Maciary, ou para além do encontro das águas* (2012), *Microfísicas do imperialismo* (2012), *O mar e a selva* (2014), *A descoberta do grande, belo e rico império da Guina* (2017), *Aventuras de um sueco nos confins do Alto Amazonas* (2017), *Viagens pelos rios Amazonas e Madeira* (2020), *Os lengua-maskóy do chaco paraguaio* (2022), *Joana, a escrava* (2024),

*Dois americanos na Madeira-Mamoré* (2024) e *O Purus, Anália & Eu* (2024).

## 1. Nome completo:

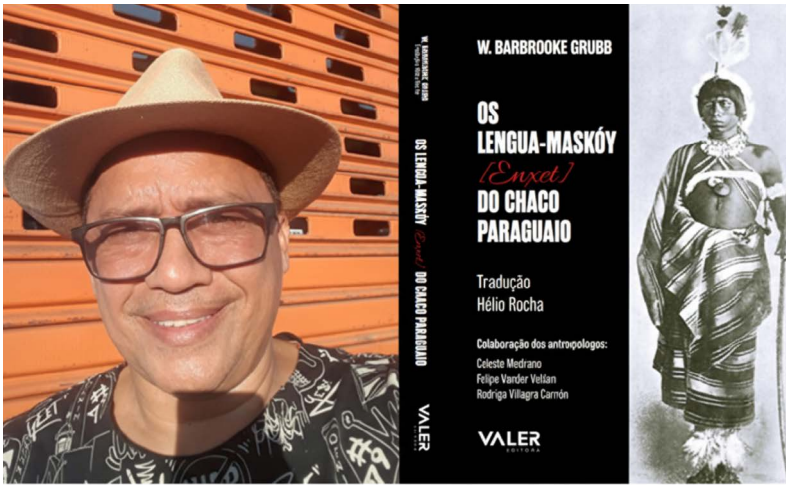
Hélio Rodrigues da Rocha.

## 2. Por que ser escritor?

Acredito que não se escolhe ser escritor de narrativas, contos, artigos, resenhas etc., mas as histórias ouvidas, quando do período de infância, adolescência e até mesmo já no período da maturidade, conduzem o nosso universo imaginativo e, obviamente, levam de bubuia para o campo da escrita.

Quem ouviu histórias como eu, nas margens do Purus, gosta de contar, recontar, acrescentar, inventariar outros tempos, outros palcos, outros personagens, outras tramas, outros jeitos de narrar, acrescentando sempre, enxergando para além do horizonte azulado dos sonhos, das nuvens avermelhadas desses inúmeros raios dos dias e os inúmeros raios estelares das noites, sejam elas estreladas, chuvosas, coriscantes, tenebrosas, cheias de uivos de almas perdidas, nas selvas do mundo, como acontece em *O Purus, Anália & Eu* (2024).

Figura 1 – Escritor Hélio Rocha e a capa do livro *Os lengua-maskóy*




Fonte: *Site* da Editora Valer[10].

## 3. Por que escrever sobre a Amazônia?

Porque nasci com ela, sou filho dela e com ela devo fazer a passagem para outros mundos. Para mim, há inúmeras Amazônias: a da minha vó Júlia, do meu pai, da minha mãe, dos Paumari e Apurinã, povos indígenas com quem convivi do nascimento em Lábrea até minha migração para outras terras amazônicas não Puruenses. Não faz sentido, para mim, deixar essa constelação de narrativas, de paisagens, de rostos, da tanta variedade da fauna e flora fora dos meus sonhos, dos meus textos, da minha imaginação, do meu espírito, porque

10 Hélio Rocha lança 'Os Lengua Maskóy', em Rondônia, nesta sexta-feira. Disponível em: https://www.blogdavaler.com/2023/09/helio-rocha-lanca-os-lengua-maskoy-em.html. Acesso em: 01 nov. 2025.

é isso tudo que sou; é esse caleidoscópio de imagens amazônicas que me constitui como sujeito amazônico, como caboclo e, naturalmente, Apurinã do Médio Purus.

## 4. Qual outra temática você aborda?

Gosto das viagens, dos viajantes intrépidos, dos corajosos, dos destemidos, dos que dão e deram a vida pela aventura, pelo desconhecido, pelo diferente de seu mundo geográfico e histórico; identifico-me com esses e aqueles viajantes que partiram para outros mundos, ou seja, viajaram geográfica, histórica e interiormente, porque ninguém permanece o mesmo quando viaja, seja lendo um livro, seja visitando ou vivendo entre outras culturas e com outros povos, outras luzes, outras crenças, outras vestimentas, outras comidas e bebidas, etc. Como diz Walter Benjamin (1985, p. 198), “quem viaja tem o que contar”.

## 5. O que é escrever Literatura no Brasil hoje?

Acreditar que servirá para instruir alguém; ajudará outros a conhecer o que conheci; tirar outros do conformismo do mundo; aclarar ideias de outros; desmantelar conceitos prontos; enfrentar a si mesmo e ao mundo sempre rumo a uma perfeição celestial, pois escrever é ascender, é viver num mundo que oscila entre o “real” e o utópico, mas que nos

permite a especulação, o espelhamento de si mesmo e de outros mundos.

## 6. A Amazônia é bem representada na Literatura Nacional? Como?

Ainda é pouco lida nas escolas, pouco conhecida dos brasileiros, tanto na escrita quanto em outras formas de arte. Muitas representações das Amazônias têm servido para museus, para estudos materialistas, para demonstrações de atrocidades e facilidades (mas nem sempre) de exploração no sentido capitalista do termo. No entanto, a Amazônia, pouco tem sido vista como um lugar de homens capazes, de pessoas inteligentes, de povos desapegados ao industrialismo destruidor das metrópoles. Refiro-me também à Amazônia cabocla, de pessoas simples, mas felizes em compartilhar o que possuem e o que sabem com o viajante, com o hóspede, com o amigo que chega.

Há sempre uma rede, uma *ini*, como se diz em Nheengatu, para o descanso nessas inúmeras margens dos rios e lagos; há sempre um rosto feliz ao receber quem chega, em especial entre as comunidades ribeirinhas. Espero que isso não soe como conservadorismo romântico, mas como consciência de que para viver na Amazônia não se precisa de tantas coisas das cidades viciadas, apressadas, abarrotadas, criminosas, angustiantes, desesperadoras, usurpadoras da vida dos seus filhos.

**7. O processo de criação é particular ou coletivo? Como é o seu? Há mais inspiração ou trabalho de criação?**

Não tem como ser particular, pois não se nasce sozinho, como dizemos no Purus. É impossível ficar sozinho em qualquer lugar que seja, como dizem alguns teóricos dos Estudos Culturais. Pensamos; somos pensamento, por isso nunca podemos estar sozinhos. Meu processo de escrita é completamente intertextualizado, hibridizado; ele nasce com a faísca de outro escritor, de outro viajante, de passagens ainda não esvaziadas, não redimensionadas na mente, nas diversas capacidades que temos sempre de reinventar. Para mim, inspiração vem da Natureza e a criação vem de leituras, de quadros, de cenas urbanas, não urbanas, das nuvens, dos voos das aves, do barulho das águas etc.

**8. Na escrita de um romance, há uma ordem a ser seguida? Um ritual? Quem vem primeiro: os personagens, o espaço, a temática ou o tempo? Poderia comentar?**

Há apenas um querer fazer e, assim, a lâmpada do Prof. Pardal se acende e começo a escrever. Mas é preciso esse querer escrever sobre algo que me excita ou me irrita; algo que ouvi e desdobrei ou algo que li e preciso desdizer. O romance se faz no cotidiano. Começa-se “assim”, mas termina-se “assado”, porque as coisas fluem, refluem, fazem ou não sentido, dependendo do tempo, do espaço. Para responder de forma direta: há um ritual onírico; sim, durante

o sono, pode-se viver essa experiência, pois a alma, acredito, sai do corpo durante o sono e vai ao mundo das ideias e ali se alimenta; ao retornar, acende a luz e a mente desperta para a urdidura da obra.

### 9. Há traços autobiográficos em suas obras? Quais? Poderia comentar?

Sim. Todo escritor escreve sobre seus sonhos, suas vivências, suas imaginações, seus familiares, seus amigos, seu tempo e espaço, seu desejo de ir além. Acredito que, nas minhas criações literárias, mesmo que ficções, vivo ou vivi tais enredos; na verdade, sinto como se vivesse em um mundo paralelo, isto é, em um devaneio, porque a obra literária se empenha para ativar a imaginação do leitor e o faz viajar.

### 10. O senhor guarda os manuscritos das obras? Poderia mostrar?

Hoje temos, em especial se publicada a obra, diversas versões do trabalho. As editoras enviam os miolos (ou bonecos) dos livros para o autor dar o seu parecer, modificar, corrigir, acrescentar etc., principalmente se for um trabalho de tradução. Às vezes, quando releio meus escritos, altero alguma coisa e, se alguém precisar dessa "gestação" da obra, posso mostrar.

## 11. Há reescrita na escrita das obras? Comente.

Sim. Todo escritor reescreve, pois ele mesmo é sempre outro. Esse ser escritor ainda está inacabado e, portanto, aberto ao mundo. Sua escrita sempre pode ser ajustada.

## 12. Quem são as suas influências?

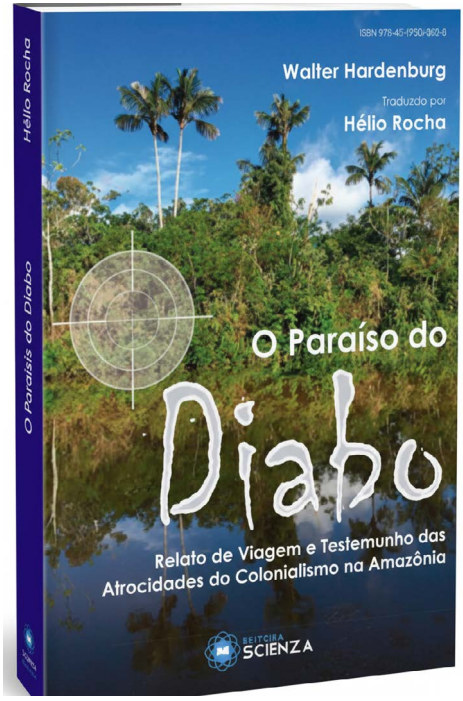
Viajantes de outras partes do mundo, não da Amazônia, mas que vieram e escreveram suas impressões sobre o lugar e sobre as pessoas sempre causaram impactos em minha vida, em meu mundo imaginário. Foi com essas representações estrangeiras sobre o Brasil e as Amazônias que iniciei meu processo de escrita. Eu precisava saber o que diziam, como diziam, por que diziam e, daí, eu poderia ver o que fazer com essas representações. Escritores brasileiros também me impactaram e são vários: Paes Loureiro, Tenório Telles, Raimundo Morais, Benedito Nunes, Dalcídio Jurandir e muitos, muitos outros escritores latino-americanos também.

## 13. Qual sua opinião sobre o cânone e a Literatura regional?

Pouco valorizado. Muitos professores, em especial no meio acadêmico, acham que seus alunos devem ler Kafka, Shakespeare etc., mas nunca os seus conterrâneos, os seus patrícios, os homens que viveram onde vive o estudante... Essa ideia imperialista de que o que é bom vem de fora ainda ronda

em muitas mentes colonizadas. Assim, sequer conhecem o seu quintal, mas papagueiam sobre terras de outros, numa espécie de ventriloquia... Eu tenho “pena” deles, porque tudo um dia acaba... E o pior é que, na hora final, não terão chances para viver o seu mundo; viveram engessados nos mundos dos ditos superiores... Isso muitos continuam fazendo, numa espécie de miopia de si mesmo, de seu tempo e de seu mundo finito.

Figura 2 – Capa do livro *O paraíso do diabo*




Fonte: *Site* da Editora Scienza[11].

11 Disponível em: https://loja.editorascienza.com.br/pd-30b4f5-o-paraiso-do-diabo.html. Acesso em: 20 dez. 2025.

### 14. Quais são seus próximos projetos? Poderia comentar? E onde podemos encontrar seus livros?

Seguir o caminho da prática de tradução de relatos de viagem. Pela internet é fácil encontrar todos os meus livros. Basta ir ao oráculo (*Google*) e colocar o meu nome ou o nome das obras. Há também livros em lojas físicas em algumas cidades do Brasil.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Maciary, ou para além do encontro das águas**. São Paulo: Baraúnas, 2012.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Microfísicas do imperialismo**: a Amazônia rondoniense e acreana em quatro relatos de viagem. Curitiba: CRV, 2012.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **O mar e a selva**: sobre a viagem de Henry Major Tomlinson ao Brasil. Curitiba: CRV, 2012.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Amazônia & heterotopias**. Curitiba: CRV, 2014.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Gaivotas**. Guaratinguetá: Penalux, 2015. v. 1.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Coronel Labre**. São Carlos: Scienza, 2016.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Coronel Labre**. 2. ed. São Carlos: Scienza, 2018.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Maciary, ou para além do encontro das águas**. 2. ed. Rio Branco: Neapan, 2018.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **O noroeste amazônico**: notas de alguns meses que passei entre tribos canibais. Rio Branco: Nepan, 2019.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **Viagens pelos rios Amazonas e Madeira (Brasil), Bolívia e Peru (1872-1874)**. Manaus: Valer, 2020.

ROCHA, Hélio Rodrigues da; SIQUEIRA, H. H. C. (org.). **Humanos e outros-que-humanos nas narrativas amazônicas**: perspectivas literárias e antropológicas sobre saberes ecológicos, tradicionais, estéticos e críticos. São Carlos: De Castro, 2023.

ROCHA, Hélio Rodrigues da. **O Purus, Anália e eu**. São Carlos: Scienza, 2024.

Entrevista 3

# ENTREVISTA COM NAIR FERREIRA GURGEL DO AMARAL

*Rosália Aparecida da Silva*
*Janaina Kelly Leite Chaves*

Fotografia 1 – Escritora Nair Gurgel do Amaral



Fonte: *Site* do jornal eletrônico *Rondônia ao Vivo*[12].

12 Entrevista com Nair Ferreira Gurgel do Amaral - Porto Velho, RO. Disponível em: https://rondoniaovivo.com/coluna/selmovasconcellos/20/2022/05/24/entrevista-com-nair-ferreira-gurgel-do-amaral-porto-velho-ro.html. Acesso em: 14 jan. 2025.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.3

**Nair Ferreira Gurgel do Amaral** nasceu em outra região brasileira, no Centro-Oeste, mais precisamente em Coxim (MS), em 13 de setembro de 1950. Porém, foi nas terras amazônicas em que ela teve seus três filhos, licenciou-se em Letras, fazendo o percurso docente do Ensino Fundamental ao Superior. Após cursar mestrado e doutorado na Unicamp, passou a compor o corpo docente dos mestrados acadêmicos em Letras e em Educação da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), onde é concursada desde o ano de 1990. Com essa reterritorialização no município de Porto Velho, cidade com cerca de 500 mil habitantes, segundo estatísticas do IBGE, e com pouco mais de cem anos de história, é que se desenvolveram novos olhares de pertencimento pluricultural. Essa região é composta por diversos públicos que migraram e que fazem a capital rondoniense possuir uma identidade diversa da encontrada em outros municípios do Estado, instalados ao longo da BR 364, marco histórico no desenvolvimento regional.

Os livros de Nair refletem esse modo de vida de gente "beradeira", tendo nas suas contribuições à literatura (obras muitas vezes assinadas em conjunto com outros professores e colegas de jornada) a marca da culinária regional (*Farinha pouca, Meu pirão primeiro: à mesa com ribeirinhos*, Editora Temática: 2015), vocabulário (*Carapanã encheu, voou: o "portovelhês"*, Editora Temática: 2015), contra o preconceito linguístico (*Itendenu as praça du Braziu: por uma educação de verdade com linguística e arte*, EDUFRO, 2009), lendas urbanas (*Acredite se quiser: projeto de leitura e produção de texto*,

2004) e lendas ribeirinhas (*Encantos do rio Madeira: histórias ribeirinhas*, Editora Temática, 2014), entre outros títulos, perfazendo mais de 20 livros publicados. É sobre essa rica experiência cultural, seu processo criativo e sua preocupação com o outro que se falará nesta entrevista.

A gravação ocorreu durante uma visita à sua casa, agendada previamente, para compor o projeto "Processos de criação na Amazônia: escritores contam suas experiências literárias", desenvolvido pelo Núcleo de Estudo: Linguagens, Literaturas e Processos de Criação da Linha de Pesquisa: Educação, Cultura e Comunicação que fazem parte do GET/IFRO – Grupo de Pesquisa em Educação, Filosofia e Tecnologias do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia. As alunas responsáveis pela entrevista foram recebidas não só de forma muito carinhosa, como também com bolo e café quente, tudo o que é preciso para ser feliz no ofício de pesquisar.

## 1. Por que ser escritora?

Ser escritora, no meu caso, foi uma identificação com a qual eu trabalho comigo desde a infância. Sempre gostei muito de ler e de escrever e, por conta disso, escolhi fazer Letras já depois de casada, já morando aqui. Porém, só comecei a escrever as primeiras coisas depois que me formei. Trabalhei muito com material publicado em jornal, depois passei a organizar livros a partir de textos de alunos. Essa coisa de mexer

com a divulgação do trabalho de outras pessoas sempre me cativou muito mais do que escrever coisas minhas. Eu comecei na escola estadual Carmela Dutra, publicando uma coletânea de textos dos alunos. Depois eu já estava no mestrado e não poderia deixar de divulgar o resultado da dissertação e da pesquisa nas comunidades ribeirinhas, precisava mostrar essa cultura. Veio, assim, como algo não muito pensado, planejado, mas como uma necessidade do trabalho que eu fazia com a pesquisa.

## 2. Por que escrever sobre a Amazônia e ribeirinhos?

Primeiramente, preciso dizer que não me considero romancista, não escrevo romance, nem novela, muito menos contos. Eu me atrevo a escrever alguma crônica e até já escrevi alguns contos sim, mas ainda não os publiquei aqui. Então, "por que escrever sobre a Amazônia" é algo simples de responder: eu me identifiquei muito com a cultura local e o meu amadurecimento intelectual aconteceu aqui, apesar de eu ser sul-mato-grossense e de as pessoas pensarem que sou daqui. Eu já tinha essa vontade, mas tudo o que eu aprendi sobre cultura, literatura, linguística e tal aconteceu aqui, cursando Letras na universidade, no doutorado, e vivendo a cultura amazônica.

Eu vim do Mato Grosso não tinha nem 20 anos. Casei-me com 16 e é natural que tenha acontecido quando eu já morava aqui. Eu acho que se você tem que falar de alguma coisa, que

você fale do seu lugar. Gosto muito de citar Tolstói e já citei em várias epígrafes aquela ideia em que ele pontua a reflexão: “se queres ser universal, começa por pintar a tua aldeia” (Tolstói, 2003, p. 1238). Universal não no sentido de ser conhecido e reconhecido; é que para falar de coisas mais abrangentes, é preciso que você conheça a sua realidade, que valorize o que é seu, sua cultura, seu povo, seu modo de falar. Cultura é muito abrangente, vai desde os falares até culinária, danças típicas e uma série de outras questões que temos visto.

A partir daí as coisas se juntaram, porque fazer pesquisa em comunidades ribeirinhas, cujo objetivo maior era trabalhar com a questão da oralidade aliada à leitura e à escrita, proporcionou-me, vamos dizer assim, a formação de um banco de dados muito rico com essas questões culturais que, inevitavelmente, vamos juntando e vendo: “o que vou fazer com isso?” Retirei dados da pesquisa, mas ainda estou aqui com esse material que não envolve só textos, mas também muitas fotos e filmagens. Falei que era hora de socializar e dar retorno para a sociedade de um modo geral, mas principalmente para essas comunidades. Foi aí que me interessei, comecei a estudar melhor as questões culturais, busquei aporte teórico e, obviamente, autores que falavam sobre cultura de um modo geral. Vi que estava em um caminho interessante, que me identificava com ele e aí fiquei, basicamente escrevendo sobre a cultura amazônica.

## 3. Que outra temática a senhora aborda quando escreve?

Fotografia 2 – Registro do encontro da entrevistadora Rosália e a escritora Nair, na biblioteca da escritora



Fonte: Arquivo da entrevistadora (2024).

Eu nem vou dizer que saio dessa questão da Amazônia. Gosto muito de tratar as questões culturais mais relacionadas às questões étnicas, ao preconceito e à discriminação, o que envolve a questão da pluralidade e do multiculturalismo. Gosto de falar das questões que envolvem indígenas, negros e pessoas portadoras de necessidades especiais. Portanto, todas essas questões que envolvem preconceito e discriminação me interessam bastante. Embora eu não tenha nenhuma especialização nessas áreas de educação especial, acho que, na parte cultural e antropológica, associada à inclusão social

dessas minorias, eu tenho alguns estudos que me dão essa possibilidade de falar sobre essa temática também.

## 4. A Amazônia é bem representada na Literatura Nacional?

Eu diria que sim, e que não (risos). Não o suficiente. Hoje a mídia já publica e divulga novelas, séries, minisséries e filmes de escritores amazonenses. Não só do Márcio Souza, mas do Milton Hatoum, mais recentemente. Não se pode dizer que a Amazônia não está bem representada nacionalmente, temos grandes escritores, mas não é suficiente, considerando a Amazônia como um todo.

A grande concentração desses escritores está em Manaus ou Belém. Vou citar dois em Belém: o João de Jesus Paes Loureiro, que fala de cultura de modo geral, e o Daniel Munduruku, indígena e grande escritor de literatura infantil principalmente, premiadíssimo. São paraenses de renome, para citar só dois. E os amazonenses que nós conhecemos: o Thiago de Mello, Milton Hatoum e o Márcio Souza.

Por meio de uma pesquisa orientada por mim no mestrado, conseguimos analisar os estados que compõem a Amazônia. Vamos tirar o Tocantins, o Mato Grosso e o Maranhão (Amazônia Legal) e deixar o Pará, Amazonas, Rondônia, Acre, Amapá e Roraima, que são os estados que têm identificação cultural muito grande, embora haja peculiaridades em cada um deles, por conta das fronteiras, dos limites, enfim, mas em relação às lendas que circulam entre esses estados, elas são

muito parecidas. Se considerarmos Mato Grosso, ou Tocantins, ou Maranhão, já vão ser outras. Não vão conhecer a lenda do Boto nem da Cobra Grande, mas sim vão conhecer lendas urbanas. Esse tipo de pesquisa nós fizemos.

No geral, temos grandes escritores e há um levantamento muito bom de gente que escreve, mas não há visibilidade para os pequenos nem para todos – digamos assim – os que escrevem. Temos excelentes escritores que divulgam, que publicam, e não têm nem onde vender seus livros.

## 5. O processo de criação é particular ou coletivo?

A pergunta contempla duas respostas: sim e não (risos). O processo de criação é coletivo, porque não faço nada sozinha e eu pertenço a um grupo. Esse grupo é que atua junto nas comunidades e, através das pesquisadoras, alunas de mestrado, é que recebo esses dados. Então é um processo coletivo nesse sentido. Porém, o processo de criação e de finalização de escrita é mais individual, porque obedece a um critério de organização que é mais próprio e característico de cada um.

## 6. Há reescrita na escrita das obras?

Muita. Muita reescrita. É por isso que digo que não é fácil escrever: senta e escreve e está pronto. A reescrita, vamos dizer, é uma constante para quem escreve. E quanto mais

se lê, mais se quer reescrever. Depois de já ter submetido a algumas leituras, eu costumo fazer isso com minhas coisas. Toda vez que leio, digo que poderia ficar melhor. Hoje, se eu fosse escrever, não faria mais assim. Há muita reescrita sim.

## 7. E como a voz da Nair Gurgel aparece dentro desses livros publicados?

A minha voz? (risos). A minha voz aparece nas entrelinhas porque é discursiva. Eu tenho falado como um discurso mesmo. Ela é uma voz que vem para dar voz (na verdade não gosto muito dessa expressão "dar voz", porque parece que se tem um poder), mas é possibilitar que essas pessoas falem. Eu me percebo nesses trabalhos como uma pessoa que oportunizou a outras pessoas, que talvez não tivessem outra chance de mostrar o que sabem fazer e escrever aquilo que vivem em suas comunidades. Acho que é pouco.

Meu próximo desafio, se é que tenho algum pela frente, é publicar livros com eles sendo autores, ou sem ser organizados por mim. Em relação aos indígenas, que eu trabalho pouco, é preciso fazer com que sejam eles mesmos os autores, mas há o Gustavo Gurgel do Amaral, que faz esse mesmo trabalho de catalogação com textos indígenas. Em vez de publicar uma coletânea com textos deles, pegar um que queira escrever e investir nele para que ele publique. É isso que temos que fazer: saber valorizar essas pessoas, porque se é difícil para gente, imagine para eles. E eles têm vontade.

O maior prazer é quando eu vejo uma criança dar o depoimento: “nossa professora, como a senhora conseguiu ser tão verdadeira, ser tão real nesse livro”. Era uma criança de uma escola daqui da cidade e eu fiquei pensando, demorei até para responder, porque o que não tem é realidade nesse livro, no sentido de que é lenda, é história de Boto, é história de Cobra Grande. O que essa criança estava querendo me dizer? Ela queria me dizer simplesmente como eu consegui fazer com que ela se identificasse com o livro? É a realidade deles.

São as palavras que ele usa aqui na cidade onde ele mora, no contexto em que ele vive. Isso para ele é real, embora a história seja fictícia, seja uma lenda. Acho que é aí que eu apareço. Ou então na fala de uma senhora idosa – recebo muitos depoimentos de mães de amigas minhas que compraram o livro de receitas – “olha, a minha mãe” (parece que livro de culinária é coisa de velha, não sabe que a culinária está em alta, tem muito chefe de cozinha muito novo), “mas como a minha mãe gostou do livro [...]”. Acredito que a ideia era essa mesma, eu jamais escreveria alguma coisa autobiográfica. Poderia escrever uma ficção disfarçada, mas deixa para, na aposentadoria, eu decidir isso.

Fotografia 3 – Escritora Nair Gurgel em sua biblioteca



Fonte: Arquivo da entrevistadora (2024).

**8. Como fomentar o escrever, o ser escritor nas salas de aula? Como foi o processo para chegar a cada um dos livros, especialmente com alunos?**

É um processo que não é fácil e sempre falo isso em minhas aulas por conta da ausência dessa prática, tanto com a leitura, quanto com a escrita […]. É difícil esse processo. A gente tentou, mas sempre temos a gratificação de encontrar esse retorno dos próprios alunos. Eles têm rejeição no começo, especialmente na reescrita, porque se acostumaram a escrever,

enquanto o professor lê, avalia e devolve para eles. Acabou, ali, o processo de criação.

Ou seja, o texto escrito, a produção ficou sem nenhuma função social. Escreve para quê? O único leitor que tem é o professor. Então é preciso resgatar tudo isso: "você vai escrever porque seus colegas de sala vão ler e saber o que você escreveu". Assim, haverá leitores a mais neste momento. Não é fácil, mas continuamos acreditando nisso, continuamos falando sobre isso, embora saibamos que pouquíssimos professores conseguem fazer isso. E não estou fazendo crítica ao professor que não faz; não é porque não quer, mas sim porque é difícil mudar.

**9. E os próximos desafios? A senhora, que tem mais de 20 livros publicados... quais são seus próximos projetos?**

Não sou muito de fazer planos. Nesse ano que passou, meu Lattes ficou praticamente sem produção. Sou assim: um ano escrevo e no outro… Este ano começou com tudo. Já escrevi muita coisa. E pretendo escrever mais um livro de literatura infantil. Não sei se vou continuar falando da cultura amazônica, das lendas, ou se vou partir para algo diferente. Se for para falar de cultura amazônica, tenho ainda muito o que falar. Tenho coisas escritas já. E quero fazer um livro solo, de teoria. Quero fazer porque tenho muitos pedidos e porque as pessoas têm solicitado um livro sobre identidade e Amazônia. Comecei fazendo um artigo e quero ampliá-lo para um livro. E

quero fazer um livro sozinha, não sei quando. Talvez quando me aposentar.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; AMARAL, Gustavo Gurgel do. **Acredite se quiser**. Porto Velho: EDUFRO, 2004.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Intendenu as praça du Braziu**: por uma educação de verdade, com linguística e arte. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Encantos do rio Madeira**: histórias ribeirinhas. Porto Velho: Temática, 2014.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do; TEZZARI, Neusa dos Santos; GABLER, Iracema; GRANJEIRO, Glória Valladares (org.). **Farinha pouca, meu pirão primeiro**: à mesa com os ribeirinhos. 2. ed. Porto Velho: Temática, 2014.

AMARAL, Nair Ferreira Gurgel do. **Carapanã encheu, voou**: o "portovelhês". Porto Velho: Temática, 2015.

TOLSTÓI, Liev. **Anna Kariênina**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Entrevista 4

# ENTREVISTA COM CLEDENICE BLACKMAN

*Queila Barbosa Lopes*
*Iza Reis Gomes*

Fotografia 1 – Escritora Cledenice Blackman



Fonte: Revista *online Gazeta de Rondônia*[13].

13 Professora Dra. Escritora Cledenice Blackman é agraciada com a Cruz do Mérito Acadêmico e Profissional. Disponível em: https://gazetarondonia.com.br/noticia/2634/professora-dra-escritora-cledenice-blackman-e-agraciada-com-a-cruz-do-merito-academico-e-profissional. Acesso em: 10 jul. 2024.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.4

**Cledenice Blackman** é uma voz comprometida com a memória, a identidade e as histórias que atravessam fronteiras. Doutora em Educação pela Unesp e com mestrados em História e Estudos Culturais no Brasil pela UNIR e na América Latina, sua formação transita entre diferentes campos do saber — da História à Pedagogia, da Biblioteconomia à Educação — sempre com um olhar atento às contribuições dos(as) afro-antilhano(as) na Amazônia brasileira, especialmente em Porto Velho. Mais do que pesquisadora, é uma guardiã da memória cultural afro-antilhana, atuando com dedicação em temas como patrimônio, identidade, gênero, imigração e cultura. Seu trabalho também se estende à construção e gestão de espaços de memória — bibliotecas, centros de documentação, museus e editoras — entendendo que a preservação do conhecimento é também um ato de resistência e valorização. Foi professora de História por mais de duas décadas na rede municipal de Porto Velho e atuou como bibliotecária-documentalista no Instituto Federal de Rondônia. É pesquisadora do GET/IFRO, membra da Academia Rondoniense de Letras (cadeira nº 36, cujo patrono é Henry Major Tomlinson) e reconhecida como Dama Comendadora pela Câmara Brasileira de Cultura. Cada passo de sua trajetória ecoa o compromisso com as histórias silenciadas — principalmente das mulheres afro-antilhano-brasileiras —, trazendo à luz vozes que merecem ser ouvidas, lidas e lembradas. Recentemente, recebeu o Prêmio Nacional Erê Dendê/2025 pelo livro infantil e juvenil *Do mar do Caribe à beira do Madeira: a travessia de uma família de Barbados para o Brasil*.

## 1. Nome completo:

Cledenice Blackman.

## 2. Por que ser escritor(a)?

Para evocar a voz dissonante e decolonial dos(as) que são vistos socialmente como os(as) marginalizados(as).

## 3. Por que escrever sobre a Amazônia?

Porque queria, inicialmente, elucidar quem eram os(as) imigrantes que vieram do Caribe inglês para região amazônica, principalmente para Porto Velho e que foram generalizados(as) por mais de cem anos como sendo “barbadianos(as)”. Com a minha pesquisa, foi possível desmistificar esse ideário e, atualmente, utilizo a nomenclatura afro-antilhana para designar a imigração de Barbados, Granada, Trininad and Tobago, São Vicente e demais ilhas inglesas caribenhas. Consequentemente, compreender o motivo da imigração/diáspora, bem como as culturalidades e suas identidades, dentre outras questões e porque sou descendente de barbadianos(as) que chegaram ao Brasil por volta de 1908.

Figura 1 – Divulgação do livro de Cledenice Blackman




Fonte: Portal da Amazônia[14].

## 4. Qual outra temática você aborda?

Abordo a temática das mulheres imigrantes afro-antilhanas inglesas, sua descendência e importância no processo educacional portovelhense, entre outros temas, como Biblioteconomia, Amazônia Negra e Historiografia decolonial.

14 História de professoras afro-antilhanas em Porto Velho é narrada em livro – por Clarissa Bacellar. Disponível em: https://portalamazonia.com/jotao-escreve/historia-de-professoras-afro-antilhanas-em-porto-velho-e-narrada-em-livro/. Acesso em: 15 jul. 2025.

## 5. O que é escrever no Brasil hoje?

Infelizmente temos um Brasil com baixa prática de leitura, o que impacta nas publicações e na escrita. Dessa forma, escrever, no Brasil, é para um grupo seleto, o que limita a disseminação de novas obras e o diálogo entre leitores e escritores.

## 6. A Amazônia é bem representada na Literatura Nacional? Como?

Temos alguns expoentes, a exemplo de Milton Hatoum, Márcio Souza, Neide Gondim (em memória), Vicente Salles (em memória). Porém, destaco que precisamos avançar no espaço de produção literária e cultural.

## 7. O processo de criação é particular ou coletivo? Como é o seu? Há mais inspiração ou trabalho de criação?

O meu processo de criação foi particular, pois iniciei observando e relacionando os vazios na historiografia regional de estudos sobre a diversidade identitária negra entre os(as) afro-antilhanos(as) de nacionalidades diversas e que foram, ao longo da história, homogeneizados como sendo "barbadianos(as)". Constatei esse fato no ano de 2005/2006, quando iniciei o bacharelado em história. Nesse período de 2005/2006, iniciei a busca documental em acervos diversos como: Biblioteca Nacional, Centro de Documentação Histórica

de Rondônia – CDH-RO; Centro de Documentação Histórica do Tribunal de Justiça de Rondônia – CDH-TJRO; Biblioteca localizada no 5º Batalhão de Engenharia de Construção, além de pesquisas utilizando o buscador Google, bem como entrevistas e jornais, como o Alto Madeira, Estadão, entre outros. Nesse contexto, acredito que há um processo criativo que, em certos momentos, há bases de inspiração, como por exemplo: no início do meu processo de escrita, lá pelos anos de 2009, eu assistia à abertura da minissérie *Mad Maria*.[15]

Acredito que o som do apito da Maria Fumaça (trem) trazia as memórias e histórias que ouvia durante a minha infância, pois minha família morava à beira do rio Madeira, na linha férrea, próximo à placa do km 1 da Estrada de Ferro Madeira Mamoré (EFMM), no bairro Triângulo, em Porto Velho. Dessa forma, todos os sábados e domingos, a partir das 8h da manhã, acordávamos com o som da partida da Maria Fumaça que saía da estação da EFMM (praça da EFMM) e ia até a Cachoeira Santo Antônio (ida e volta desse percurso até às 18h durante todo o final de semana).

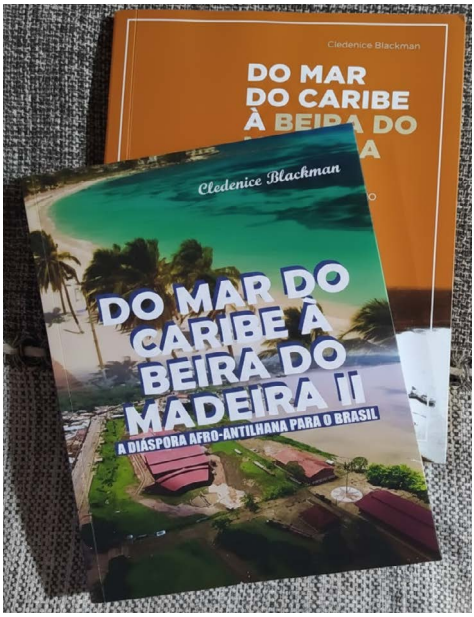
15 Minissérie *Mad Maria*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QT9DfWVHtc0. Acesso em: 20 maio 2024.

**8. Como foi o processo de escrita de seus livros? Qual foi a motivação? O que você pretende obter com a leitura de seus livros pelos leitores? Poderia comentar?**

O processo de escrita foi, inicialmente, uma busca acadêmica e, no decorrer do processo, tornou-se um projeto mais pessoal em busca das identidades perdidas e/ou generalizantes acerca da imigração negra do Caribe Inglês (da qual sou originária/descendente). Minha bisavó Constancia Goodrich e meu bisavó Presto Blackman (ferroviário da EFMM) imigraram de Barbados no ano de 1908 para Belém e, no ano de 1910, chegaram a Porto Velho impulsionados pelo projeto de engenharia ferroviária Estrada de Ferro Madeira Mamoré. Meu avô, Elton Blackman, também foi ferroviário da EFMM, assim como seu pai, que falava bajan, inglês e português. A irmã dele, Olga Blackman, se casou com Geraldo Squires, filho de imigrantes barbadianos. Geraldo havia imigrado para Belém e abrasileirou seu sobrenome para Siqueira após chegar a Porto Velho. Assim, minha tia-avó passou a se chamar Olga Siqueira. De maneira breve, essas histórias familiares e outros agrupamentos nos motivou a buscar e a querer saber/ver algumas referências[16].

16 Todas as referências citadas pela entrevistada encontram-se ao final da entrevista.

Figura 2 – Capa das versões do livro
*Do mar do Caribe à beira do Madeira I* e *II*




Fonte: *Blog* Banzeiros[17].

## 9. Por que eram designados de barbadianos(as) pela historiografia regional/nacional/internacional?

No livro *Do mar do Caribe à beira do Madeira: historiografia*, *cultura e imigração* (2019), são destacados alguns fatores que explicam essa designação, como o preconceito e a homogeneização de culturas. Essa homogeneização tem

17 Entre o rio Madeira e o mar do Caribe – a diáspora revisitada – escrito por José Carlos. Disponível em: https://www.banzeiros.com.br/2022/08/06/entre-o-rio-madeira-e-o-mar-do-caribe-a-diaspora-revisitada/. Acesso em: 20 maio 2024.

origem nos séculos XIX e XX, quando viajantes europeus e norte-americanos paravam em Barbados (que era uma ilha de apoio à viagem até o porto de Belém) e muitos barbadianos(as) também embarcavam nessas viagens, além de populações de diversas nacionalidades de colonização inglesa e que compartilhavam características em comum, como o fato de serem negro(as), falarem inglês e usarem vestimentas parecidas. Assim, a categoria "barbadiano(a)" era utilizada no sentido de homogeneizar uma comunidade pluricultural, dentre outras questões que elencamos em nossas pesquisas. É importante destacar que essa designação de "barbadiano(a)" é genérica, homogeneizante e estigmatizada por se tratar de um grupo formado por negros(as). Nesse sentido, a nossa pesquisa de mais de dezoito anos tem contribuído para o mapeamento das diversas identidades dos imigrantes do Caribe Inglês.

## 10. Quem eram os(as) afro-antilhanos(as)?

São os(as) imigrantes das diversas ilhas caribenhas inglesas: Granada, Jamaica, São Vicente, Guiana Inglesa, dentre outras ilhas e não somente de Barbados que identifiquei ao longo do meu processo acadêmico/historiográfico.

## 11. Por que ficaram em Porto Velho? Dentre outras indagações?

Algumas famílias de imigrantes não conseguiram retornar por falta e/ou dificuldades financeiras. Além disso, as ilhas eram

populosas e muitos não tinham empregos, apesar de terem formação técnicas, como: bombeiro hidráulico, doceiras, enfermeiras, professoras [...] alguns imigrantes da primeira geração conseguiram a nacionalização brasileira, tiveram filhos(as) no Brasil, adquiram bens materiais, laços emocionais com o lugar, dentre outras motivações.

## 12. Há traços autobiográficos em suas obras? Quais? Poderia comentar?

Sim. Muito dos registros e da motivação em escrever a história da população afro-antilhana para o Brasil surgiu das minhas memórias afetivas e das vivências no bairro Triângulo à beira do Madeira, pois convivi com muitas famílias ferroviárias, imigrantes caribenhos(as). Inclusive o meu avô, Elton Blackman, era ferroviário da EFMM, falante do Bajan e do português, músico nascido em Porto Velho.

Também temos vários traços biográficos, a exemplo do livro *Do mar do Caribe à beira do Madeira: historiografia, cultura e imigração* (2019), no qual faço algumas analogias históricas com o modelo/arquitetura de casas de madeira, que são as portas e janelas que abrem para fora, chamadas *Chatell House.*

## 13. A senhora guarda os manuscritos das obras? Poderia mostrá-las? Alguma foto?

Sim, tenho manuscritos, anotações, esquemas que fazia durante o processo de escrita das obras literárias.

## 14. Há reescrita na escrita das obras? Comente.

Sim, o texto é sempre revisitado e aprimorado. Um exemplo é que, até o ano de 2016, eu utilizava a categoria "antilhanos(as)". E a partir do segundo semestre desse mesmo ano comecei a utilizar a nomenclatura "afro-antilhanos(as)" no sentido de que os descendentes pudessem ter resguardados os direitos conquistados em relação às políticas de promoção à igualdade racial, como a lei de cotas em concursos públicos [...], dentre outras.

## 15. Quem são as suas influências?

Minhas influências são a vivência e a memória afetiva, em especial a literária, associada a autores e autoras que estão fundamentados(as) na perspectiva decolonial.

## 16. Qual sua opinião sobre o cânone e a Literatura regional?

Houve a intenção de homogeneizar uma comunidade plural, formada por imigrantes das diversas ilhas inglesas que

vieram para o Brasil, mais especificamente para a Amazônia, sendo os estados do Pará, do Amazonas, de Rondônia e, principalmente, sua capital Porto Velho, os receptores decisivos dessas famílias caribenhas... outras famílias partiram para outras regiões brasileiras. Porém, a historiografia/cânone de uma versão eurocêntrica traduz a cultura de forma categorizada, padronizada e que vai sendo absorvida por essa homogeneidade cultural como sendo universal, nacional e regional.

**17. Quais são seus próximos projetos? Poderia comentar? E onde podemos encontrar seus livros?**

Estou desenvolvendo alguns projetos no sentido de disseminar a nova versão historiográfica/narrativa afro-antilhana a qual construí por intermédio da produção literária para chegar às instituições de ensino municipal, estadual e federal. Além disso, com o objetivo de atender à Lei 10.639/2003, procuro deslocar o cânone da visão eurocêntrica para uma visão decolonial e pluricultural a qual a comunidade afro-antilhana desempenhou ao longo do processo histórico-cultural, mas que foi uniformizada pelo viés de uma versão colonizadora. Nesse sentido, tenho um projeto aprovado pela Lei Paulo Gustavo: Edital 001/2023/FUNCULTURAL/PMPV: *Do mar do Caribe à beira do Madeira: educação, arte e cultura cinematográfica em instituições de ensino*. Por fim, estou produzindo, desde outubro de 2023, um livro infantojuvenil intitulado *Do mar do Caribe à beira do Madeira: a travessia de uma família de Barbados*

*para o Brasil* (*From the Caribbean sea to the Madeira's bank: a family's crossing from Barbados to Brazil*).

Com essa nova perspectiva afro-antilhana, vou deixar aqui alguns *links* de acesso e referências para fundamentação do projeto *Do mar do Caribe à beira do Madeira*.

## REFERÊNCIAS

BLACKMAN, Cledenice. **Os barbadianos e as contradições da historiografia regional**. 2007. Monografia (Bacharelado em História) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2007.

BLACKMAN, Cledenice. **Negros antilhanos em Porto Velho**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Pablo de Olavide (Espanha) em parceria com a Universidade de Múrcia (Espanha) e a Fundação Universidade Federal de Rondônia (Brasil), 2010.

BLACKMAN, Cledenice. Os imigrantes antilhanos de Porto Velho. *In:* CAMPOS, A. P.; GIL, A. C. A.; SILVA, G. V. da; BENTIVOGLIO, J. C.; NADER, M. B. (org.). *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL UFES/UNIVERSITÉ PARISEST/UNIVERSIDADE DO MINHO: TERRITÓRIOS, PODERES, IDENTIDADES (TERRITOIRES, POUVOIRS, IDENTITÉS), 3., 2011. **Anais eletrônicos** [...] Vitória: GM Editora, 2011. Disponível em: https://oestrangeiro.org/wp-content/uploads/2014/12/os-imigrantes-antilhanos-de-porto-velho.pdf. Acesso em: 29 nov. 2025.

BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: a comunidade antilhana de Porto Velho. 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2015.

BLACKMAN, Cledenice. Um século de imigração afro-antilhana no Brasil. *In*: BAENINGER, R; PERES, R.; FERNANDES, D; SILVA, S. A. de; ASSIS, G. A.; CASTRO, M. da C.; COTINGUIBA, M. P. (org.). **Imigração haitiana no Brasil**. São Paulo: Paco Editorial, 2016. v.1, p. 65-84.

BLACKMAN, Cledenice; BURGEILE, Odete. A representação historiográfica sobre os afro-antilhanos em Porto Velho. *In*: BAENINGER, R.; PERES, R.; FERNANDES, D.; SILVA, S. A da.; ASSIS, G. de O.; CASTRO, M. da C. G.; COTINGUIBA, M. P. (org.). **Imigração haitiana no Brasil**. São Paulo: Paco Editorial, 2016. v.1, p. 85-93.

BLACKMAN, Cledenice. Cultura antilhana em Porto Velho. *In*: III CONGRESSO INTERNACIONAL DO NÚCLEO DE ESTUDOS DAS AMÉRICAS (NUCLEAS). Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos** [...]. Disponível em: https://oestrangeirodotorg.files.wordpress.com/2014/12/cultura-antilhana-em-portovelho.pdf. Acesso em: 29 mar. 2017.

BLACKMAN, Cledenice. A imigração afro-antilhana inglesa para o Brasil, trabalho e memória. *In*: BAENINGER, R.; BÓGUS, L. M.; MOREIRA, J. B.; VEDOVATO, L. R.; FERNANDES, D.; SOUZA, M. R. de; BALTAR, C. S.; PERES, R. G.; WALDMAN, T. C.; MAGALHÃES, L. F. A. (org.). **Migrações sul-sul**. 2. ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População Elza Berquó Nepo/Unicamp, 2018. p. 901-910.

BLACKMAN, Cledenice. A Imigração afro-antilhana para o Brasil, historiografia e identidade. *In*: AGUIAR, V. A. S. (org.). **O lugar da história e dos historiadores nas Amazônias**. Macapá: UNIFAP, 2018. p. 54-66.

BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: historiografia, cultura e imigração. Appris: Curitiba, 2019.

BLACKMAN, Cledenice. Cultura à moda afro-antilhana em Porto Velho. *In*: BLACKMAN, Cledenice; SILVA, Gilberto Paulino da; PEREIRA, Rosa Martins Costa (org.). **Dossiê Rondônia "o rio que nos une"**: educação, migração e cultura nestas paragens. Porto Velho: Temática, 2019. p. 205-224.

BLACKMAN, Cledenice; ARENA, Dagoberto Buim; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. Afro-antilhanos em Porto Velho, Brasil: história, cultura e alfabetização. **Humanidades & Inovação**: educação formal e não formal, cultura e currículo II, Palmas, v. 7 n. 7, p. 48-62, mar. 2020. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2479. Acesso em: 10 jun. 2020.

BLACKMAN, Cledenice. **A mulher afro-antilhana de Porto Velho e a sua anterioridade na educação**. 2025. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Marília, 2020.

BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira II**: a diáspora afro-antilhana para o Brasil. From the Caribbean sea to the Madeira's Bank II: The Afro-Antillean Diaspora to Brazil. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2022.

BLACKMAN, Cledenice. **Do mar do Caribe à beira do Madeira**: a travessia de uma família de Barbados para o Brasil. From the Caribbean se ato the Madeira's bank: a family's crossing from Barbados to Brazil. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2024.

BLACKMAN, Cledenice. Do mar Caribe à beira do Madeira: contribuição afro-antilhana na constituição do Estado de Rondônia e município de Porto Velho. **Divulga CI**: Revista de Divulgação Científica em Ciência da Informação, v. 2, p. 1-5, 2024. Disponível em: https://www.divulgaci.labci.online/v-2-n-1-jan-2024/do-mar-caribe-a-beira-do-madeira-contribuicao-afro-antilhana-na-

constituicao-do-estado-de-rondonia-e-municipio-de-porto-velho-por-cledenice-blackman/. Acesso em: 24 mar. 2025.

BLACKMAN, Cledenice; VEIGA, Miriã Santana; PIMENTA, Jussara Santos. I Festival Internacional do Mar do Caribe à Beira do Madeira - Semana Barbados X Brasil: uma ação emancipadora. **Revista Humanidades e Inovações**, v. 9, n. 3, p. 337-350, 2022. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/5544 . Acesso em: 22 jan. 2025.

Entrevista 5

# ENTREVISTA COM CRISTINO WAPICHANA

*Iza Reis Gomes*
*Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina*
*Shelton Lima de Souza*

Fotografia 1 – Escritor Cristino Wapichana



Fonte: *Site* do Museu de Arte de São Paulo[18].

18 Literatura originária, com Cristino Wapichana. Disponível em: https://mam.org.br/evento/literatura-originaria-com-cristino-wapichana/. Acesso em: 25 jul. 2024.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.5

**Cristino Wapichana** nasceu em julho de 1971, é natural de Boa Vista (RR) e reside, atualmente, em São Paulo (SP). É escritor, contador de histórias, ativista e colabora para a difusão da cultura indígena. Patrono da Cadeira 146 da Academia de Letras dos Professores (APL) da Cidade de São Paulo, é autor do livro *A boca da noite* (Zit Editora, 2016, ilustrado por Graça Lima), traduzido para o sueco/dinamarquês, vencedor da Estrela de Prata do Prêmio Peter Pan 2018, do *International Board on Books for Young People* (IBBY).

Foi o escritor brasileiro escolhido pela Seção IBBY Brasil para figurar a Lista de Honra do IBBY 2018. Recebeu o Prêmio FNLIJ 2017 nas categorias "Criança" e "Melhor Ilustração", 3º lugar no Prêmio Jabuti 2017 e Selo *White Revens* – Biblioteca de Munique 2017. Sua obra *O cão e o curumim* (Editora Melhoramentos, 2018, ilustrado por Taisa Borges) foi finalista do Prêmio Jabuti 2019 na categoria juvenil, tendo recebido o selo Altamente Recomendável FNLIJ 2019 e participado do Catálogo de Bolonha 2019.

Cristino Wapichana também escreveu *A cor do dinheiro da vovó* (Editora Edebê, 2019, ilustrado por Alyne Dallacqua), *Ceuci, a Mãe do pranto* (Editora Estrela Cultural, 2019, ilustrado por Jô Oliveira), *A onça e o fogo* (Editora Amarilys, 2009), *Sapatos trocados: como o tatu ganhou suas grandes garras* (Editora Paulinas, 2014, selo Altamente Recomendável – FNLIJ 2015) e *A oncinha Lili* (Editora Edebê, 2014). Entre outros prêmios importantes, recebeu a Medalha da Paz – Mahatma Gandhi 2014 – e teve livros selecionados para o clube de leitura

da ONU 2021. Integra a coordenação do NEARIN - Núcleo de Escritores e Artistas Indígenas/INBRAPI.

## 1. Por que ser escritor?

Não foi um planejamento. Não tive muita escolha de possibilidades de profissão. A minha vida escolar foi muito pausada. Terminei o EJA em 2004. Eu passei primeiro pela música. Eu comecei a estudar música em 1992.

Depois, em 1997, comecei a dar aula de música em Roraima até 2007. Achava que esse era o caminho, o musical. Quando me mudei em 2008 para o Rio, a ideia ainda era estudar música, mas pelo caminho comecei a fazer eventos com o Daniel Munduruku em um encontro de escritores indígenas que ainda acontece no contexto do salão da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil).

Desde 2003, nós tínhamos um *stand* dentro do salão; em 2005, eu conheci o Daniel Munduruku e comecei a ajudar na produção até 2014. Nessa época, nós tínhamos ali uns oito autores de literatura indígena e hoje nós temos mais de 70 graças a esse evento que nós fazíamos.

Nesses encontros, oferecíamos oficinas de escrita, de ilustração, bate papo com o ilustrador, bate papo com o editor, então ali se abriam muitas portas porque tínhamos o contato direto com a editora. Muitos escritores começaram a publicar por ali. Eu me dediquei mais a outros planos e não escrevia.

Escrevi, no início de 2000, uma história que não finalizei. Escrevi 36 páginas, mas senti uma carga espiritual muito forte e eu não estava preparado para isso. Decidi me preparar, ganhar corpo, finalizar, publicar e fazer um filme, mas desde então ainda não mexi. Mas já me sinto preparado para fazer a finalização dessa primeira história. No entanto, eu tenho uma enxurrada de trabalhos para fazer e ainda não dá. Em 2007, eu comecei com poesias, mas não deu certo. Fiz escrita de algumas músicas, letras e composições, mas compor também não era a onda. Em 2008, fiz um reconte *A onça e o fogo* que ganhou o Tamoio em 2008 e que foi publicado em 2009. Aí eu comecei; não foi tão intencional, não sei se posso chamar de acidental, porque pelo caminho que eu estava envolvido eu fiz cinema e eu não sabia que ia passar por isso.

Então passei pela música, pela produção cinematográfica e pela literatura. E isso me deu muitas possibilidades para a escrita, para a fala, para a visão de mundo, para a pesquisa, para tudo. Continuei produzindo com outros escritores vários eventos indígenas em muitos lugares junto com Daniel Munduruku, mas só publiquei novamente em 2014. Deu para publicar dois livros: *A oncinha Lili* e *Sapatos trocados*.

Em 2015, eu fui para o Salão do Livro em Paris com o livro *Sapatos trocados*, que passou a fazer parte do acervo da FNLIJ. Esse livro também foi para a feira de Frankfurt. Parei de publicar e parei de fazer eventos com os outros escritores. Abandonei essa produção e resolvi me dedicar à escrita. Então, em 2014, eu participei do concurso Tamoio com o texto *A*

*boca da noite* e ganho a menção honrosa. O livro foi publicado em 2016. Em 2017, ele recebeu os dois maiores prêmios da FNLIJ e o prêmio Jabuti. Esse livro já foi para a Grécia, Suécia, Dinamarca. Há publicação dele em Roma e em várias cidades da Itália. Em 2018, ele recebeu o selo da biblioteca de Munique. Então, em 2016, eu entendi que nessas linhas das artes era a escrita que ia me levar. Se eu vou falar, quem está me levando sempre é a escrita. É uma consequência da escrita. Então, a partir do Jabuti eu reconheci que a minha profissão seria escritor.

## 2. Por que escrever?

Há algo interessante que aprendi em 2014 com a história *A boca da noite*. Foi aí que eu entendi que as histórias são donas de si, elas se materializam quando desejam. Elas precisam de alguém que tenha esse respeito, que ganhe esse direito de materializar. Cada história segue o seu caminho, mas elas se materializam no tempo delas. Há três histórias que estão nesse caminho, não foram publicadas ainda. Eu estou esperando o tempo de elas maturarem e, nesse processo, as pesquisas são importantíssimas.

Quando eu recebi a ideia de escrever a história dos passarinhos, na época em que eu a aceitei, perdi o prazo, levou um tempo e a história não veio. No entanto, eu continuei pesquisando sobre e, quando ela chegou, eu já sabia muito sobre o beija-flor, bem como as muitas funções dele comparadas

com as semelhanças que temos com ele. Foi essa a ideia que eu escrevi. Eu entendo as histórias dessa forma, vindo no seu tempo. Elas ficam maturando o tempo inteiro, ficam rodando na cabeça, mas uma hora vão chegar. Tudo o que a gente escreve em literatura indígena tem a espiritualidade, tem a cosmologia, tem a questão do respeito ao velho, a fala das nossas crenças, dos nossos heróis e das nossas lutas.

Essa é uma ideia mais ou menos no geral. Eu sinto que é uma missão, mas eu não sinto que é uma obrigação, porque se eu tiver essa obrigação, ela me tira esse direito, essa oportunidade que a história está me dando, porque aí eu começo a obrigá-la também a seguir alguns caminhos que ela não está afim. Então eu escrevo porque tenho uma missão e o meu melhor caminho de voz e de fala é a escrita. Eu conto história, mas a minha contação de história fica muito distante da poética que tem a escrita, pois contar é uma outra coisa. Então eu entendo como uma missão e, enquanto eu sentir essa missão, eu vou escrever. E é uma missão linda! A arte encanta. E quando você a deixa se materializar, quando você passa por ela, ela te chama, ela fala contigo. Quando você lê, ela te chama para uma reflexão. Então, quando a arte é livre, ela vem.

Fotografia 2 – Cristino Wapichana e seus livros infantis e juvenis




Fonte: *Blog* Arte Leituras[19].

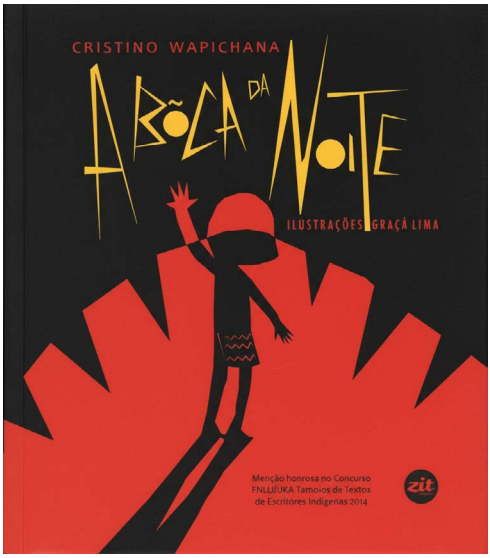
## 3. Como surge a temática nas suas obras?

Não tem. Na verdade, ela vem surgindo. Nosso maior problema hoje é climático e aí há milhares de formas de falar sobre o clima, mas nada mais chato do que o leitor pegar uma história que não tem curva, que não tem simbologia. O mais

19 Literatura indígena de Roraima. Disponível em: https://arteleituras.blogspot.com/2018/03/literatura-indigena-de-roraima.html. Acesso em: 14 set. 2025.

importante numa escrita são as simbologias, aquilo que te liga com a personagem, com o criador. Essa simbologia que a maioria dos autores não consegue captar, não consegue entrar na obra. Algumas obras realmente têm essa força mágica dentro delas, que é o que move.

Figura 1 – Capa do livro *A boca da noite*




Fonte: Wapichana (2016).

## 4. Como foi a sua inserção nesse universo da literatura indígena? Como é escrever essa literatura que alguns denominam como indígena?

Literatura é literatura. O problema que a gente tem que pontuar é exatamente pela desinformação, pela ignorância

das pessoas, pelo desrespeito dos outros autores, pela nomenclatura que o antropólogo dá também. Quem foi que falou que é uma literatura indígena? Nomenclatura é só nomenclatura. Alguém deu porque achou que era necessário fazer. Nesse momento é necessário porque marca um território, marca uma categoria, mas o ideal seria não ter nenhuma marcação. Pelo fato de estarmos em um nível de competição altíssimo, a galera lá de cima se incomoda, acha que é uma forma de nos beneficiar.

**5. Fale um pouco sobre o seu processo de criação.**

Primeiro tem que ter o tema. Eu costumo explicar que esse tema é aquela pessoa que te chamou a atenção em algum lugar. E aí você tem uma aproximação, começa a pesquisar até que chega o momento em que ela se aproxima e te cumprimenta. E você continua a pesquisa, continua pensando até que chega um dia em que ela te chama e você começa a história. Você passa por todas as situações de um casal que se gosta e chega ao final. Nesse ápice, é ela, a arte, que escolhe o lugar, o dia, a roupa, tudo. É ela quem tem todo o domínio para isso. E aí você finaliza, pede passagem. A escrita nos dá essas oportunidades.

Figura 2 – Capa do livro *Fogo, gente!*




Fonte: Wapichana (2023).

**6. Na sua escrita há uma ordem, você obedece a algum ritual? O que vem primeiro: o personagem ou o tema?**

Não, vem o tema. E quando aparecem os personagens, eu tenho que pesquisar sobre eles, conhecê-los, entender o que eles querem, a idade, qual é a filosofia deles, como eles veem a vida. Tudo isso para, quando eles falarem, as pessoas os entenderem. São coisas naturais da vida.

**7. Há traços autobiográficos na sua produção literária?**

Sim, especialmente em *O cão e o curumim*. Eu aprendi com o Bartolomeu Campos de Queirós, o mago da palavra. Tive o privilégio de conhecê-lo. A gente andando lá em Parati, conversamos uma noite e ele me disse: “Eu escrevo sobre a

minha infância". E a minha escrita está baseada em quê? No que eu penso, no meu passado. Eu tive o privilégio de crescer em parte da floresta Amazônica, conheço os bichos, conheço as árvores, então eu tenho muitos elementos para colocar nessa escrita. Aí ele também me falou: "Eu também não vou mais escrever coisa grande. Coisa grande é muito chata". Quando eu escrevo, quando o negócio está pronto, se vai ser publicado, se não vai ser publicado, isso é irrelevante, mas está pronto. Os textos ficam prontos.

Fotografia 3 – Escritor Cristino Wapichana
e seus livros infantis e juvenis




Fonte: Portal Roraima em tempo[20].

20 Documentário sobre Cristino Wapichana concorre a prêmio internacional. Disponível em: https://roraimaemtempo.com.br/diversao/documentario-sobre-cristino-wapichana-concorre-a-premio-internacional/. Acesso em: 15 maio 2025.

# REFERÊNCIAS

FENSKE, Elfi Kürten. Cristino Wapichana e a arte da literatura indígena. *In*: TEMPLO CULTURAL DELFOS, fevereiro/2024. Disponível em: https://www.elfikurten.com.br/2021/12/cristino-wapichana.html. Acesso em: 17 maio 2025.

WAPICHANA, Cristino. **A onça e o fogo**. Ilustrações: Helton Faustino. São Paulo: Amarilys, 2009.

WAPICHANA, Cristino. **Sapatos trocados**: como o tatu ganhou suas grandes garras. Ilustrações: Maurício Negro. São Paulo: Paulinas, 2014.

WAPICHANA, Cristino. **A oncinha Lili**. Ilustrações: Águeda Horn. Brasília, DF: Edebê, 2014.

WAPICHANA, Cristino. **A boca da noite**. Rio de Janeiro: Zit, 2016.

WAPICHANA, Cristino. **O cão e o curumim**. São Paulo: Melhoramentos, 2018.

WAPICHANA, Cristino. Por que escrevo? Relato de um escritor indígena. *In*: DORRICO, Julie *et al*. **Literatura indígena brasileira contemporânea**: criação, crítica e recepção. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 75-80.

WAPICHANA, Cristino. **A cor do dinheiro da vovó**. Brasília, DF: Ededê, 2019.

WAPICHANA, Cristino. **Chuva, gente!** Poços de Caldas: Leiturinha, 2021.

WAPICHANA, Cristino. **Ceuci, a mãe do pranto**. Ilustrações: Jo Oliveira. São Paulo: Estrela Cultural, 2019.

WAPICHANA, Cristino. **Fogo, gente!** Ilustrações: Graça Lima. Poços de Caldas: Leiturinha, 2023.

WAPICHANA, Cristino. **Tomoromu, a árvore do mundo**. Ilustrações: Mauricio Negro. São Paulo: SM Editora, 2021.

Entrevista 6

# ENTREVISTA COM JOSÉ MARIA PINTO DE FIGUEIREDO

*Allison Marcos Leão da Silva*

Fotografia 1 – Escritor José Maria Pinto de Figueiredo




Fonte: Arquivo do autor.

**Zemaria Pinto**, ou melhor, **José Maria Pinto de Figueiredo**, é daqueles intelectuais que conseguiram transitar por áreas bem diferentes do conhecimento. Formou-se

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.6

em Economia pela Universidade Federal do Amazonas em 1981, mas o coração acabou o puxando para as Letras. Fez especialização em Literatura Brasileira em 1990 e, depois, já em 2012, concluiu o mestrado em Estudos Literários.

Com uma trajetória literária de peso, já publicou 22 livros — e não apenas em um gênero, mas em muitos: poesia, teatro, literatura infantil e juvenil, ensaios, teoria da literatura. Entre os títulos, vale citar *Música para surdos* (2001), *A cidade perdida dos meninos-peixes* (2010), *O conto no Amazonas* (2011), *O beija-flor e o gavião* (2011), *O urubu albino* (2021) e o recém-lançado *Os que andam com os mortos: fábulas cruéis e outras estórias más* (2024). Também se aventurou pela crítica e teoria, com obras como *O texto nu: teoria da literatura: gênese, conceitos, aplicação* (2009) e *A invenção do expressionismo em Augusto dos Anjos* (2012).

O que chama atenção é a diversidade: ele escreve tanto para crianças quanto para adultos, tanto para quem busca poesia quanto para quem prefere reflexões críticas. E mais: seus livros circulam entre o lúdico e o acadêmico, sempre trazendo um olhar amazônico, mas conectado a debates mais amplos da literatura brasileira.

## 1. Nome completo:

José Maria Pinto de Figueiredo (Zemaria Pinto).

## 2. Por que ser escritor?

Eu não predeterminei. Escrevia, inicialmente, como qualquer adolescente. Descobri a literatura um tanto tarde, aos 13 anos. Já escrevia, influenciado especialmente pela música popular que ouvia no rádio. Quando dei por mim, tinha um livro pronto, que, submetido a um concurso estadual, foi classificado em 3º lugar. Eu tinha 23 a 24 anos, já era pai, tinha um emprego estável. Só então comecei a me relacionar com escritores "de verdade": Alcides Werk, Jorge Tufic, Arthur Engrácio, Antísthenes Pinto, que muito me ensinaram. Simão Pessoa, que é da minha idade, apresentou-me ao pessoal de fora, a chamada geração mimeógrafo, que acontecia em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte. Mas acho que só me considerei escritor quando meu segundo livro, lançado em 1995, foi indicado para o vestibular da UFAM (à época, FUA – Fundação Universidade do Amazonas). Eu contava então 38 anos. Me dei conta da responsabilidade que tinha pelo que escrevia. De lá para cá, foram mais 26 livros publicados, em gêneros diversos – e mais uns 5 inéditos, esperando vez.

## 3. Por que escrever sobre a Amazônia?

Não há como abstrair o lugar onde passei toda a minha vida. Faz parte de mim. Aliás, mesmo que eu não a nomeie – nos poemas, contos e peças – a Amazônia sempre está presente. Nos ensaios, também ela se impõe, na tentativa

de compreendê-la – especialmente, com relação à sua arte, literatura e dramaturgia.

## 4. Qual outra temática você aborda?

Quando começo a escrever algo, penso no meu "leitor ideal", que é nada mais nada menos que o meu próprio reflexo. Se eu gostar do que estou escrevendo, fico satisfeito. Quando, no mestrado, escolhi escrever sobre Augusto dos Anjos, sabia da complexidade do tema, mas tinha certeza de que poderia me sair bem. Na poesia, a Amazônia aparece, mas o foco principal é a vida. Me recuso a escrever poesia regionalista. Escrevo sobre a vida, sobre o ser humano. Quaisquer resquícios de regionalismo é porque era indispensável. No conto, assim como na dramaturgia, a paisagem é amazônica, mas a temática é universal.

## 5. O que é escrever Literatura no Brasil hoje?

Particularmente, vejo-me dissociado dessa entidade chamada "Literatura Brasileira". Não sei em que é diferente de 50 anos atrás, quando um autor, para acontecer, tinha que encarar as forças do eixo – eixo Rio-São Paulo. Aos 68 anos, há muito desisti de fazer parte da Literatura Brasileira – que, no final das contas, é formada por todas as outras literaturas das diversas regiões do país, inclusive a do Amazonas, onde vivo e produzo.

## 6. A Amazônia é bem representada na Literatura Nacional? Como?

Alguns escritores obtiveram êxito comercial, o que os eleva ao topo do "cânone provisório atual". Mas uma "Literatura Nacional" me parece que é bem mais que sucesso comercial, embora este seja um indicativo. Acredito que a universidade possa contribuir bastante com essa discussão. Sou favorável à manutenção de uma matéria com uma visada regional (não regionalista) – Literatura Amazonense, por exemplo. Somos quatro milhões de habitantes, número insuficiente para manter aquecido um mercado profissional, mas apto a estimular a "exportação" de talentos para mercados mais amplos – o brasileiro, o de língua portuguesa, a Amazônia castelhana, o mercado latino-americano.

Respondendo objetivamente, não acho que a Amazônia esteja bem representada na Literatura Nacional, porque não consigo vislumbrar uma Literatura Nacional – o que há é uma literatura que circula a partir das forças hegemônicas de RJ e SP, e ganha visibilidade por conta disso.

Figura 1 – Capa do livro *O conto no Amazonas*




Fonte: Editora Martins Fontes[21].

## 7. O processo de criação é particular ou coletivo? Como é o seu? Há mais inspiração ou trabalho de criação?

O processo de criação na literatura não prescinde do individualismo. Já escrevi muito seguindo a regra poundiana: deixar fluir; conter; podar; condensar – até deixar só essências e medulas (poema “Poundiana”).

21 Teoria e crítica literária – O conto no Amazonas. Disponível em: https://www.martinsfontespaulista.com.br/o-conto-no-amazonas-885874/p. Acesso em: 25 set. 2024.

Hoje, prefiro planejar com antecedência – embora nem sempre o texto (poesia, conto, teatro e mesmo ensaio) saia como planejado: quando isso acontece, sai até melhor.

A inspiração é algo a discutir. As ideias não vêm do nada, mas sim de um trabalho de vigília permanente, em que o escritor está trabalhando mentalmente, sem se dar conta. Assim, eu aceito a inspiração. Isto é, faz parte do processo de criação. No mais, é planejar, com o maior nível possível de detalhes, estabelecendo um cronograma, para poder manter o controle sobre a criatura.

**8. Na escrita de um romance há uma ordem a ser seguida, um ritual? Quem vem primeiro: os personagens, o espaço, a temática, o tempo? Poderia comentar?**

Vou tomar a dramaturgia como paradigma, uma vez que guarda total homologia com o romance, mantendo uma estrutura básica formada por enredo, fábula, personagens, ambiente e tempo. Mesmo que os personagens já sejam conhecidos do autor, a fábula – a história que se vai contar – deve ser conhecida antes. Preciso ter uma ideia do que vai acontecer e de como vai terminar. Aí, posso desenhar o enredo – a ordem em que os fatos são narrados. Isso tem a ver com o tempo e, por conseguinte, com o ambiente.

Os personagens vão tomando corpo em paralelo – crescendo ou diminuindo, conforme se desenvolve o enredo. No conto, isso acontece numa dimensão menor, tanto que,

muitas vezes, escrevo uma primeira versão para, depois, descobrir que a perspectiva escolhida não foi a melhor. Aí tenho que reescrever tudo. Em poesia, essa preocupação só aparece no caso de um poema longo ("Advertência ou Uma poética do devaneio"), ou de um conjunto de poemas ("Música para surdos"). A preocupação maior é sempre com o efeito narrativo.

**9. Há traços autobiográficos em suas obras? Quais? Poderia comentar?**

Mais do que traços autobiográficos, há vivências, experiências. Mesmo na poesia – aliás, principalmente – fujo de qualquer indício autobiográfico, exatamente para assegurar total liberdade para o meu "eu lírico". Assim, eu posso assumir várias vozes, sem me preocupar em fornecer explicações. Se o poema pede, sou mulher, por exemplo, como em "Momento".

Em "A canção de amor de J. Sebastião", o "eu lírico" é um drogado. Lamento, entretanto, que o "eu lírico" seja confundido com o poeta, inclusive por alguns autores... Isso talvez explique o desprezo do mercado pela poesia. A poesia só desperta interesse quando trata do universal, do coletivo.

Dores individuais não vendem livros, embora comovam mentes menos exigentes. Agora, há situações em que a autobiografia está exposta, como é o caso do poema "Varanda de pássaros", dedicado a minhas filhas. O livro infantil *Viagens na casa do meu avô* relata as brincadeiras da minha neta mais

velha, Luna, aos dois ou três anos. Não é surpresa quando um avô ou avó me diz que "lá em casa é igualzinho". No poema "Exercício n° 5", dedicado ao amigo Alcides Werk, o "eu lírico" expõe uma experiência que era do próprio Alcides: eu falo para ele, como se ele se visse no espelho.

Nos contos e na dramaturgia, não é diferente. A personagem "Mãe Velha", que aparece em vários trabalhos meus, é uma homenagem à minha avó materna, pois era assim que eu a nomeava – mas não é ela! Em síntese: o que há de autobiográfico faz parte de um acervo de vivências, indispensável para que a criação seja original.

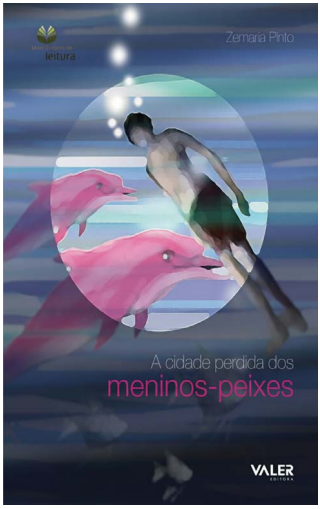
## 10. O senhor guarda os manuscritos das obras? Poderia mostrá-los?

Trabalho com informática, profissionalmente, em paralelo à atividade literária, há mais de 50 anos. Então, com o advento da informática pessoal (*personal computer* – PC) na segunda metade dos anos 1980, adotei a tecnologia e praticamente deixei de escrever à mão. Mas tenho muita coisa da fase anterior, em pastas. Não manuscritos, mas datilografados. Nunca me ocorreu, mesmo quando manuscrevia, guardar os rascunhos. Tem um poema, o mais velho que conservei, "Noturno, *opus* 1" – esse título foi dado depois, claro –, de 1972, que ocupava 4 páginas de papel almaço. Para o *Fragmentos de silêncio*, seguindo a lição poundiana, ele foi reduzido a sete versos. Guardo, entretanto, os planejamentos dos livros e textos de teatro, que atestam o meu "método" de trabalho.

## 11. Há reescrita na escrita das obras? Comente.

Sim, escrever é reescrever. Sou muito meticuloso, por isso demoro muito a concluir um texto. Não poderia jamais trabalhar em jornal, por exemplo. Gosto de escrever e amadurecer. Testar as palavras, rearranjá-las, tensioná-las. Mesmo no texto em prosa, buscar a musicalidade, a eufonia. Depois, deixar o texto de lado, por um tempo, fazer outra coisa – e, no retorno, concluí-lo. Isso implica em reescrever. Porém, uma vez fechado um texto, é como se ele não mais me pertencesse. Não mexo mais.

Figura 2 – Capa do livro *A cidade perdida dos meninos-peixes*




Fonte: *Site* da Editora Martins Fontes[22].

22 Literatura infantojuvenil – A cidade perdida dos meninos-peixes. Disponível em: https://www.martinsfontespaulista.com.br/a-cidade-perdida-dos-meninos-peixes-894361/p. Acesso em: 24 maio 2024.

## 12. Quem são as suas influências?

Eu estou sempre lendo. Aliás, leio muito mais do que escrevo. E procuro ler, mesmo sem obrigação, sempre o que me possa ser útil. Mas, olhando para trás, posso dizer que Graciliano Ramos e Kafka foram fundamentais. Depois, vieram Borges e García Márquez. Por último, Guimarães Rosa e Saramago. São autores que valorizam sobretudo a fábula, sem descuidar da linguagem. Forma e conteúdo andam juntas. Li toda a Clarice Lispector, mas não me identifico com ela. A fábula em Clarice é etérea.

Na poesia, Drummond foi meu primeiro espanto. Eu já lia os românticos na escola, e admirava, especialmente, Castro Alves. Mas aquilo era inalcançável para mim. Quando conheci Drummond – "Balada do amor através das idades" – pensei: isso eu posso fazer. Estou tentando até hoje... Depois, descobri que eu já gostava muito de poesia, mesmo antes de conhecer Drummond: a poesia da música popular – de Chico Buarque, de Caetano Veloso, de Taiguara, entre tantos. A música que eu ouvia nos anos 60 e 70.

Depois vieram Ferreira Gullar, Manuel Bandeira e Dante. Sim, *A divina comédia*, que li com 15, 16 anos. Não devo ter entendido muita coisa. Era uma edição bilíngue, com tradução de Xavier Pinheiro. Simplesmente fascinante. Augusto dos Anjos eu conheci, para valer, já aos 18 anos – antes, só alguns sonetos. Era a famosa edição com o estudo "Morte e vida nordestina", de Ferreira Gullar. Vieram ainda Pessoa e

Baudelaire e as traduções dos Campos, muito melhores que a poesia deles. Mais ainda os contemporâneos Roberto Piva e Geraldo Carneiro, destaques num oceano de possibilidades.

Não posso deixar de mencionar que o contato pessoal com Alcides Werk, Antísthenes Pinto e Jorge Tufic foi muito enriquecedor. Aprendi muito com eles, especialmente com Alcides. Na dramaturgia, a coleção Teatro Vivo, da Abril, foi uma revelação. Eu frequentava teatro, em Manaus, mas nunca lera uma peça. Foram mais de 30 textos, lidos à medida que iam sendo lançados. O suprassumo do teatro mundial, desde os gregos até os contemporâneos, de Sófocles a Nelson Rodrigues. Só faltou Plínio Marcos, que conheci logo depois.

### 13. Qual sua opinião sobre o cânone e a Literatura regional?

São inconciliáveis e complementares. Inconciliáveis porque a Literatura Regional é um gueto, no qual estão segregados os autores que não alcançam o cânone, enquanto esse é o padrão, o modelo a ser estudado e seguido. Complementares porque um faz parte do outro, podendo haver migrações de um grupo para o outro. São conjuntos dinâmicos, mutáveis, não estanques. E a Universidade tem papel preponderante na manutenção dessa mecânica cósmica.

## 14. Quais são seus próximos projetos? Poderia comentar? E onde podemos encontrar seus livros?

Tenho muita coisa inédita, como livros de ensaios: *A história como metáfora e outros ensaios amorosos*, *Tribuna acadêmica 2004-2019* (conferências e discursos em 15 anos de AAL); ficções juvenis: A *dama e o cachorrinho*, *Curupira moleque* e *Januário marinheiro*; ficção adulta: *Fábulas cruéis e outras estórias más* (contos), *Lábios que beijei* (microcontos), *Drops de pimenta* (nanocontos); mais ainda: *A palavra em cena* (todo o teatro – oito peças) e *Construção ruínas* (toda a poesia – de 1972 até aqui). Tenho, também, um livro didático, que não sei quando será lançado – *Fundamentos linguísticos para a escrita*, em parceria com a Letícia Cardoso. Isto é o que está pronto.

No momento, não trabalho em nenhum projeto específico. Estou passando – e não é a primeira vez – por um período, eu não diria não-produtivo, mas de não-produção. Aproveitando para exercitar os sentidos: ler, ver, ouvir – livros, filmes, música.

Com relação à distribuição dos livros – além dos sebos –, a Editora Valer tem um acordo de distribuição com a Livraria Leitura. Alguns dos meus livros podem ser encontrados lá. Mas nem tudo saiu pela Valer. A Estante Virtual sempre tem alguma coisa. A verdade é que a distribuição é um problema crônico.

# REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, Beatriz; SARMENTO, Lourdes; PINTO, Zemaria. **Fauna e flora nos trópicos**. Fortaleza: SECULT, 2002.

MELLO, Thiago de; PINTO, Zemaria. **A poesia se encontra na floresta**: I Encontro amazônico de poetas da América Latina. Manaus: Valer, 2001.

PINTO, Zemaria. **Música para surdos**. Manaus: Valer, 2001.

PINTO, Zemaria. **Nós, Medéia**. Manaus: Valer, 2003.

PINTO, Zemaria. **Dabacuri**. Manaus: Uirapuru, 2004.

PINTO, Zemaria. **O urubu albino**. Manaus: Valer, 2011.

PINTO, Zemaria. **O beija-flor e o gavião**. Manaus: Valer, 2011.

PINTO, Zemaria. **Redação**: fundamentos e práxis: 7º ano. Manaus: Valer, 2011.

PINTO, Zemaria. **A cidade perdida dos meninos-peixes**. Manaus: Valer, 2011.

PINTO, Zemaria. **O conto no Amazonas**. Manaus: Valer, 2011.

PINTO, Zemaria. **O texto nu**. Manaus: Valer, 2011.

PINTO, Zemaria. **A invenção do Expressionismo em Augusto dos Anjos**. Manaus: Valer, 2012.

PINTO, Zemaria. **Linguagem literária**: prosa e poesia. Manaus: Valer, 2014.

PINTO, Zemaria; MRQ, M. **Lira da madrugada**. Manaus: Coreli e Jiquitaia, 2014.

PINTO, Zemaria. **Viagens na casa do meu avô**. Manaus: Valer, 2014.

PINTO, Zemaria. **A história como metáfora e outros ensaios amorosos**. Manaus: Reggo; Academia Amazonense de Letras, 2018.

PINTO, Zemaria. **A selva**: a verdade da ficção e a ficção da verdade. Manaus: Valer, 2020.

PINTO, Zemaria; ANJOS, Augusto dos. **A poesia expressionista de Augusto dos Anjos**. Manaus: José Maria Pinto de Figueiredo, 2020.

PINTO, Zemaria. **Teatro e resistência**: a história no centro do palco. Manaus: Edição do autor, 2019.

SARMENTO, Octávio; PINTO, Zemaria (org.). **A Uiara & outros poemas**. Manaus: Valer, 2007.

TELLES, Tenório; KRÜGER, Marcos Frederico; PINTO, Zemaria. **Poesia e poetas do Amazonas**. Manaus: Valer, 2006.

Entrevista 7

# ENTREVISTA COM MÁRCIO SOUZA[23]

*Eulisson Nogueira de Sousa*

Fotografia 1 – Escritor Márcio Souza



Fonte: *Site* do jornal *O Maringá*[24].

23 Entrevista concedida dia 14 de março de 2024 ao Professor Eulisson Nogueira de Souza.

24 Escritor Márcio Souza, autor de *Mad Maria*, é velado no Palácio Rio Negro. Disponível em: https://omaringa.com.br/noticias/obituario/morre-o-escritor-marcio-souza/. Acesso em: 16 maio 2024.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.7

**Márcio Gonçalves Bentes de Souza** (Manaus, Amazonas, 1946-2024). Romancista, dramaturgo, ensaísta, contista e diretor de cinema. Márcio Souza, como é comumente conhecido, se destaca pela importante visão que estabeleceu da Amazônia, em aspectos históricos e literários, em suas obras. Uma busca constante em desvendar a Amazônia sem o idealismo daqueles que chegam de fora e com um interesse em apresentar a riqueza cultural e histórica, por vezes, ignorada ou desconhecida pelos próprios brasileiros. O processo de colonização do Norte do país, a exploração do látex na passagem do século XIX para o XX, durante o chamado ciclo da borracha, a questão indígena e os abismos sociais nascidos do embate entre modernidade e arcaísmo na região são a matéria-prima de suas narrativas.

Filho de um operário gráfico, inicia sua trajetória com a escrita de crônicas de filmes que estavam em cartaz, em *O Trabalhista*, jornal fechado pela Ditadura Militar. Depois passa a escrever críticas de cinema em *O Jornal* e participa da fundação do Grupo de Estudos Cinematográficos de Manaus. O cinema foi, também, uma paixão do escritor amazonense. Muda-se para São Paulo em 1965 e ingressa no curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP). Na mesma época, trabalha como roteirista para produtores da *Boca do lixo*. Publica *O mostrador de sombras* (1967), coletânea de ensaios sobre cinema, dirige o curta-metragem *Bárbaro e nosso* (1969), e realiza o filme *A selva* (1972). Em 1973 volta a Manaus, ingressa no Teatro Experimental do Sesc

(Tesc) e assume um cargo burocrático na Fundação Cultural do Amazonas.

Márcio Souza estreia na literatura com o romance *Galvez, imperador do Acre* (1976 ), obra em tom satírico que aborda a expansão do capitalismo e da exploração na Amazônia. Partilhando do desejo de experimentação que orienta nossa literatura nos anos 1970, sua ficção retoma, sob chave cômica, a tradição brasileira do romance histórico, gênero cultivado no país desde o Romantismo por autores como José de Alencar (1829-1877). Satirizando episódios da história da Amazônia, *Galvez, imperador do Acre*, seu mais famoso livro, narra a trajetória de Luiz Galvez, aventureiro espanhol que chega ao Brasil e é coroado imperador do Acre depois de cumprir inúmeras peripécias. Valendo-se de recursos como a colagem e o fragmento, a paródia e o burlesco, o hibridismo entre a linguagem jornalística e literária, o livro mantém um vivo diálogo com o movimento modernista brasileiro, sobretudo com as ideias de Oswald de Andrade (1890-1954).

Outro livro de sucesso de Márcio Souza é *Mad Maria* (1980), adaptado para uma minissérie televisiva em 2005. Por meio da conjunção de personagens e fatos fictícios e reais, o livro narra a construção da Ferrovia Madeira-Mamoré, ocorrida entre 1907 e 1912, para integrar a Amazônia brasileira à Bolívia. O título da obra faz referência à locomotiva a vapor, apelidada no Brasil, no início do século XX, de Maria Fumaça, e ao ambiente de insanidade que sua chegada promove. Em um calor infernal e com grandes desafios naturais (como a

infestação de escorpiões após as chuvas), os trabalhadores, de diferentes etnias, envolvem-se em constantes conflitos por motivos banais, que demonstram o abandono de leis, regras e da própria razão; o que explica o nome louca (*mad*, em inglês) Maria.

Entre 1981 e 1982, publica, em folhetim, *A resistível ascensão do Boto Tucuxi*, no jornal *Folha de São Paulo*. Transfere-se para o Rio de Janeiro em 1983 e lança o romance *A ordem do dia* (1983). Em 1984, funda a editora Marco Zero. Intelectual engajado, também redige ensaios sobre problemas culturais e sociais da Amazônia, como *A expressão amazonense* (1978) e *O empate contra Chico Mendes* (1986). Durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2003), dirige o Departamento Nacional do Livro, a Fundação Nacional de Artes (Funarte) e publica a tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e rio Negro*, composta pelos romances *Lealdade* (1997), *Desordem* (2001), *Revolta* (2005) e *Derrota* (2006). Essa obra apresenta, por meio de ficção, momentos históricos relevantes do Pará, explorando especialmente o movimento da Cabanagem, ocorrido entre 1783 e 1840. É considerada, ao lado da trilogia *O tempo e o vento* (1949-1962), de Érico Veríssimo (1905-1975), uma das obras brasileiras que fazem um grande painel sobre um momento histórico nacional importante. Registrando a reação do Norte à tentativa de unificação do território e de construção de uma identidade nacional, Márcio Souza mostra o desejo de independência dessa região e sua discordância com o centro político-cultural brasileiro da época, um momento, de

certa forma, apagado pela história tradicional que narra o forjar da nação brasileira.

Em 2009, lança o livro *História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI*. Fruto de duas décadas de pesquisa, o livro compila a história da Amazônia, desde a chegada do *Homo sapiens*, há 40 mil anos, até os dias de hoje. De acordo com o autor, a ideia de escrever a obra nasce de sua experiência docente na Universidade de Berkeley, nos Estados Unidos, no final da década de 1990, quando ministra alguns cursos e descobre que não há nenhuma obra em que a história da Amazônia é compilada e consolidada.

Uma das mais importantes vozes da moderna literatura brasileira, Márcio Souza é dono de uma obra variada, que transita por diferentes gêneros e linguagens artísticas, tendo no romance, no teatro e no ensaio histórico-sociológico seus principais veículos de expressão e desenvolvimento. Ainda que diversificada, sua produção é atravessada pelo tema constante da história da região amazônica. A partir de seu olhar, o Brasil e o mundo podem desbravar a Amazônia e conhecer a riqueza de sua história e de seu povo[25].

25 Informações retiradas de: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa5552/marcio-souza. Acesso em: 15 maio 2024.

## 1. Nome completo:

Márcio Gonçalves Bentes de Souza[26].

## 2. Nacionalidade/Naturalidade:

Brasileira / Manaus-AM.

## 3. Como nasceu o seu interesse pela escrita?

Sempre gostei de ler desde criança e, na minha adolescência, eu fazia parte de uma turma que gostávamos de ler e trocávamos livros entre nós. Assim, podíamos ter acesso a mais livros, mas meu grande incentivador foi o professor Carlos Eduardo, de língua portuguesa, ainda no colegial. Desde quando? Desde quando ainda era muito criança, meu pai me levava à biblioteca pública da cidade de Manaus e lá tive meu primeiro contato com os grandes autores, como Monteiro Lobato.

## 4. Por que escrever sobre a Amazônia?

E por que não escrever sobre a Amazônia?

26 Esta entrevista foi concedida pelo autor em 14 de março de 2024.

## 5. Qual, ou quais, outra/s temática/s você aborda?

Uma temática que eu explorei muito nos meus livros foi a respeito da Ditadura Militar.

Figura 1 – Capas de livros de Márcio Souza




Fonte: *Blog* Cinemagia[27].

## 6. O que é escrever Literatura no Brasil de hoje?

Em primeiro lugar, o Brasil tem um dos mais avançados e abrangentes editores de livros do mundo, tem uma indústria editorial pujante e uma boa distribuição com o desafio enorme de alcançar novos e mais leitores.

27 Márcio Souza (1946-2024). Disponível em: https://cinemagia.wordpress.com/2024/08/12/marcio-souza-1946-2024/. Acesso em: 15 maio 2024.

**7. Você é considerado um dos primeiros grandes escritores de Literatura Amazônica do país. Como concebe esse título?**

Essa afirmação não corresponde à realidade do processo literário do Amazonas, pois aqui tivemos importantes romancistas amazônidas, como Inglês de Souza, o poeta Tiago de Melo e muitos outros grandes do nosso imenso Vale.

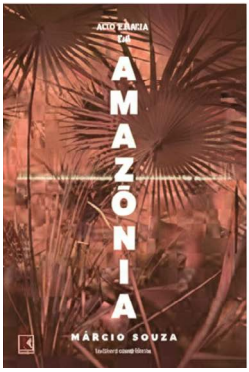
**8. Aproveitando o ensejo: é possível definir uma literatura como sendo "Amazônica" ou "da Amazônia"?**

Não me envolvo nesse assunto; apenas escrevo. Isso cabe aos críticos ditéticos, pois eles têm mais autoridade para responder a essa pergunta.

**9. Como poderíamos chamar uma literatura produzida sobre e a partir da Amazônia?**

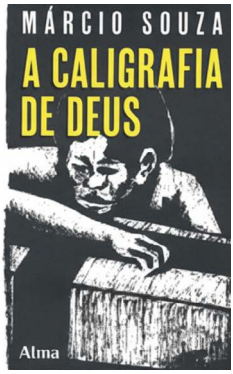
Literatura Brasileira.

Figura 2 – Capas de livros de Márcio Souza










Fonte: Acervo do entrevistador.

## 10. A Amazônia é bem representada na Literatura Nacional? Como?

Não sei o que foi escrito sobre a Amazônia, embora, no meu livro *História da Amazônia*, eu tenha feito pesquisa em vários livros que encontrei nos Estados Unidos quando dei aula por lá.

## 11. O que é identidade para Márcio Souza?

Esta pergunta me lembra uma viagem que fizemos pela Europa com outros autores brasileiros e, em alguns debates, algum hispanamericano dizia: "*me gostaria plantear la cuestion de la indentidad*"[28]. Depois de várias cidades percorridas, a mesma pergunta era feita, geralmente pelo mesmo

28 Trecho citado pelo autor retirado de uma viagem realizada pela Europa.

personagem. O escritor João Ubaldo Ribeiro levantou-se e falou: "*En Brasil, tenemos la targeta de identidad. Cuando uno tiene problemas de identidad, saca la targeta, mira la targeta e se acabou el problema de identidad*"[29].

## 12. É possível falar de uma identidade amazônica pela Literatura, ou um resgate de identidade?

Que eu tenha conhecimento, não faço minhas as palavras ditas pelo João Ubaldo Ribeiro; há muito tempo isso é feito pelo poder público, ou seja, com uma carteira de identidade se resolve isso.

## 13. Na sua visão, o processo de criação é particular ou coletivo? Como é o seu? Há mais inspiração ou trabalho de criação?

No caso da Literatura, é particular; já no teatro, é coletivo. Escrever é um trabalho braçal, embora a inspiração faça parte do ofício.

## 14. Na escrita de um romance, há uma ordem a ser seguida, um ritual, uma forma?

Não, pois é um trabalho de busca de espaço e de tempo para alcançar aquilo que você está contando, ou seja, escrever um romance quase sempre é como viajar na galáxia.

29 Fala citada por Márcio Souza retirada de uma viagem realizada pela Europa.

**15. Quem vem primeiro: os personagens, o espaço, a temática ou o tempo? Você, como escritor, cria uma enxurrada de ideias e depois, com calma e com certa ordem, põe tudo no papel? Poderia comentar este processo?**

A única maneira de comentar um processo de escrita literária é afirmar que você tem que ter conhecimento real do assunto e ser alfabetizado.

**16. Há um pouco do Márcio Souza jornalista e/ou dramaturgo em sua escrita?**

Te confesso que nunca pensei nisso, mas acho que um pouco de cada.

Figura 3 – Capa do livro *Teatro indígena do Amazonas*




Fonte: *Site* da Livraria Traça[30].

30 Disponível em: https://www.traca.com.br/livro/1304065/. Acesso em: 18 maio 2024.

**17. Há traços autobiográficos em suas obras?**

Evidente que sim. Não conseguiria escrever ficção sem a experiência da vida real.

**18. Você guarda os manuscritos das suas obras?**

Não mais. Hoje fica tudo na memória do computador.

**19. Há reescrita na escrita das suas obras? Comente.**

Talvez. A *Breve história da Amazônia* eu não a reescrevi; apenas a tornei mais sintética e ela se transformou na *História da Amazônia*.

**20. Quem são as suas influências?**

Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Graciliano Ramos e Jorge Amado.

**21. O que o senhor gosta de ler?**

Bons romances.

**22. É possível um cânone de obras que versem sobre a Amazônia?**

Não do meu conhecimento.

**23. Ultimamente você tem sido visto em escolas pelo Amazonas em contato com alunos do Ensino Básico. Qual a importância desse contato e diálogo com os alunos?**

Há muito tempo faço isso. Sempre gostei de fazer esse tipo de encontro e nunca nego nenhum convite, seja nos grandes centros, assim como nas periferias de diversas cidades. E o que posso dizer é que é sempre muito bom ouvir os jovens, pois eles sempre têm muito a dizer e é gratificante poder debater não só a respeito de minhas obras, mas também os anseios e curiosidades que eles mesmos criam.

**24. Muito se pregou a morte da Literatura, do Romance, da Arte. A Arte como um todo está salva?**

Sim. Ela está viva nas principais civilizações, no passado, no presente e, certamente, no futuro também.

**25. É possível ter esperança?**

Devemos ter esperança, não só pela Arte como um todo, mas também pela nossa sociedade...

Fotografia 2 – Escritor Márcio Souza




Fonte: *Site* do *Jornal Opção*[31].

## REFERÊNCIAS

A SELVA. Direção: Márcio Souza. Rio de Janeiro: Embrafilme, 1972.

SOUZA, M. **O mostrador das sombras**: notas sobre a arte do cinema. Manaus: Sérgio Cardoso, 1967.

SOUZA, M. **Um escritor na biblioteca**. Curitiba: Estado do Paraná, 1985.

31 Livro de Márcio Souza deveria transformar Amazônia em Palmeiras do meio ambiente. Disponível em: https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/livro-de-marcio-souza-deveria-transformar-amazonia-no-palmeiras-do-meio-ambiente-202966/. Acesso em: 22 jun. 2024.

SOUZA, M. Contatos amazônicos do terceiro grau. *In*: ESCOBAR, C. H. *et al*. **Feira Brasileira de Opinião**: a feira censurada. São Paulo: Global, 1978. p. 203-214.

SOUZA, Márcio. **Teatro indígena do Amazonas**. Rio de Janeiro: Codreci, 1979.

SOUZA, M. **A questão do teatro regional**: literatura comentada. São Paulo: Abril, 1982.

SOUZA, M. **Depoimento biográfico**: como cansa ser romano nos trópicos: literatura comentada. São Paulo: Abril, 1982.

SOUZA, Márcio. **A resistível ascensão do Boto Tucuxi**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

Souza, Márcio. **A ordem do dia**: folhetim voador não identificado. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

SOUZA, Márcio. **O palco verde**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1984.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985.

SOUZA, M. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. São Paulo: Alfa-Ômega, 1990.

SOUZA, M. **O empate contra Chico Mendes**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOUZA, M. Funcionário público versus escritor. **O Globo**, Rio de Janeiro. Prosa e Verso, p. 1. 21 fev 1993.

SOUZA, Márcio. **A caligrafia de Deus**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SOUZA, M. **Breve história da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994.

SOUZA, Márcio. Contatos amazônicos do terceiro grau. *In*: SOUZA, Márcio. **Teatro I**. São Paulo: Marco Zero, 1997. p. 203-214.

SOUZA, M. O escritor na repartição. **O Globo**, Rio de Janeiro. Prosa e Verso, p. 1. 8 mar 1997.

SOUZA, M. **Teatro I**: textos revistos e estabelecidos pelo autor. São Paulo: Marco Zero, 1997.

SOUZA, Márcio. **Lealdade**. São Paulo: Marco Zero, 1997.

SOUZA, M. **Teatro II**: textos revistos e estabelecidos pelo autor. São Paulo: Marco Zero, 1998.

SOUZA, M. **Teatro III**: textos revistos e estabelecidos pelo autor. São Paulo: Marco Zero, 1999.

SOUZA, M. **Fascínio e repulsa**: Estado, cultura e sociedade no Brasil. Rio de Janeiro: Fundo Nacional de Cultural, 2000.

SOUZA, Márcio. **Desordem**. São Paulo: Record, 2001.

SOUZA, Márcio. **Revolta**. São Paulo: Record, 2007.

SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense**: do colonialismo ao neocolonialismo. Manaus: Valer, 2010.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI. São Paulo: Record, 2019.

SOUZA. Márcio. **O empate contra Chico Mendes**. São Paulo: Marco Zero, 1990.

VERISSSIMO, Érico. **O arquipélago**. São Paulo: Globo, 1997.

VERÍSSIMO, Érico. **O continente**. São Paulo: Globo, 1997.

VERÍSSIMO, Érico. **O retrato**. São Paulo: Globo, 1997.

Entrevista 8

# ENTREVISTA COM MÁRCIA KAMBEBA

*Márcia Dias dos Santos*

Fotografia 1 – Escritora Márcia Kambeba




Fonte: *Site* da revista *Acrobata*[32]

32 A Literatura e o Ativismo Indígena – Entrevista com Márcia Kambeba. Disponível em: https://revistaacrobata.com.br/julie-dorrico/entrevista/a-literatura-e-o-ativismo-indigena-entrevista-com-marcia-kambeba/. Acesso em: 26 ago. 2024.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.8

De etnia Omágua/Kambeba, **Márcia Wayna Kambeba**, nasceu numa aldeia Tikuna, na localidade de Belém dos Solimões (atualmente no município de Tabatinga-AM), onde viveu até os oito anos de idade, quando se mudou com a família para São Paulo de Olivença. Seu interesse por poesia começou ali mesmo na aldeia na qual sua avó era poeta, professora e, por mais de 40 anos, lecionou e compartilhou toda sua vivência ribeirinha. Mais tarde seu talento também foi reforçado pela "Tia Sueli", diretora da primeira escola em que estudou na cidade.

Márcia Kambeba começou a escrever seus primeiros versos aos 14 anos. É graduada em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Fez o mestrado na Universidade Federal do Amazonas e pesquisa o território e a identidade da sua etnia. Segundo Daniele Souza e Iacy Anambé[33], "Márcia Kambeba, filha do rio Solimões, nascida entre os Tikuna em Belém do Solimões, município de Tabatinga-AM, pertencente à etnia Omágua/Kambeba, escreveu um capítulo histórico para a academia e para os povos originários no dia 19 de dezembro de 2024. Defendeu sua tese: *Os Omágua/Kambeba: narrativas, dispositivo colonial e territorialidades na Pan-Amazônia contemporânea*. Com a banca composta por grandes nomes, como a orientadora Dra. Ivania Neves (UFPA), Dra. Maria Tavares (UFPA), Dra. Ananda Machado (UFRR), Dra. Luisa Olschewski (Universidade Nacional Mayor de San Marcos, Peru), Dra. Isabel

33 Primeira mulher indígena a defender tese de doutorado no PPGL/UFPA. Disponível em: https://ppgl.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/noticias/todas/1299-primeira-mulher-indigena-a-defender-tese-de-doutorado-no-ppgl-ufpa. Acesso em: 14 set. 2025.

Leal (UFPA), Dr. Gersen Baniwa (UnB) examinador indígena e Dr. José Bessa Freire (UFPA). Márcia reafirmou a potência da intelectualidade indígena ocupando a academia como uma força contra colonial, reflorestando as mentes e corações.

Como poeta, adotou o nome indígena Wayna. Sua poesia mostra semelhanças com a literatura de cordel e reflete a violência contra os povos indígenas e os conflitos trazidos pela vida na cidade.

Seu primeiro livro, *Ay kakyri tama – Eu moro na cidade,* fala sobre assuntos voltados para os indígenas que vivem na cidade e lutam por respeito e afirmação junto aos que vivem nas aldeias. Depois vieram as obras *Saberes da floresta, O lugar do saber ancestral, Kumiça Jenó: narrativas poéticas dos seres da floresta, Cocar*, *O curumim Wirá e os encantados, De almas e águas kunhãs* e *Infância na aldeia.*

Também escreve sobre assuntos voltados para a questão ambiental, envolvendo a Geografia e os povos indígenas. Como fotógrafa, ela busca registrar a vivência desses povos nas aldeias e na cidade.

Márcia Kambeba escreve poemas, contos, resenhas, ensaios e críticas sobre a luta das mulheres indígenas, além de compor em tupi e português e realizar exposições de seu trabalho como fotógrafa. Suas obras sempre transmitem a importância da sua ancestralidade e sua relação entre a floresta, seus seres e seus povos[34].

34 Informações disponíveis em: https://www.livrovivorp.com/marcia-wayna-kambeba. Acesso em: 15 maio 2024.

## 1. Nome completo:

Márcia Wayna Kyana Kambeba.

Deixo dito que esse nome já está na minha Certidão de Nascimento, pois solicitei mudança de nome e ganhei a causa na justiça. Deixo de ser Márcia Vieira da Silva e passo a me chamar Márcia Wayna Kyana Kambeba. Só falta pegar o novo RG no cartório do Amazonas.

## 2. Em que lugar você nasceu e qual é sua etnia?

Nasci em Belém dos Solimões/AM em 1979, na aldeia do povo Tikuna, mas meus pais são do povo Kambeba. Minha mãe é Omágua/Kambeba, Kokama por parte de mãe e Witoto por parte de pai.

## 3. Por que ser escritora?

Sou escritora porque escrever é um ato revolucionário e uma forma de conectar nossos mundos através da partilha de saberes que fazemos todos os dias com os que vivem na cidade, buscando diminuir os impactos de violência contra nossa presença nas aldeias e cidades. Escrevo porque nossos livros fortalecem a educação e porque escrever é uma arte em que se partilha a memória.

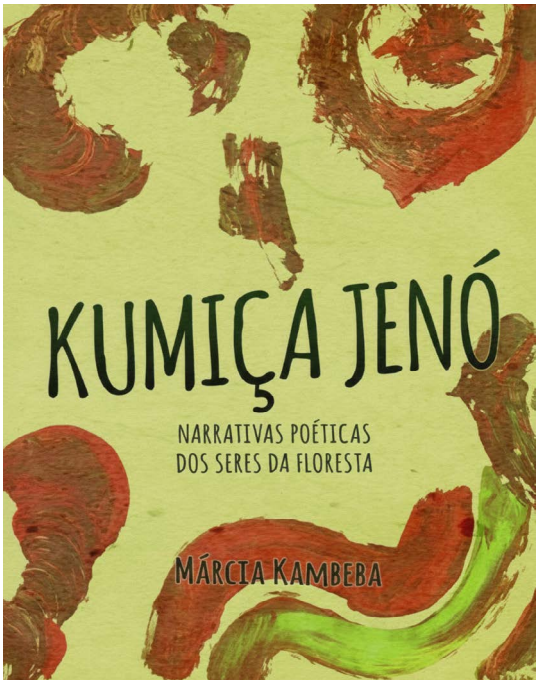
## 4. Quais temáticas são abordadas em seus livros?

Em meus livros, trabalho cultura, memória, identidade, território e territorialidade, falo sobre a mulher indígena e suas relações no ontem e no hoje. Trago narrativas, contos, poesias, texto em prosa e texto acadêmico para o diálogo em formato de livro.

## 5. O que é escrever Literatura indígena no Brasil hoje?

Escrever Literatura contemporânea no Brasil hoje é buscar esse diálogo de ideias que nos possibilita desconstruir estereótipos impregnados na sociedade não Indígena por longos anos, décadas, séculos... e que veio com o contato e foi sendo perpetuado nas escolas, como por exemplo: “índio, o bom selvagem”, “índio preguiçoso”, “índio tem que viver no mato, comer caça e de lá não sair”, “índio precisa ser tutelado” etc. Tudo isso é desconstruído com nossa forma de fazer literatura no Brasil hoje.

Figura 1 – Capa do livro *Kumiça Jenó*




Fonte: *Site* da Editora Um livro[35].

## 6. Qual sua opinião sobre a produção literária amazônica e indígena? É bem representada na Literatura Nacional? Poderia dissertar sobre isso?

A literatura amazônica e indígena precisa ter mais apoio, a começar pela própria região de onde se fala a Amazônia. Nossos amazônidas pouco buscam ler os seus autores locais.

35 Disponível em: https://loja.umlivro.com.br/kumica-jeno--narrativas-poeticas-dos-seres-da-floresta-5606861/p. Acesso em: 25 maio 2024.

Todos os Estados que compõem a Amazônia têm escritores e como esses escritores são visibilizados na sua arte de escrever? Quais os projetos criados para fomentar a escrita literária de novos escritores na Amazônia, independentemente de serem amazônidas ou indígenas?

A gente, para ter nosso trabalho divulgado, ou busca fazer de forma independente, como foi meu caso ao lançar meu primeiro livro, ou busca participar de antologias até ter a oportunidade de uma editora convidar para publicação individual. E as editoras que nos procuram são sempre as pequenas editoras, que também são independentes na maioria das vezes, porque as grandes editoras não abraçam muito a literatura indígena no sentido de abrir suas portas para adentrarmos com nossa arte de escrita.

O indígena ou a indígena precisa primeiro mostrar que já tem visibilidade no Brasil e fora dele para ser convidado(a) pelas grandes editoras e isso só uma pequena parcela consegue. A maioria continua nas pequenas editoras e em antologias porque não tem como produzir seu material de forma independente. Esse quadro precisa mudar na Amazônia. A COP vem aí e será na Amazônia. A literatura indígena vem falando sobre mudança climática há anos através de poesia, contos e acordando o povo para esse pensar diferente, vendo a natureza sem ser de forma meramente contemplativa, vem falando de desmatamento e impactos. Mas quem lê? Quem vê? Quem sente? Me pergunto.

**7. O processo de criação é particular ou coletivo? Como é o seu? Há mais inspiração ou trabalho de criação? Poderia comentar?**

O meu processo de criação é individual e solitário. Preciso estar em um espaço que me proporcione tranquilidade para escrever. Minha inspiração vem de várias formas, seja pelo olhar em relação ao território, pela escuta em relação ao que as pessoas não indígenas pensam da nossa forma de ver, sentir e conceber o mundo, do olhar das crianças e suas indagações, da vivência com meu filho que é uma criança indígena e autista, etc. Tudo para mim é literatura, mas tem que saber como escrever isso. Não se pode pensar a literatura de qualquer jeito pelo simples fato de querer escrever. Precisamos saber como trabalhar o olhar trazendo-o para a escrita e também qual o público que eu quero abraçar.

**8. Na escrita de um romance, poesia ou conto infantil/juvenil, há uma ordem a ser seguida, um ritual? Quem vem primeiro: os personagens, o espaço, a temática ou o tempo? Poderia nos contar?**

Eu não escrevo romance. Escrevo poesia e contos, mas meus textos são pensados em conjunto; não consigo pensar a mata primeiro e depois a Matinta, por exemplo, pois tudo vem interligado, como um sonho. Ninguém sonha separando o ambiente do personagem (risos), já que tudo está ali, tudo junto. Assim, quando escrevo contos, tudo nasce junto.

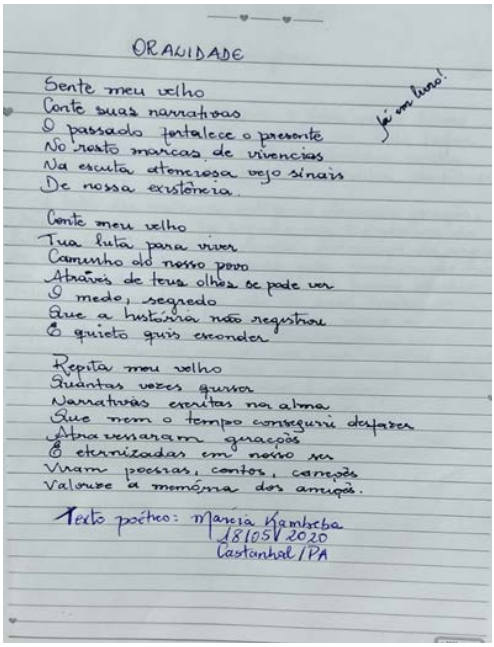
**9. Há traços autobiográficos em suas obras? Quais? Poderia comentar?**

Sim, há traços autobiográficos quando falo do lugar onde se desenvolve um conto, por exemplo. Quando escrevi o "Assobio da Matinta", falei de Belém dos Solimões, onde nasci e, de fato, cresci ouvindo a Matinta assobiar. "Aldeia Turucari - Uka" é poema e fala da aldeia Kambeba, que visitava sempre.

**10. A senhora guarda os manuscritos das obras? Poderia enviar fotos, imagens desse material?**

Guardo alguns manuscritos sim, porque às vezes escrevo no caderno e depois passo para a digitalização, mas na maioria das vezes digito no computador. Facilita mais, porém tenho, sim, escritos em caderno.

Figura 2 – Caderno de Márcia Kambeba



ORALIDADE

Sente meu velho
Conte suas narrativas
O passado fortalece o presente
No rosto marcas de vivencias
Na escuta atenciosa vejo sinais
De nossa existência.

Conte meu velho
Tua luta para viver
Caminho do nosso povo
Através de teus olhos se pode ver
O medo, segredo
Que a história não registrou
O quieto quis esconder

Repita meu velho
Quantas vezes quiser
Narrativas escritas na alma
Que nem o tempo conseguiu desfazer
Atravessaram gerações
E eternizadas em nosso ser
Viram poesias, contos, canções
Valorize a memória dos anciões.

Texto poético: Marcia Kambeba
18/05/2020
Castanhal/PA

Fonte: Arquivo da entrevistadora.

## 11. Quem são os escritores que você lia quando criança?

Nasci numa época em que não havia tantos escritores indígenas como agora e não tive uma infância de leitura em livros. Minha infância foi ouvindo os mais velhos. Meu pai adotivo me deixava na casa de um ancião e eu ficava lá para ter convivência com eles e ouvir suas narrativas. Eles eram meus livros vivos. Minha avó, Assunta, que me criou, foi a referência poética que tive desde pequena, porque ela escrevia as poesias dela e eu recitava com 7 anos na aldeia.

Figura 3 – Capa do livro *Saberes da floresta*




Fonte: Acervo dos organizadores.

## 12. Há autores que influenciam na sua escrita?

Posso dizer que admiro muito meus parentes e parentas escritoras, mas minha escrita é influenciada pela situação vivida, seja em contexto de aldeia, como também de cidade e pelas relações que eu sinto e vejo acontecer com as pessoas, a natureza e o território. Isso influencia minha escrita e me inspira.

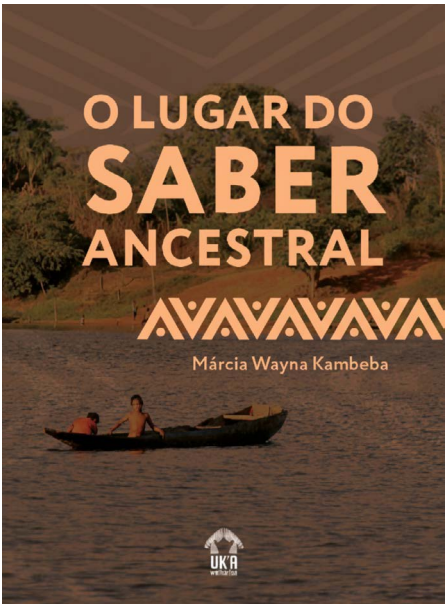
## 13. Como você vê a inserção da literatura indígena no cenário literário brasileiro?

Vejo a inserção da literatura no cenário brasileiro de forma positiva porque nossa escrita é de resistência e decolonial no sentido de buscar interligar mundos. Não quero ser a melhor na questão da visibilidade literária. Quero possibilitar espaços de diálogo entre culturas e fico feliz quando as pessoas conseguem entender meu trabalho literário. Saber que muitos estão lendo nossa produção literária é gratificante.

## 14. Sua literatura é de resistência? Por quê?

Sim. Toda Literatura indígena é de resistência, porque é um espaço de luta também. Toda vez que escrevemos, colocamos no texto nosso sentimento, nosso olhar, nosso sagrado e nossos sonhos de um mundo mais humanizado e menos racista. Então fazemos uma literatura decolonial, de resistência e antirracista, porque ninguém escreve por escrever e de qualquer jeito. Queremos uma literatura indígena que se comunique e que transmita nossa luta, quem somos e como queremos ser compreendidos no mundo em que vivemos.

Figura 4 – Capa do livro *O lugar do saber ancestral*




Fonte: Acervo dos organizadores.

## 15. Qual a relação dos textos escritos por você e a cultura do seu povo?

A relação do que escrevo com a presença do meu povo neste país e vivendo nos territórios é de comunicar, falar da existência do povo para que vejam o quanto somos inteligentes, capazes de muitos feitos e como resistimos estrategicamente ao sistema colonialista e ao dispositivo colonial presente até hoje. Por isso continuamos lutando, por isso continuamos e continuo escrevendo e falando do meu povo na escrita poética, entre outros.

## 16. Qual é o seu maior desejo enquanto escritora indígena?

Meu desejo, como escritora indígena, é que nossa literatura adentre cada vez mais em espaços de diálogo, possibilitando desconstruir olhares que são lançados sobre nós e que trazem preconceito, ódio e violência. Por isso, nossa literatura é de paz.

## 17. Você é uma artista de múltiplos talentos. Há alguma arte que você se sobressai em suas produções?

Sim. Utilizo a multiarte para criar, como já falei, diálogos de mundos e decolonizar o que puder ser decolonizado. Então me permito estar sempre em aprendizado. Nunca paro de aprender porque o mundo está em construção, em transformação e nós com ele. Faço poesia, música, produção teatral e canto; se precisar atuar em palco, atuo também, além de contar histórias, entre outros.

## 18. Por que dizer Literatura Indígena e não só Literatura Brasileira?

Literatura indígena porque ainda precisamos demarcar territórios, inclusive o da literatura, mas ela não deixa de ser brasileira por ser indígena. Fazemos uma literatura indígena contemporânea brasileira e isso é necessário para dizer que é escrita por nós indígenas, e não por não indígenas

## 19. Quais são seus próximos projetos? Poderia comentar? E onde podemos encontrar seus livros?

Meus próximos projetos: lançar, neste ano, 2 ou 3 livros; isso depende do andamento da arte gráfica, pois cada livro é com uma editora diferente. E voltar a trabalhar com música, fazendo meus saraus lítero-musicais pelo Brasil e exterior.

Meus livros podem ser encontrados na Amazon, na editora Jandaira, editora Edebê, Livraria Maracá, Lojas Americanas, Magazine Luiza e Submarino.

Figura 5 – Capas de livros de Márcia Kambeba




Fonte: Acervo dos organizadores.

# REFERÊNCIAS

KAMBEBA, M. W.; SILVA, M. V. **Kumiça Jenó**: narrativas poéticas dos seres da floresta. Flórida: Underline Publishing, 2021.

KAMBEBA, M. W.; SILVA, M. V. **O povo Kambeba e a gota d'água**. Brasília, DF: Edebê Brasil, 2022.

KAMBEBA, M. W.; SILVA, M. V. **O curumim Wirá e os encantados**. Campinas: Casa Cultural, 2023.

KAMBEBA, M. W.; SILVA, M. V. **Infância na aldeia**. Jandira: Ciranda na Escola, 2023.

KAMBEBA, M. W.; SILVA, M. V. **De almas e águas kunhãs**. São Paulo: Jandaíra, 2023.

KAMBEBA, M. W. **Cocar**. Ilustrações: Eich Cris. Campinas: Kraus Editora, 2024.

SILVA, M. V.; KAMBEBA, M. W. **Saberes da floresta**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

SILVA, M. V.; KAMBEBA, M. W. **O lugar do saber ancestral**. São Paulo: UKA, 2021.

Entrevista 9

# ENTREVISTA COM JAP METE VERÔNICA ORO MON

*Márcia Dias dos Santos*

Fotografia 1 – Escritora Jap Mete Verônica Oro Mon



Fonte: Página do *Facebook*[36].

36 Disponível em: https://www.facebook.com/jap.oromon. Acesso em: 20 maio 2024.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.9

**Jap Mete Verônica Oro Mon** é professora indígena da Secretaria Estadual de Educação (Seduc) e tem uma trajetória marcada pelo compromisso com a educação escolar indígena. Já atuou como professora auxiliar de Literatura Indígena na Coordenação de Educação Escolar Indígena e integrou a equipe técnica dessa coordenação.

Na Escola Indígena, Wem Canum Oro Waram exerceu a docência, além de ter trabalhado por quatro anos como professora de Língua Materna, Arte e Identidade Étnica e Histórica na Escola Indígena Paulo Saldanha Sobrinho. Nesse mesmo período, também lecionou Língua Materna, Arte e Cultura do Povo na Escola Indígena Dom Luiz Gomes de Arruda.

Sua experiência se ampliou para além das escolas: foi responsável por ministrar o Curso Básico de Língua Wari, durante cinco meses, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, Câmpus Guajará-Mirim. Além disso, atuou como chefe do Setor de Educação Escolar Indígena na CRE/Seduc, acumulando experiência tanto em sala de aula quanto em funções técnicas e de gestão. Essa experiência contribuiu para sua atuação literária na escrita de obras indígenas, congregando a sua experiência de sala de aula com a cultura indígena.

## 1. Nome completo:

Jap Mete Verônica Oro Mon.

## 2. Em que lugar você nasceu e qual sua etnia?

Aldeia Sagarana, rio Guaporé, município de Guajará-Mirim-RO. Etnia Oro Mon.

## 3. Por que ser escritora?

A escrita, atualmente, nos permite divulgar, resgatar, manter, fazer conhecer o nosso povo, a nossa história, a nossa luta, nossos costumes e crenças passados de geração em geração por meio da oralidade.

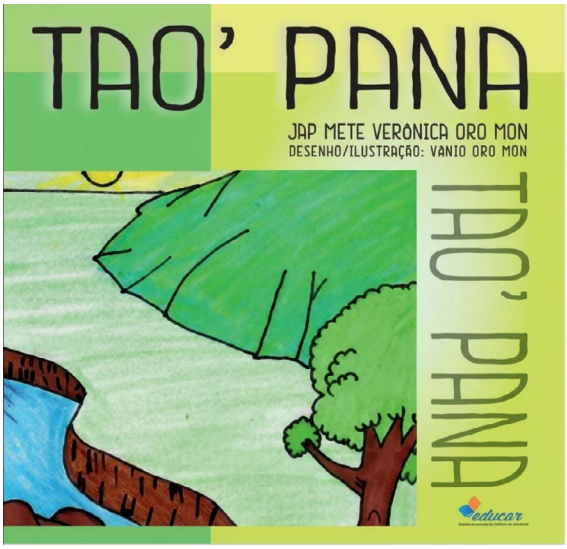
## 4. Quais temáticas abordadas em seus livros?

Na minha escrita, eu apresento elementos que dialogam com as narrativas ancestrais do meu povo.

## 5. O que é escrever Literatura indígena no Brasil hoje?

É um instrumento que nos permite produzir e, assim, fazer conhecer a cultura ou todos os elementos que fazem parte da vivência indígena com os conhecimentos adquiridos oralmente e em coletividade com os anciãos.

Figura 1 – Capa do livro *Tao'Pana*




Fonte: *Site* da Faculdade Católica de Rondônia[37].

## 6. Qual sua opinião sobre a produção literária amazônica e indígena? É bem representada na Literatura Nacional? Poderia dissertar sobre isso?

A maioria das produções literárias, além de romantizar o quesito "índio", também remetem muito à questão de lendas ou mitos, o que acaba não dando tanta credibilidade ao modo de ver e ser dos povos indígenas. A literatura indígena, escrita por escritores indígenas, traduz o modo de ser do povo ao qual o escritor pertence. Nesses textos, podemos verificar os conhecimentos, a superação, os desafios e a resistência.

37 Disponível em: https://fcr.edu.br/editoracatolica/ebooks/. Acesso em: 25 jun. 2024.

## 7. O processo de criação é particular ou coletivo? Como é o seu? Há mais inspiração ou trabalho de criação? Poderia comentar?

O trabalho que eu produzi e que consegui publicar surgiu coletivamente, após observar a falta de materiais literários e didáticos específicos em nossas escolas. Também, na atualidade, são poucos os anciãos e a juventude atual têm pouco conhecimento sobre as narrativas ancestrais.

Figura 2 – Página do livro *Tao'Pana*




Fonte: *Site* da Faculdade Católica de Rondônia[38].

38 Disponível em: https://fcr.edu.br/editoracatolica/ebooks/. Acesso em: 25 jun. 2024.

**8. Na escrita de um romance, poesia ou conto infantil/juvenil, há uma ordem a ser seguida, um ritual? Quem vem primeiro: os personagens, o espaço, a temática, o tempo? Poderia nos contar?**

Nas narrativas ancestrais, temos o tempo, o espaço, os personagens e a temática sempre com objetivo educativo.

**9. Há traços autobiográficos em suas obras? Quais? Poderia comentar?**

Sim. As narrativas coletadas fazem parte de um acervo exclusivo da etnia e os acontecimentos narrados fazem parte do território e da educação indígena do povo mencionado.

**10. A senhora guarda os manuscritos das obras?**

Sim, os manuscritos são guardados em arquivos pessoais. As narrativas são ancestrais, contadas pelo ancião, as quais reescrevo e transcrevo para a língua materna e língua portuguesa, tentando ser o mais fiel possível à narrativa original.

### 11. Há reescrita na escrita das obras? Quais escritores você lia quando criança?

Na infância, o primeiro contato foi com as histórias contadas pelo meu avô. Ele foi o responsável pelos conhecimentos adquiridos e, quando tive acesso à escola, tive a oportunidade de ler as fábulas de Esopo, obras de Monteiro Lobato e outras histórias infantis.

### 12. Há autores que influenciam na sua escrita?

Não influenciaram, mas contribuíram no sentido de elaborar e concluir o *Projeto Daniel Munduruku* e *Eliane Potiguara*.

### 13. Como você vê a inserção da literatura indígena no cenário literário brasileiro?

É um marco de representação que se tornou visível, ressignificando o protagonismo indígena.

### 14. Sua literatura é de resistência? Por quê?

Sim, pois nela estão incluídos diversos elementos históricos, culturais, sociais, linguísticos, territoriais e espirituais do povo ao qual pertenço.

## 15. Qual a relação dos textos escritos por você e a cultura do seu povo?

Contém diversos elementos que fazem parte da cultura e que representam o modo de ser, de viver e de se ver o mundo.

## 16. Qual é o seu maior desejo enquanto escritora indígena?

Além do reconhecimento como escritora indígena, que o meu povo também seja conhecido e reconhecido pela sociedade brasileira. E desejo abrir as portas para que outros escritores(as) tenham a oportunidade de se manifestar e fazer parte desse conjunto.

Figura 3 – Páginas do livro *Tao'Pana*




Fonte: *Site* da Faculdade Católica de Rondônia[39].

39 Disponível em: https://fcr.edu.br/editoracatolica/ebooks/. Acesso em: 25 jun. 2024.

**17. Você é uma artista de múltiplos talentos. Há alguma arte que você se sobressai em suas produções?**

Além de escrever, também canto músicas ancestrais e faço composição de músicas na língua materna.

**18. Por que dizer Literatura Indígena e não só Literatura Brasileira?**

Porque ainda precisamos demarcar e lutar pelo espaço da escrita no Brasil. Somos autores, ilustradores, contadores de histórias e guardadores da memória ancestral. Essas marcas são importantes para que a sociedade não indígena possa nos reconhecer como agentes no processo de escrita.

**19. Quais são seus próximos projetos? Poderia comentar? E onde podemos encontrar seus livros?**

Além de novas narrativas ancestrais, também há uma coletânea de músicas ancestrais em andamento. Os meus livros podem ser adquiridos comigo ou na Livraria Letras Amazônicas, em Porto Velho-RO.

## REFERÊNCIA

ORO MON, Jap Mete Verônica. **Tao' Pana**. Porto Velho: Educar, 2022.

Entrevista 10

# ENTREVISTA COM DENIZIA CRUZ – DENIZIA KAWANY FULKAXÓ

*Márcia Dias dos Santos*

Fotografia 1 – Escritora Denizia Cruz Kawany Fulkaxó



Fonte: *Site* da Livraria Maracá[40].

40 Disponível em: https://www.livrariamaraca.com.br/produto-tag/denizia-cruz/. Acesso em: 15 maio 2024.

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.10

**Denizia Kawanu Fulkaxó** é licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, Especialista em Desenvolvimento Infantojuvenil: um enfoque Psico-Educacional pela Faculdade Estácio de Sergipe/SE. Bacharela em Direito pela Universidade Tiradentes de Sergipe UNIT/SE. Pós-Graduada em Direito Penal e Processo Penal pela Universidade Tiradentes do Estado de Sergipe. Autora dos livros *Kariri Xocó - contos indígenas* (volumes I, II, III e IV). Coordenadora do Espetáculo *A cura do mundo povos da floresta, Conhecendo as árvores Kariri Xocó.* Coordenadora do projeto *Brincando com os Kariris Xocós*. Mestra em História - Educação Africana, Povos Indígenas e Culturas Negras, com o projeto de pesquisa *Narrativas da memória, história, interculturalidade do povo indígena Kariri Xocó do estado de Alagoas – AL*, pela Universidade Estadual da Bahia (Uneb/Bahia). Militante das causas indígenas, com ênfase em Literatura infantojuvenil. Mediadora da Semana da Consciência Negra e Indígena no Instituto Federal de Alagoas Câmpus Arapiraca, IFAL, Brasil.

Kawany Fulkaxó - Denizia Cruz é mulher, mãe, indígena do Povo Fulkaxó, professora, pedagoga, especialista em educação infantil e juvenil, bacharela em Direito, escritora, conferencista, cantora dos rezos sagrados, contadora de histórias, encantadora de pessoas, mestra em história (Educação Africana, Povos Indígenas e Culturas Negras).

Kawany é um ícone do pioneirismo. Nasceu em 1980 na aldeia indígena Kariri Xocó, em Porto Real do Colégio – AL, logo após a retomada da sementeira e reúne, no seu DNA, o

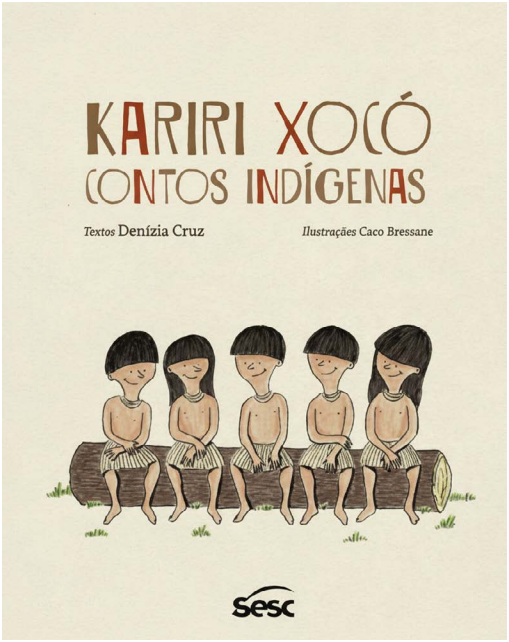
sangue, a coragem e a cultura de três povos: o povo Fulni-Ô, Kariri e Xocó. É uma das mulheres de frente na luta e resistência pelo território do povo Fulkaxó, que reúne os três povos na aldeia Fulkaxó em Pacatuba – SE.

Escritora dos livros *Kariri Xocó: contos indígenas* (Sesc SP, volumes 1, 2, 3 e 4), uma obra literária que traz o cotidiano do seu povo, seus reveses e suas vitórias na luta pelo território e pelos direitos adquiridos, seus livros são referência para escolas e para os leitores em geral, apresentando, com leveza e encantamento, a vida dentro de uma comunidade indígena.

Kawany é Coordenadora do projeto *Brincando com os Kariri Xocó* e do projeto *Toré: Som Sagrado, Danças e Cantos Dramatizados*. É figura certa nas bienais do livro e nas feiras literárias em todo o país.

Uma ativista incansável das causas do seu povo, participa ativamente dos movimentos de base das organizações de defesa dos povos originários, é secretária da Associação Indígena Tekoá Portal Tupinambá e integra a diretoria da Associação Indígena Fulkaxó. Kawany é voz recorrente na divulgação da cultura e na defesa dos direitos constitucionais dos povos originários e ministra palestras e apresentações levando consciência e educação sobre nós, povos originários no Brasil.

Figura 1 – Capa do livro *Kariri Xocó: contos indígenas*




Fonte: *Site* da Livraria Maracá[41].

## 1. Qual seu nome completo e onde você nasceu?

Meu nome é Denizia Kawany Fulkaxó e nasci na cidade de Porto Real do Colégio, Estado de Alagoas. Sou indígena da aldeia Kariri Xocó e Fulkaxó, que fica no Estado de Sergipe, no município de Pacatuba. Passei minha infância na aldeia Kariri Xocó, onde aprendi a ser criança, brincava com meus amigos e amigas da minha idade naquela época.

41 Disponível em: https://www.livrariamaraca.com.br/produto/kariri-xoco-contos-indigenas-v-4-denizia-fulkaxo/. Acesso em: 28 jun. 2024.

## 2. Por que ser escritora?

Escolhi ser escritora, porque essa também é uma forma de militar nessa área, levando para o mundo as histórias de meu povo em forma de contos. Escrevo para o público infantojuvenil para contar a história do cotidiano do meu povo.

## 3. Quais temáticas você aborda em sua escrita?

As temáticas que abordo em meus livros são sobre as brincadeiras indígenas, o pássaro Vi Vi (que é um pássaro mensageiros dos acontecimentos do cotidiano da aldeia e da espiritualidade), o Wakay (o guerreiro da águia), a família da natureza e os mutirões da comunidade, que são atividades de trabalhos braçais. Abordo também temas sobre os cantos e as danças do Toré, a cura do mundo pelos povos da floresta, os objetos musicais, a olaria, as plantas sagradas, as árvores sagradas, a roda dos mais velhos em volta da fogueira, o marco temporal, as pinturas corporais, a terra Fulkaxo, o mundo digital na aldeia, o mundo das línguas, a bancada do cocar e demais contos que encantam a todos ao lerem nossas histórias.

## 4. E para você, o que é Literatura indígena hoje no Brasil?

Partindo dessa questão sobre os contos, para mim literatura indígena no Brasil é, hoje, uma forma de resistência, conhecendo e valorizando aqueles que nos antecederam

para dar continuidade a essa militância e desmistificar os estereótipos preconceituosos que a sociedade tem visto nos povos indígenas ao longo do tempo. Escrever é levar conhecimento à sociedade; é a nossa forma de ver o mundo ao nosso redor, os acontecimentos da nossa vida e de nossa ancestralidade.

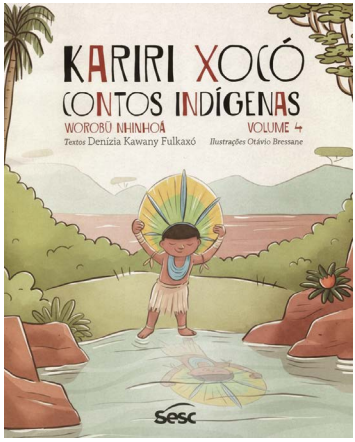
### 5. E como você vê a Literatura amazônica? Há um reconhecimento?

A Literatura amazônica tem sido reconhecida no âmbito nacional e internacional por representar uma região que sobressai em cena e também pelos povos ditos, assim pela sociedade, "exóticos" e "tradicionais", mas isso não quer dizer que ela seja a melhor, nem pior em termos de militância literária. Os grandes escritores da literatura indígena mais reconhecidos vêm de diversas regiões e não apenas da região amazônica, porém esse fato nos traz abertura para que povos de diversos lugares sejam escritores e contadores de suas próprias histórias. Temos, na contemporaneidade, diversos escritores contando suas histórias através de diversas literaturas, seja infantojuvenil, científica ou de cordel. Seja qual for, o importante é que a literatura tem trazido inúmeras aberturas para diversos perfis. O processo de criação da escrita pode ser individual, como também coletiva: uma está ligada à outra e não dá para falar de mim sem antes falar também do meu povo, ao qual pertenço.

## 6. Como você vê a sua escrita?

A minha escrita é uma escrita de mim, que também advém da escuta do outro. Uso as duas situações em que coloco inspiração guiada pelos meus ancestrais que, ao receber as mensagens, as crio com personagens criados por mim para falar do outro. Essa é uma escrita em que a escuta se dá com olhos nos olhos e a expressão de um estado de pertencimento. Como indígena, eu sei a importância da escuta e também sei da importância da escrita. Assim, sei que a escrita deve servir como espelho, deve servir como estímulo, como alavanca para novas falas, novas pesquisas de autoria indígena.

Figura 2 – Capa do livro *Kariri Xocó: contos indígenas*




Fonte: *Site* da Livraria Maracá[42].

42 Disponível em: https://www.livrariamaraca.com.br/produto/kariri-xoco-contos-indigenas-v-4-denizia-fulkaxo/. Acesso em: 25 jun. 2024.

**7. E quando você escreve sua literatura, o que vem primeiro: a ideia de um personagem, a temática ou o espaço? Como é esse processo de criação?**

Na escrita dos meus contos, o que vem primeiro, para mim, é um acontecimento na comunidade e fora dela. Por exemplo: se estamos em um processo de litígio territorial, eu escrevo sobre aquele processo que está acontecendo. Após a escrita, eu as organizo com o tempo e, após isso, eu analiso os fatos, os personagens e vou encaixando aquele acontecimento e é assim que nascem meus contos.

Escrever poemas não é tão simples e fácil como a maioria das pessoas imaginam, pois os poemas vêm para mim após acordar, após xanducar, após me conectar com a natureza, com uma dança, com um canto. Às vezes tenho que escrever rápido para não esquecer das belíssimas palavras que chegam para mim e, a partir desse poema, vou encaixando nas histórias.

**8. Esse processo de escrita apresenta questões individuais ou coletivas?**

Quando você tem um processo de escrita que coloca o coletivo e o individual nas histórias e após todo trabalho feito, passando por cada fase da escrita, desde do texto bruto até o texto literário elegante, você se dá conta de que aquela história também tem a ver com você e, propositalmente, tenho feito isso para as pessoas se identificarem como eu vejo a história

do meu povo e dos povos, como nossa vida é, como ela pode ser simples e natural sem precisar vivermos tão acelerados e que em tudo na vida há tempo e fases. Eu vejo nas minhas histórias traços autobiográficos, como na história de *Mydzé e O marco da vida*. Nessa história, pude trazer vários elementos dos últimos acontecimentos do processo territorial para os povos indígenas e para meu povo.

**9. Nesse processo de escrita existem os manuscritos? Você guarda esse material ou se desfaz deles?**

Apesar de os meios tecnológicos serem tão presentes nas vidas das pessoas, chegando às aldeias e sendo tão importantes para cada comunidade, podendo ajudar a defender nosso território, nunca deixamos de lado o meio tradicional de fazer nossas atividades. Contudo, tenho guardado meus manuscritos das minhas obras para lembrar cada fase, cada momento, bem como para conhecer que, através deles, consigo entender minha luta, pois são através desses manuscritos que luto cada luta por dia. Tenho também imagens da coletividade participando desse momento, das rodas na fogueira, das conversas dos mais velhos, material que serve de acervo para as próximas gerações.

## 10. E quando você escreve a primeira versão, depois há uma reescrita?

Não há reescrita nas minhas obras porque elas são escritas dos acontecimentos do cotidiano da comunidade. Reescrever um texto ou uma frase, para mim, significa reescrever o que já está escrito em algum lugar. Eu escrevo a vida de cada membro do nosso grupo, escrevo sobre a nossa ancestralidade, sobre o que ela nos passa para dar continuidade as nossas histórias.

## 11. Quais escritores você lia quando criança?

Quando criança, lia as histórias do meu povo, primeiro na comunidade, sabendo que cada momento poderia ser escrito por mim através da oralidade que os mais velhos contavam. Só a partir da escola que tive acesso a outros tipos de leitura e escrita, a começar pelas histórias colonizadoras que eram impostas para nós e que não condiziam com aquilo que ouvia na comunidade. Meus escritores sempre foram os mais velhos, porque foram eles que escreviam suas histórias marcadas pela luta de sobrevivência e pela luta da terra. Na escola, tive acesso aos escritores que escreviam nossas histórias de forma preconceituosa. Como exemplo, tenho nas minhas lembranças José de Alencar, Monteiro Lobato dentre outros, mas tenho também lembranças dos escritores indígenas, como Eliana Potiguara, Ailton Krenak e Daniel Munduruku.

## 12. Quais autores influenciaram ou influenciam sua escrita?

Os autores que influenciaram minha escrita foram José Nunes de Oliveira (Nhenethy, historiador da comunidade), Paulo Freire, Sandra Costa (uma amiga da graduação de Pedagogia), Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Kaká Werá, Ailton Krenak, Marcia Kambeba.

## 13. Como você vê a inserção da literatura indígena no cenário literário brasileiro?

A inserção da literatura indígena no cenário literário brasileiro está, hoje, cada vez mais visibilizada pela luta dos escritores veteranos, pela luta dos escritores contemporâneos e pelos escritores que, de alguma forma, estão buscando militar nesses espaços, sejam literários, acadêmicos, artísticos ou em qualquer área que nos devolva o que nos foi tomado, a nossa liberdade de sermos quem somos, escritores de nossa própria vida. Porém, ainda há muito que fazer, porque o sistema educacional e o sistema de políticas públicas precisam estar unificados para esse processo.

## 14. Sua literatura é de resistência? Por quê?

Minha literatura será sempre de resistência porque foi através dela que consegui colocar em forma de contos os anseios da nossa comunidade. Consegui também, em forma de contos, denunciar as questões dos processos territoriais.

**15. Qual a relação dos textos escritos por você e a cultura do seu povo?**

As histórias que escrevi e que ainda irei escrever têm e terão relação com a cultura do meu povo, pois através da minha cultura procuro mencionar, em forma de personagens, os acontecimentos de cada membro que faz parte desse processo.

**16. Qual é o seu maior desejo enquanto escritora indígena?**

O meu maior desejo é que todos os escritores indígenas que estão tornando sua literatura uma forma de luta e resistência coletiva e individual tenham espaços para falar sobre seu trabalho e que, um dia, cada um de nós tenha oportunidades, pois assim alcançaremos nossos lugares na sociedade e seremos reconhecidos como povo originário pertencente a essa terra.

**17. Você é uma artista de múltiplos talentos. Há alguma arte que você se sobressai em suas produções?**

A arte em que me sobressaio bem é a arte da escrita, seguida de cantos. Adoro escrever e compor as músicas dos contos e isso flui muito bem em mim, mas também a arte que também me saio bem é a arte de ensinar para aqueles que querem aprender comigo.

## 18. Por que dizer Literatura Indígena e não só Literatura Brasileira?

Não podemos hoje cometer os mesmos erros que foram cometidos no passado pelos colonizadores que aqui chegaram. Não podemos aceitar que a nossa literatura seja colocada em um pacote, como fizeram com vários povos. Falarmos aqui de termos para as coisas é aceitar o que o outro acha sobre você. Nesse sentido, temos que falar de literatura indígena e não de literatura brasileira, pois essa literatura não escreve nossa realidade do cotidiano. Essa literatura brasileira errou muito para com nossos povos e não podemos permitir que isso aconteça novamente. LITERATURA INDÍGENA deve ser porque somos muitos povos com culturas diferentes.

## 19. Quais são seus próximos projetos? Poderia comentar? E onde podemos encontrar seus livros?

Falar sobre meus próximos projetos é falar da escrita, leitura, arte, educação e direitos. Meus projetos estão ligados à continuidade de escrita do 5º volume dos contos indígenas. Além disso, estou escrevendo sobre os direitos humanos para a infância e vou publicar minha dissertação de mestrado sobre a minha autobiografia.

Minhas obras podem ser encontradas pelo *Instagram*: @ kariri.xoco_contos indígenas, ou denizia.kawany_moreirafulkaxo.

# REFERÊNCIAS

CRUZ, Denízia. **Kariri Xocó**: contos Indígenas. Ilustrações: Caco Bressane. São Paulo: Sesc São Paulo, 2014. v. 1.

CRUZ, Denízia. **Kariri Xocó**: contos Indígenas. Ilustrações: Caco Bressane. São Paulo: Sesc São Paulo, 2019. v. 2.

CRUZ, Denizia. **Histórias e espelhos**: memórias de vida, relatos e experiências de uma educadora indígena. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos, Povos indígenas e Culturas Negras) - Departamento de Educação, Universidade do Estado da Bahia, Câmpus I, Salvador, 2022.

Entrevista 11

# ENTREVISTA COM AIDIL ARAÚJO LIMA

*Joely Coelho Santiago*

Fotografia 1 – Escritora Aidil Araújo Lima



Fonte: Acervo da escritora.

**Aidil Araújo Lima** reside em Cachoeira, localidade conhecida como fonte histórica do Recôncavo da Bahia e tem formação em Filosofia e Jornalismo. Em dias atuais, dedica-se às crônicas e contos de Literatura, publicação em revistas

DOI: 10.30681/978-85-7911-317-8.11

e antologias regionais, nacionais e internacionais, além da publicação alusiva ao Jubileu de Ouro de Mogi das Cruzes-SP, selecionada em certame internacional. Um dos seus livros mais conhecidos, *Mulheres sagradas*, foi publicado no 2017 e apresenta uma narrativa sensível, marcada por ficção e realidade de mulheres em vários contextos, como religiosos, sociais, econômicos, raciais e de gênero. Aidil também é autora das obras *Páginas rasgadas*, *Fio de silêncio, Insabas e Velado*. Recentemente, foi citada por Conceição Evaristo durante uma entrevista à obra *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (2020).

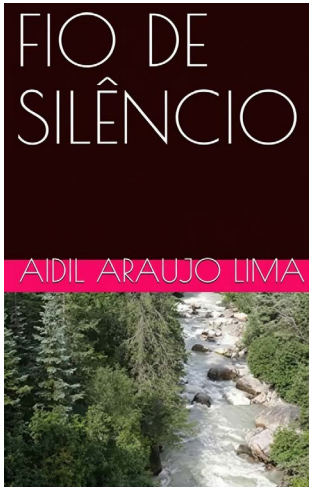
## 1. Com quais justificativas você decidiu se tornar escritora?

A escrita que me chamou, na verdade. Eu escrevo por necessidade de criar narrativas com pessoas da minha cor. Desde criança, desde menina isso me incomodou muito. Eu criava histórias nas quais os personagens eram pessoas negras e isso foi um convite da vida para desconstruir esse modelo imposto pela sociedade eurocêntrica. Então os livros que eu lia só tinha famílias brancas, na televisão só havia pessoas brancas, isso me incomodou muito e as pessoas não entendiam também essa questão. Eu falava “por que só tem pessoas brancas?”, e respondiam: “não fala isso, menina!”. Eu não podia falar, então eu escrevia. Eu comecei a escrever desde menina, criando narrativas em que os personagens eram negros.

## 2. E por que escrever sobre essa temática?

Eu escrevo outras coisas também. Lancei esse primeiro livro há pouco tempo, em 2017. Os meus textos sumiram, porque eu escrevia em papel, em guardanapo, na rua. Em qualquer lugar eu escrevia. Então, isso aí já foi uma coisa bem depois, muito tempo depois. E tive essa ideia. Um amigo pediu para publicar, e eu reuni os textos, mas eu já tinha escrito muita coisa. Escrevi poemas de amor, crônicas e agora eu escrevo contos parecidos com crônicas, mas são contos. E vou costurando histórias, criando uma coisa possível sobre a humanidade.

Figura 1 – Capa do livro *Fio de silêncio*




Fonte: *Site* da Livraria pública[43].

43 Disponível em: https://livrariapublica.com.br/livros/fio-de-silencio-aidil-araujo-lima/. Acesso em: 24 jul. 2024.

## 3. O que é escrever no Brasil, hoje?

Escrever no Brasil, hoje, para mim, é a mesma coisa que escrever no Brasil ontem. Escrever eu escrevo. Agora escrever e publicar é outra questão. Tem muita gente que escreve e não publica. Eu escrevia tanto e não conseguia publicar, mas há anos, com muita luta, o Movimento Negro vem nessa luta. Às mulheres negras, eu sempre digo: "ainda precisa muito!" Tem muita potência que é invisibilizada. Fiz uma apresentação na Universidade em Santo Amaro, uma cidade vizinha aqui e um professor de Santa Catarina fez um trabalho muito lindo. Uma Revista on-line muito linda. E aí foi o lançamento dessa segunda edição dessa Revista e a homenageada fui eu. Eles estão trabalhando com o livro *Páginas rasgadas*.

A professora Viviane, de Linguagens, já trabalhou no ano passado com *Mulheres sagradas*. E aí eles vieram pra Cachoeira. Trouxeram a turma, falamos sobre a construção da narrativa. Tudo isso. E então, neste ano, eles estão trabalhando o livro de minha autoria, *Páginas rasgadas*. Nesse evento houve também o lançamento dessa Revista. O professor Rubens é encantado por Cachoeira, pelo Recôncavo, por essa potência. Ele disse: "santo de casa não faz milagre, mas aqui ele faz"[44].

Conceição Evaristo, ela mesma já disse isso, porque a sociedade dominada quer nos enganar. Eles pegam uma mulher negra, dão visibilidade para ela como se só existisse

44 Trecho retirado de uma conversa da autora com o professor Rubens.

ela. Ela disse: “não pensem que estão me enganando”. Então vamos trabalhar Aidil Araújo Lima, Deisiane Barbosa.

Há tantas escritoras negras aqui na Bahia, ainda mais, porque os africanos, quando saíram de África, do Benin, vieram para essa região do Recôncavo Cachoeira, Santo Amaro… principalmente essas duas regiões em que a cultura negra é muito forte. Cachoeira é um polo turístico, vêm muitas pessoas para cá. E os negros preservaram, deixaram acesa a cultura. Quando eles saíram da África, tiveram que dar 21 voltas em torno do Baobá e as mulheres 14 vezes para poder esquecer tudo. Mas eles trouxeram na alma. Eu vi um documentário nessa semana, em quinze dias, aquele que você me mandou, *Atlântico negro: na rota dos Orixás* e tem outro que eu vi na abertura da exposição em Salvador, também do Benin. Foi do Benin que saíram esses povos aqui para essa região e para o Maranhão e o ritual é o mesmo. Então quer dizer que está no nosso DNA, na nossa genética toda essa fama de ser, de se reinventar e toda essa cultura. Por que escrevo sobre mulheres? Porque a gente fala sobre o que a gente sente, do que a gente sabe… eu, né? Eu gosto de criar histórias com mulheres negras, mas ultimamente eu tenho escrito sobre mulheres negras, com outro viés saindo desse lugar de dor. Apesar de meu livro falar da dor, eu contorno a dor para não ficar pesado, pois é uma vida de muita dureza; é todo dia essa questão do racismo, a gente tem que se blindar e toda hora a gente vê isso. Então, mudou muito pouco.

Minhas narrativas retratam o racismo no Brasil. Ele pode ter mudado algumas coisas, algumas sutilezas. É um racismo sutil. Mas, para mim, continua a mesma dificuldade para publicar. Escrever eu escrevo sempre. Quanto mais dificuldade e mais problemas, mais eu preciso escrever. Eu preciso dessa catarse, dessa libertação de colocar para fora tudo o que a gente vê.

Eu estava vendo hoje uma advogada que estava num estádio e a cantora pediu água... ela entrou na justiça denunciando racismo. Ela estava num evento participando, pagou pelo show e a cantora pediu água para ela. Ela disse: "não desvalorizando, porque todas as profissões são importantes. Mas por que o negro tem que estar sempre nesse lugar de subalternidade?". Ela entendeu que, por ela ser negra, a cantora se dirigiu a ela como se fosse a garçonete para servir a água.

As pessoas continuam nos vendo nesse lugar e isso já aconteceu comigo em Cachoeira, na FLICA[45], não foi no ano em que participei da Mesa. Eu cheguei no outro dia, estava em um restaurante e fui comprar água. Uma moça branca perguntou se eu podia arranjar uma água e eu respondi "eu também já ia te pedir uma água". Ela se dirigiu a mim, porque sou negra.

O negro tem que estar sempre nesse lugar de subalternidade. E, por isso, a gente continua. Está um pouco

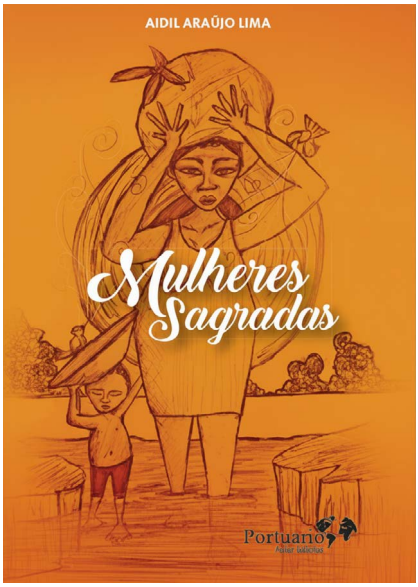
45 Festa Literária Internacional de Cachoeira.

melhor, porque no meu primeiro livro eu paguei tudo para publicar. O segundo livro já teve uma editora, Segundo Selo. O editor é negro. E aí ele criou a Editora Organismo e outra parte só para mulheres negras. Eu fui convidada para publicar e não paguei nada. Eu recebo uma porcentagem de 10% e eu posso comprar livros com desconto. Já foi diferente. Então há muitas escritoras negras e escritores negros publicando nessa região, graças a Deus, e as pessoas têm interesse por conta da mídia. As pessoas estão publicando e vendendo também.

**4. Sobre representatividade do que você escreve na Literatura Nacional, como você analisa isso?**

A representatividade, em termos de visibilidade, existe. O retorno financeiro não. Meu primeiro livro é estudado em várias universidades. Os professores compram esse livro. Infelizmente estou com problemas para fazer novos exemplares. Uma escola adotou esse livro e ligaram para mim, pedindo o livro. Eu entrei em contato com a Editora e não foi possível a confecção e aí eu indiquei a *Amazon*. Já o segundo livro tem mais disponibilidade. Uma pessoa levou para Portugal dez livros do *Páginas rasgadas*. Então tem tudo isso, a disponibilidade. Tem essa coisa de mercado.

Figura 2 – Capa do livro *Mulheres sagradas*




Fonte: *Blog* de Elmidard[46].

## 5. Como acontece a escrita criativa de suas narrativas?

Tudo começa com inspiração, como se fosse um *insight*, uma palavra que eu ouço. Essa palavra me leva a alguma história. Pode ser história imaginada ou história que está na minha memória e aí vou desenvolvendo. À medida em que vou desenvolvendo o texto, vão surgindo memórias e eu vou criando dentro da realidade, ou então como eu gostaria que fosse. Mas primeiro é uma palavra. Estou terminando um

46 Disponível em: https://elmirdad.blogspot.com/2017/11/oito-passagens-de-aidil-araujo-lima-no.html. Acesso em: 27 jul. 2024.

livro para publicar, já escrevi 20 contos. Há dias em que eu sento e não consigo escrever nada. Hoje mesmo foi um dia assim, talvez mais tarde, de madrugada. Às vezes eu acordo de madrugada com o texto na cabeça. Eu começo a escrever alguma coisa, coloco algumas palavras e eu acordo com o texto pronto. No livro *Mulheres sagradas* aconteceu muito isso, de eu começar a escrever alguma coisa, me levantar e terminar o texto. O livro que eu estou escrevendo agora, por enquanto, o nome é *A casa e o vento*.

## 6. O que você pretende obter com a leitura de seus livros?

Eu já estou conseguindo. Minha intenção era que na escola… foi difícil para mim a forma como os professores tratam essa violência de pegar os povos da África e trazer para o Brasil, tão brutal e tão desumana e eles falam isso brincando… quando eu estudava, né, há anos. Era dolorido, para mim, ouvir isso e eu quis criar outra narrativa de dificuldade, de uma pessoa tentando, lutando e sobrevivendo com a alegria que criaram o samba de roda, a capoeira que é uma luta de defender brincando, criada nos terreiros, eles disfarçavam para lutar com a dança. Então foi difícil, para mim, conviver… e há pessoas que falam que não existe racismo, que estão inventando… e muitos não percebem.

E eu via, na fala da professora, a forma como tocavam nesse tema, as pessoas olhavam para mim e isso foi tão doloroso. Eu não me via. Eram figuras de mãe branca, pai

branco e, quando aparecia o preto, era como empregado doméstico. Então, muito mais do que ter muito dinheiro, é você ver os alunos de classe média estudando a história das mulheres e se encantando da forma como elas blindaram isso, a luta pela sobrevivência e hoje vemos outro cenário se formando: pessoas de outros lugares, em outras profissões, em que o negro é protagonista. Não aquela história do navio negreiro, mas uma história bonita porque eles superaram.

Tem uma moça aqui indo para os Estados Unidos, é quilombola aqui e ela disse que tem certeza de que seus ancestrais estão batendo palmas e estão felizes. Isso é um avanço, gente! Por isso eu escrevo sobre mulheres, para que não se perca tudo isso. Quando eu escrevo histórias de mulheres negras, várias pessoas lembram da avó, da mãe, da tia.

Quando a gente conta a história de uma mulher negra, todas passaram por esse problema de forma diferente: da mulher que fazia cocada para vender. É falar das ancestrais, de todas. Me incomodava muito. Eu observava... eu era amiga dessas mulheres. Fui criada por várias tias, família da minha avó. Meu avô era da Leste. Tenho um conto que fala sobre isso, e ser da Leste, naquela época, ser funcionário ferroviário da Leste era um *status*. Minha tia era professora e eu sofri com tudo isso. Eu me coloco nesse lugar também, junto com outras mulheres.

## 7. Você guarda manuscritos das suas obras?

Meus textos escritos à mão sumiram, mas eu os tenho no computador. Eu não escrevo mais. Me lembro quando fiz Jornalismo, eu escrevia à caneta os textos. Mas eu não conseguia pensar quando estava no computador, porque eu usava caneta. Foi um exercício mental até eu conseguir criar no computador. Foi um processo de transição do manuscrito para digitar no computador. Hoje eu já não consigo escrever no caderno. Se eu vejo uma planta, por exemplo, eu faço uma frase com essa planta. Mas eu não consigo compor um texto no computador. O computador tem facilidades, mas tem tudo isso também.

## 8. Há reescrita das suas obras?

Esse livro que a escola está trabalhando, o *Mulheres sagradas*, passou por uma revisão, uma segunda edição. O livro ainda não saiu, o Universo está providenciando para que saia. Quando as coisas têm que acontecer, o Universo se encarrega disso. O livro está pronto, foram vendidos quinhentos exemplares. Só tenho um e está com minha tia. As pessoas querem, mas ainda está na gráfica.

## 9. Quem são as suas influências?

A Vida. As pessoas sempre me perguntam sobre isso, sobre minhas influências. Minha influência é a Vida. A influência pode ter sido também da cidade. Fui uma pessoa cheia de traumas e dramas, e as pessoas não entendiam. A gente vai tateando e pegando as coisas. Em *Mulheres sagradas*, as mulheres foram se desviando da exclusão, dos maus tratos, das coisas ruins, foram sobrevivendo e criando seus filhos para que eles tivessem uma vida totalmente diferente delas.

Tenho uma amiga baiana, Jovina Souza, que escreveu um conto para mim. Ela lançou um livro pela Editora Malê. Ela fez o *Eu-Rio*: "Eu sou um rio, faço-me gotas contínuas, se encontro pedras faço desvios" (Souza, 2017, p. 27). No primeiro livro, publicado em 2017, meu contato era muito com o rio. Eu andava muito sozinha na beira do rio. Eu gostava de andar de manhã cedo. Tinha uma escada de pedra que eu gostava de ir de manhã cedo e eu via passar o povo de santo, mulheres de branco que pegavam uma canoa para fazer oferenda aos Orixás.

Eu via muito isso, essas mulheres vestidas de branco indo fazer oferenda à Iemanjá. Cada orixá é ligado a uma força da natureza. Eu fui aprendendo a entrar em equilíbrio para que a vida fluísse de forma agradável. Minhas influências foram a Vida, a cidade, as pessoas negras. Há um conto no livro que fala de uma mulher, Maria, que era estuprada, tinha vários filhos; as pessoas riam, riam, riam porque ela era louca, ela aparecia

grávida e criava os filhos sozinha. Eu me lembro dessas coisas. Por que eu escrevo esses livros? É para não apagar histórias da cidade, para não deixar histórias de mães e avós.

Você está aí, fazendo doutorado, eu fui lá em Santo Amaro, na universidade… que coisa linda, gente! Pessoas brancas, negras, de diversas cores, etnias, tudo misturado. Pessoas querendo saber a história dessas mulheres que tanto lutaram. É uma homenagem para que não se apague. A gente conta a história de Maria Quitéria, uma heroína aqui da Bahia; de Ana Nery, que lutou na Independência. As histórias de tantas mulheres revolucionárias negras… Teresa de Benguela e tantas outras mulheres. E a história vai ser apagada? A impressão foi essa.

## 10. Qual sua opinião sobre o cânone e Literatura regional?

São diferentes, porque foram em outra época. Houve a mudança de romper os escritores, os artistas plásticos. Romper com esse formato de literatura para falar da nossa riqueza, do nosso país. De deixar de fazer aquelas pinturas inspiradas em coisas que não são nossas. Eu li muito esses escritores. Foi importante para a nossa formação para que a gente pudesse conhecer as coisas e escrever. Li Machado de Assis, René Descartes… eu acho importante ter lido outros escritores para a gente escrever de tal jeito para retratar a realidade de um povo.

11. Na obra *Escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* (organização de Constância Lima Duarte e Isabella Rosado Nunes, 2020), alguns autores e autoras analisam obras de Conceição Evaristo, inclusive a própria Conceição participa desse material em forma de entrevista realizada no dia 25 de julho de 2020, em um encontro virtual com a participação de Angela Dannemann, Constância Lima Duarte, Eduardo de Assis Duarte, Fernanda Felisberto, Goya Lopes e Isabella Rosado Nunes. Em entrevista a essa obra, Conceição Evaristo responde algumas perguntas sobre personagens brancos em seus textos, sobre a escrevivência como fenômeno diaspórico e universal, sobre a identificação dos leitores – homens, mulheres, LGBTQIAPN+, sobre a experiência, a escrita e processo criativo, enfim. Também perguntaram a ela sobre as novas expressões da escrita que podem ser associadas ao conceito de escrevivência e Evaristo respondeu: "No momento, me recordo de três nomes: Aidil Araújo Lima, com o livro *Mulheres sagradas*. Ela tem uma linguagem muito cuidadosa, escolhendo as palavras para narrar o cotidiano, como se fosse em um trabalho artesanal. Eliana Alves Cruz, com o livro *Água de barrela* e suas memórias familiares, que se confundem com as lembranças das famílias negras, e Jefferson Tenório, já inscrito na Literatura Brasileira com o *Beijo na parede*". Como foi, para você, Aidil, ser citada por essa grande artista, escritora, poetisa da Literatura Afro-brasileira, vencedora do Prêmio Jabuti de Literatura de 2015, do Prêmio Cláudia – Categoria Cultura, ano 2017, do prêmio de Literatura do Governo do Estado de Minas Gerais, ano 2017, e, recentemente, do prêmio Juca Pato 2023 como intelectual do ano. Como foi para você esse reconhecimento feito por Conceição Evaristo?

É um reconhecimento. Uma pessoa tão premiada, uma pessoa tão querida. Eu gosto muito desse olhar crítico que ela tem. Eu já até falei o que disse Conceição Evaristo:

> não pensem que vocês me enganam dando visibilidade para uma mulher negra quando vivemos num país onde a população é mais de 50% de negros, e quando você reconhece uma para enganar dizendo que não tem racismo.

Eu fico muito feliz, porque Conceição é uma pessoa que eu admiro muito. Eu me lembro quando eu participei da FLICA, ela sentou na minha frente… eu não sabia se eu falava ou se eu babava. Ela é um ser humano maravilhoso.

E o que ela puder fazer ela faz para ir puxando as outras, porque ela sabe que ela, sozinha, não representa a população. Ela sabe que tem muita potência, que está engatinhando, tentando subir o muro, subindo com muita dificuldade. Ela vai puxando... e eu me emociono com essa fala. Ela está lá em cima, puxando outras mulheres de baixo. Ela é uma potência! Ela fez todo o trabalho de Maria Carolina de Jesus. Ela fez questão de manter a linguagem, acompanhou as letras e todo o trabalho. Ser reconhecida por ela é gratificante.

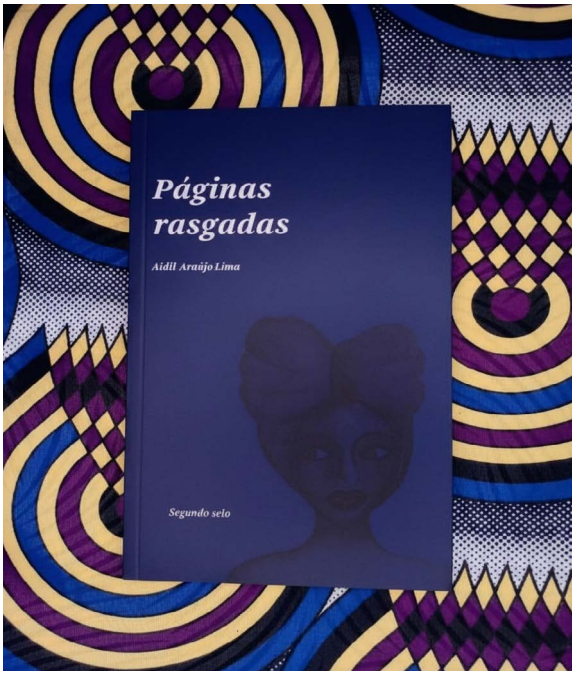
Eu espero que ela consiga. Eu mandei meu livro para a Universidade de Minas Gerais e o coordenador mandou um *e-mail* para mim e disse que foi Conceição que indicou. Eu fico emocionada quando eu falo isso. Ela esteve aqui em Cachoeira por toda essa potência que ainda tem, que os negros trouxeram na alma e foram passando para os descendentes. Ela está

sempre aqui nos eventos. Eu já a vi várias vezes em Cachoeira. Ela é uma potência! Com esse mito de não racismo no Brasil, desconstruiu a identidade do povo negro no Brasil.

Quando a gente chega no meio acadêmico da universidade, o povo já tem uma outra consciência. Mas eu que moro aqui na zona rural, ainda escuto termos de “sou uma negra inteligente”, “negro da alma branca”. Até hoje as pessoas aqui fazem isso, convidam doutores para uma festa e os levam para outro espaço para servir melhor. Uma subserviência no meio de tanta miséria. E até hoje algumas pessoas aqui fazem isso. Tudo por conta da negação do racismo.

Se fosse um racismo declarado, como nos Estados Unidos, as pessoas saberiam que ele não poderia sentar no ônibus, porque era lugar para branco sentar, saberiam que não poderiam ir a determinado local. Aqui a gente vive nessa ilusão de que não existe racismo, e quer queira, quer não, está enraizado e vai levar gerações.

Figura 3 – Capa do livro *Páginas rasgadas*




Fonte: *Site* Katuka Africanidades[47].

## 12. Quais são seus próximos projetos? Onde podemos encontrá-los?

É no *site* da Editora Segundo Selo, o livro *Páginas rasgadas. O mulheres sagradas,* vou dar o meu *e-mail*[48]. Ele está disponível em *e-book* pela *Amazon*. Um outro eu mandei

47 Disponível em: https://katuka.com.br/produto/colecao-daspretas-paginas-rasgadas-aidil-lima/. Acesso em: 25 ago. 2024.

48 *E-mail* da autora Aidil Araújo Lima: aidilaraujolima@gmail.com

para um Edital e estou aguardando. O que está no forno é *A casa e o vento*.

Para finalizar, lembrei a fala de uma aluna sobre a insistência das mulheres negras. Insistir em sonhos de ser, de fazer, de conquistar e de realizar sempre, porque a luta ainda está aí e é preciso seguir em frente. Não parar, se mover, se mover... A vida é mudança, é um caminhar. Não podemos parar diante dos obstáculos. Temos que insistir em seguir, mesmo que, para isso, precisamos desviar um pouco o caminho com foco lá na frente!

## REFERÊNCIAS

LIMA, Aidil Araújo. **Mulheres sagradas**. Cachoeira: Portuário Atelier Editorial, 2017.

LIMA, Aidil Araújo. **Páginas rasgadas**. Salvador: Segundo Selo, 2020.

# POSFÁCIO

## Vozes da Amazônia: por uma poética do pluriverso

A leitura deste livro abre um campo de saberes necessários neste século XXI, por meio da potencialidade das palavras de escritores indígenas e não-indígenas, porque a compreensão da Amazônia deve partir, antes de tudo, de discursos que dela provêm, que constituem suas práticas culturais e cosmogônicas, suas experiências existenciais e literárias.

O gesto deste livro encena, em suas linhas e entrelinhas, um forte movimento de contracolonização. Perguntemo-nos: o que é contracolonizar? Antônio Bispo dos Santos faz essa mesma pergunta, em seu rico texto "Somos da terra", inserido no livro *Terra*: *uma antologia afro-indígena*, chegando a algumas importantes conclusões:

> É reeditar as nossas trajetórias a partir das nossas matrizes. [...] Para nós, quilombolas e indígenas, essa é a pauta. Contracolonizar. No dia em que as universidades aprenderem que elas não sabem, no dia em que as universidades toparem aprender as línguas indígenas – em vez de ensinar –, no dia em que as universidades toparem aprender a arquitetura indígena e toparem aprender para que servem as plantas da caatinga, no dia em que eles se dispuserem a aprender conosco como

> aprendemos um dia com eles, aí teremos uma confluência. Uma confluência entre os saberes. Um processo de equilíbrio entre as civilizações diversas deste lugar. Uma contracolonização (Santos, 2023, p. 16).

O movimento da contracolonização implica, portanto, uma nova visada sobre os saberes, mais especificamente sobre o compartilhamento de saberes, partindo de lugares de discurso nos quais as vozes sejam plenas de experiência e onde se permitam à troca de experiências. Contracolonizar significa rever paradigmas impostos, negar e desconstruir posturas que não primem pela igualdade, significa entretecer novas relações sobre e com o mundo. Contracolonizar requer uma compreensão da terra de uma maneira menos dicotômica, quebrar assimetrias instituídas por posturas colonizadoras, invalidar limites que dificultam o entendimento de um pluriverso.

Um pluriverso é um mundo que abarca uma diversidade de outros mundos, de mundos possíveis. E é assim que devemos compreender e viver a Amazônia, porque como lembram Ashish Kothari *et al.*:

> um mundo pluriversal supera atitudes patriarcais, racismo, castaísmo e outras formas de discriminação. Nele, as pessoas reaprendem o que significa ser uma parte humilde da 'natureza', deixando para trás noções antropocêntricas estreitas de progresso baseadas no crescimento econômico (Kothari *et al.,* 2021, p. 42-43).

O olhar pluriverso, assim, nega conceitos cristalizados, como o de universalidade, um conceito que parece denotar algo tão amplo, porém que, na prática, implica o fechamento.

O pluriverso planteia veredas, que se caracterizam pela abertura, pela diversidade e pela multiplicidade. Ao assumir uma atitude pluriversal, adota-se igualmente a disposição para agregar as histórias e experiências dos sujeitos, como se depreende da proposta deste livro, porque, para tratar da Amazônia e da literatura amazônida, elegemos as vozes dos autores que produzem essa literatura, colocando em destaque seus gestos de escrita, suas experiências enquanto sujeitos de uma escrita planteada e construída na Amazônia. Assim, *Conversas sobre Literatura, Amazônia e o mundo literário: escritores contam suas experiências* é um livro que planteia vozes pluriversais e contracoloniais, as vozes dos autores e autoras que escrevem na/sobre a Amazônia.

Mesmo considerada como o espaço que agrega o pulmão do mundo, os olhares lançados sobre a Amazônia, ainda hoje bastante colonialistas, acabam por delegar a ela um lugar de borda, à margem, se comparada com os grandes centros, desenvolvidos e "civilizados". Esses sujeitos supostamente civilizados ainda, em pleno século XXI, colocam-se numa posição superior, entretanto uma contradição aí se faz visível, porque atitudes colonialistas não são nada civilizadas. E, não tendo experiências efetivas sobre a Amazônia, insistem em ditar normas acerca de práticas econômicas, políticas, culturais, artísticas.

No subtítulo deste livro, a palavra "experiências" ressalta significativamente o seu ponto central. Tratar da literatura por intermédio da experiência implica uma compreensão viva

dessa arte, um entendimento perpassado pela prática efetiva do sujeito face ao mundo que o rodeia. Como nos ensina Jorge Larrosa (2014, p. 12), a "experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca"; ela é algo que nos atravessa, por isso é subjetivadora, constrói subjetividades. Para que a experiência ocorra de fato, ela "requer um gesto de interrupção, [...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; [...] suspender o automatismo da ação" (Larrosa, 2014, p. 17-18). Assim, os sujeitos envolvidos nas *Conversas sobre Literatura, Amazônia e o mundo literário* constituem-se pela sua amazonidade, pela sua identidade amazônica.

Neste livro, o leitor encontra esse espaço da experiência por meio dos discursos dos escritores indígenas e não-indígenas, enunciando ideias sobre sua prática de produção criativa, uma experiência crivada de olhares sobre o mundo e sobre o fazer artístico, olhares que se convertem em ficção através do gesto encantatório da palavra em um espaço repleto de encantarias, a Amazônia.

Essas vozes, atravessadas por experiências amazônidas, têm muito a ensinar, na medida em que na Amazônia a visão constitui-se por um multinaturalismo, que provoca um reembaralhamento "das cartas conceituais", dos binarismos como "universal e particular, objetivo e subjetivo, físico e moral, fato e valor, dado e construído, necessidade e espontaneidade, imanência e transcendência, corpo e espírito, animalidade e humanidade, e outros tantos" (Viveiros de Castro, 2015, p.

43). Homem, bicho, vegetal, tudo, nessa visão multinaturalista, é perpassado por subjetividades. O antropólogo brasileiro explica:

> A etnografia da América indígena contém um tesouro de referendas a uma teoria cosmopolítica que imagina um universo povoado por diferentes tipos de agendas ou agentes subjetivos, humanos como não-humanos – os deuses, os animais, os mortos, as plantas, os fenômenos meteorológicos, muitas *vezes* também os objetos e os artefatos –, todos providos de um mesmo conjunto básico de disposições perceptivas, apetitivas e cognitivas, ou, em poucas palavras, de uma 'alma' semelhante (Viveiros de Castro, 2015, p. 43).

Em função desse multinaturalismo amazônico, o xamã Davi Kopenawa (2015, p. 468) nos convida a uma outra visão: "Acho que vocês deveriam sonhar a terra, pois ela tem coração e respira" (Kopenawa, 2015, p. 468). Aprender a sonhar com a natureza e sentir-se irmanado a ela são direções que encaminham a compreensão de mundo outro, menos dicotômico, mais rico.

Pelas experiências dos escritores e escritoras indígenas e não-indígenas, apresentadas neste livro sob a forma de entrevistas, podemos compreender esse olhar pluriversal sobre a Amazônia. Com essas experiências cravadas em cada entrevista, entramos em contato com discursos que contracolonizam o olhar, por meio de visões que colocam em destaque os povos da floresta aquosa amazônica, povos que assumem o protagonismo de suas narrativas. Em vez de dar a voz ao outro, são os povos da floresta que, através da arte

desses escritores da Amazônia, irão dizer-se, ficcionalizar-se, metaforizar-se. Vozes dos beradeiros, indígenas, cabocos, quebradeiras-de-coco, seringueiros, castanheiros, quilombolas entrecruzam-se às vozes desses escritores, reinventando a arte, mostrando que é possível, por intermédio do "dizer-se", engendrar subjetividades outras, bem diferentes daquelas ditadas por vozes colonizadoras.

As experiências recriam espaços, pessoas e temporalidades (pretéritas, presentes e até futuras) e nos convidam a rever memórias e H(h)istórias, nos convidam a cantar, poetizar, como revela o poeta Binho na canção *Esquina do tempo*, do CD *Amazônia em canto* (1996):

> Cuidado que naquela esquina tem a nossa história,
> tem o J. Lima, tem o Bar do Arara, tem dona Chiquinha e seu tacacá.
> Depois se dobrar à direita tem o municipal,
> tem o Beco do Mijo, tem o Bar Central,
> tem o Café Santos e o Internacional.
> Na sombra do coqueiro, da Baixada União,
> quem sabe na Rua da Palha ou na Ladeira do João Barril.
> [...]
> Acorda, Velho Pimentel, veja o que aconteceu,
> a Estrada de Ferro, dizem renasceu
> e o velho Relógio o tempo percebeu.
> Debaixo das Três Marias, uma praça apareceu
> e, bem no meio da praça, elas, eles, tu e eu a cantar.

Este livro é um convite ao deleite de experiências crivadas de memórias e histórias, que são de escrita e são também de leitura. Com ele, desejo que o leitor tenha entrado, em seu transe de leitura, nos espaços da Amazônia, sentido

a umidade de suas matas e a possibilidade de reinventar o mundo por uma ótica pluriversal.

Tangará da Serra/MT, 10 de abril de 2025.
*Profa. Dra. Marisa Martins Gama-Khalil*[49]
(Universidade do Estado de Mato Grosso)

## REFERÊNCIAS

ESQUINA do tempo. Compositores: Elisa Cristina, Rubens Vaz e Binho. Intérprete: Binho. Belo Horizonte; Porto Velho: Magma Produtora, 1996. 1 CD.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu**: palavras de um xamã Yanomami São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOTHARI, Ashish *et al.* Encontrando caminhos pluriversais. *In*: KOTHARI, Ashish *et al.* **Pluriverso**: dicionário do pós-desenvolvimento. São Paulo: Elefante, 2021. p. 31-61.

49 Doutora em Estudos Literários pela Unesp/Araraquara e pós-doutora pela Universidade de Coimbra. Pesquisadora Produtividade em pesquisa do CNPq. Professora titular aposentada da UFU. Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Unemat, Câmpus Tangará da Serra. Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIR. Líder do GT ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. Líder do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas (GPEA). Pesquisadora do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Somos da terra. *In*: CARNEVALLI, Felipe *et al.* **Terra**: uma antologia afro-indígena. São Paulo: Ubu Editora; Belo Horizonte: Piseagrama, 2023. p. 4-16.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo Batalha. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

# SOBRE OS ORGANIZADORES E ENTREVISTADORES

## ORGANIZADORES



**Eliane Auxiliadora Pereira**

Professora de Língua Portuguesa e Literaturas do Colégio Militar de Campo Grande/MS. Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2018), Mestrado em Letras, Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (2008), especialização em Literatura Brasileira Contemporânea (1996) pela Universidade Católica de Goiás, graduada em Letras Português e Literaturas Correspondentes pela Universidade Católica de Goiás (1994). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em teoria e crítica literária, Língua Portuguesa, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, análise do discurso, letramento literário e processos de criação entre artes: literatura e cinema. Membro dos grupos de pesquisa CRIAMAZÔNIA – Processos de Criação na/da Amazônia e Letramento Literário. Atua como avaliadora de projetos de ensino, pesquisa e extensão.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7418-0479*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/1440274465969016*
*E-mail: elianegyngo@gmail.com*



## Iza Reis Gomes

Professora de Língua Portuguesa e Literatura do Instituto Federal de Rondônia (Câmpus Porto Velho Calama). Professora do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – PROFEPT/IFRO; Pós-doutorado em Letras: Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre; Doutora em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2018); Mestre em Letras – Linguagem e Identidade – pela Universidade Federal do Acre (2008). Graduada em Letras/Português pela Universidade Federal de Rondônia (1996). Experiência: Avaliadora de projetos na área da Educação Básica, Profissional, Superior e Pós-graduação; Orientações acadêmicas e científicas na área da Educação e Literaturas com ênfase em Letramento Literário, Literatura Infantil e Juvenil indígena, Literatura Infantil e Juvenil amazônica e Literatura Infantil e Juvenil contemporânea; Metodologias da pesquisa em gêneros acadêmicos, como Artigos científicos e Projetos de pesquisa. Líder do Grupo de Pesquisa Criamazônia – Processos de Criação na/da Amazônia do IFRO.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8668-1692*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/7671303144200741*
*E-mail: iza.reis@ifro.edu.br*



**Marisa Martins Gama-Khalil**

Marisa Martins Gama-Khalil possui doutorado em Estudos Literários pela Unesp/Araraquara e pós-doutorado pela produtividade em pesquisa do CNPq. Professora titular aposentada da UFU. Professora visitante do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Unemat (Câmpus Tangará da Serra). Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNIR. Líder do GT ANPOLL Vertentes do Insólito Ficcional. Líder do Grupo de Pesquisas em Espacialidades Artísticas (GPEA). Pesquisadora do Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2236-4334*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/9430138689219946*
*E-mail: mmgama@gmail.com*



**Maurício Neves-Corrêa**

Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Unesp/Araraquara (2018). Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura, pela Universidade da Amazônia (2013), graduado em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo pela Universidade da Amazônia (2009). Atualmente é Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação e Cultura da Universidade Federal do Pará (PPGEDUC). Pós-Doutor do Programa de Pós-Graduação em Letras Linguagem e Identidade da Universidade Federal do Acre. É membro do Grupo de Estudos de Análise do Discurso/Araraquara. Participou de projetos de pesquisa e extensão financiados por diferentes agências de fomentos (Unesco,

Capes, CNPq, Fidesa). Seus principais interesses de pesquisa estão voltados para a história do audiovisual, suas perspectivas estéticas e suas relações de poder, com especial atenção à diversidade étnico-racial e à produção das subjetividades indígenas. Suas pesquisas transitam nas fronteiras epistemológicas das teorias do discurso, da comunicação e do cinema. Diretor de produções audiovisuais documentais e de ficção, como a websérie *Análise do Discurso com Michel Foucault*.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4865-3364*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/7901044008620081*
*E-mail: mauricio_nc@hotmail.com*



**Shelton Lima de Souza**

Graduado em Letras/Português do Brasil como Segunda Língua pela UnB (2006), mestrado em Linguística/ Gramática (2008), UnB. Doutorado em Linguística (2017) pela UFRJ. Pós-doutorado em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Professor Adjunto de Linguística e Língua Portuguesa no Centro de Educação, Letras e Artes da UFAC. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade UFAC e do Programa de Pós-Graduação Profissional no ProfLetras. Coordenador do Laboratório de Estudos Interculturais e Humanidades. Membro do Grupo de Trabalho na ANPOLL. Áreas de atuação: A relação entre língua(gens), identidades e alteridades; Língua(gem) e formação docente em uma perspectiva intercultural; teoria e análise de línguas, principalmente de línguas indígenas brasileiras, de português e de línguas de sinais; ensino de português como língua materna e não

materna, análise do português contrastando com línguas indígenas, outras línguas europeias para fins didáticos.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4735-8531*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/0189097197608498*
*E-mail: shelton.souza@ufac.br*

# ENTREVISTADORES



**Allison Marcos Leão da Silva**

Doutor em Letras: Estudos Literários – Literatura Comparada, pela Universidade Federal de Minas Gerais (2008), mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas (2002) e graduado em Pedagogia pela mesma instituição (2000). É professor Associado da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), atuando no curso de graduação em Letras (cadeiras de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura) e no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes. Foi professor da Educação Básica por 15 anos. Co-lidera, com a Profa. Dra. Luciane Páscoa, o Grupo de Pesquisas em Memória Artística e Cultural do Amazonas (MemoCult), que atua nas Linhas de Pesquisa: Arquivo, memória e interpretação e Teoria, crítica e processos de criação. No MemoCult, dirige a Segunda Oficina Laboratório Editorial, selo da Editora da UEA, além de desenvolver projetos sobre arquivos literários na Amazônia e processos de criação de escritores amazonenses.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8034-488X*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/2862237221241530*
*E-mail: allisonleao@yahoo.com.br*



**Eulisson Nogueira de Sousa**

Doutorando em Estudos Literários pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Mestre em Estudos Literários pela UNIR. Graduado em Letras Português e suas respectivas Literaturas pela UNIR. Pesquisador na

área de Teoria e Crítica Literária com ênfase em Memória, Identidade e Pós-colonialismo na Literatura Amazônica. Atualmente é professor de Língua Portuguesa anos finais do Ensino Médio do Governo do Estado de Rondônia, de Linguagens no Ensino Médio do Colégio e Faculdade Sapiens e de Linguagens e Humanidades do Centro Universitário São Lucas. Revisor de periódicos da Revista dos Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Rondônia. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura, Linguagens, Cultura e Humanidades. Membro do Criamazônia: Grupo de pesquisa Processos de Criação na/da Amazônia, Linha de Criação, Literatura e Sociedade e do GPCLAM: Grupo de pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias da UNIR.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0001-7340-9892*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/5602430298192236*
*E-mail: eulisson.nogueira@gmail.com*



**Janaina Kelly Leite Chaves**

Mestra em Letras (2017-2019/UNIR) com especializações em Metodologia do Ensino Superior (2007-2008) e História e Cultura Afro-Brasileira (2019-2020). Licenciada em Letras Português pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR (2003-2006). Experiências profissionais como Professora de Língua portuguesa e Arte (Prefeitura e Estado de Rondônia). Atuou como Produtora do Festival Internacional de Compositoras/SONORA Porto Velho. Membro do grupo de pesquisa GET, institucionalizado pelo IFRO. Bolsista do CNPq na Graduação e da CAPES durante o mestrado. Atualmente, exerce o cargo de Técnica em Assuntos

Educacionais e Coordenadora do Curso de Formação Pedagógica para Graduados não Licenciados (UAB/IFRO) no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia-IFRO. Áreas de interesse: Estudos etnográficos referentes a Amazônia, Pós-Colonialismo, História das Mulheres, Arte e Gênero.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0003-1919-9745*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/5944390844152554*
*E-mail: janaina.chaves@ifro.edu.br*



**Joely Coelho Santiago**

Doutoranda em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI/UFAC). Mestrado em História e Estudos Culturais (UNIR). Licenciatura em Letras e suas respectivas Literaturas (UNIR). Licenciatura em História (Faveni). Especialista em Docência do Ensino Superior; em Letras, Português e Literatura; Ensino de Língua Portuguesa; História e Cultura Afro-brasileira; Educação das Relações Étnico-Raciais e História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena; Membro do Grupo de Estudo e Pesquisas Interdisciplinares Afro e Amazônicos - Gepiaa; Grupo de Estudos e Pesquisas Culturalidades e Historicidades Africanas e da Diáspora Negra - Chade (desde 2022); Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas da Universidade Federal do Acre - Neabi/UFAC; associação Brasileira de Literatura Comparada - Abralic; Associação Brasileira de Pesquisadores(as) Negros(as) - ABPN. Tem experiência na área de Ciências Humanas e Linguagens, atuando nos temas Quilombos do Vale do Guaporé-RO; Populações Afro-Amazônicas e Ações Afirmativas.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0003-4648-8665*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/5330405551363124*
*E-mail: joely.santiago@sou.ufac.br*



**Márcia Dias dos Santos**

Publicou os livros de poema *Os (des) ajustes da palavra* (2019); *Onde mora a poesia? Palavrinhas para crianças de todas as estações* (2020) e *A menina que sonhava com águas coloridas* (2022). Pesquisadora na área de Literatura brasileira, Literatura indígena contemporânea, Literatura infantojuvenil, Letramento Literário, Língua, Memória, Fronteiras e Interculturalidades na Amazônia. Graduada em Letras, Especialista em Literatura infantojuvenil, Especialista em Linguagem, Educação. Mestre em Ciência da linguagem, pela Universidade Federal de Rondônia (Câmpus de Guajará-Mirim). Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Uberlândia. Atuou como professora de Língua Portuguesa e Literatura na rede pública do 6º ano ao 3º ano do ensino médio durante 12 anos. Também atuou como tutora de Língua Portuguesa e Literatura pela UAB. Professora de Ensino Superior da UNIR, lotada no Departamento Acadêmico de Ciências da Linguagem (Câmpus de Guajará-Mirim). Ministra aulas na área de Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e de autoria indígena.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0001-6011-7276*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/2106406700714396*
*E-mail: marcia.santos@unir.br*



**Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina**

Possui graduação em Letras – Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Rondônia (1992); mestrado em Ciências da Linguagem pela Universidade Federal de Rondônia (2008). Doutorado em

Letras pela Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Área Literaturas em Língua Portuguesa – Linha de Pesquisa História, Cultura e Literatura (2016). Pós-doutorado em História literária: circulação literária, análise de discursos literários e sociais (2022). Professora do quadro efetivo da Universidade Federal de Rondônia, área de atuação em Literatura. Professora permanente do Programa de Mestrado em Estudos Literários/MEL/UNIR. Líder do Grupo de Pesquisa em Letramento Literário: estudo de narrativas da/na Amazônia.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8193-3088*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/4042182157568764*
*E-mail: fatima.molina@unir.br*



**Queila Barbosa Lopes**

Possui graduação em Letras Inglês pela Universidade Federal do Acre (1999) e mestrado em Letras-Linguagem e Identidade pela UFAC (2008). Doutorado em Estudos Linguísticos pela Unesp – Câmpus de São José do Rio Preto (2019). Atualmente professora de Língua Inglesa, lotada no CELA, trabalhando no curso de Licenciatura em Língua Inglesa. Atuou como Coordenadora Institucional do PIBID (2012-213) e Coordenadora Geral do Programa Inglês sem Fronteiras na UFAC de 30 de julho de 2013 a janeiro de 2015. Coordenou o PIBID – Língua Inglesa na UFAC (2020-2022). Coordenou o Curso de Letras Inglês da UFAC (2021-2023) e o Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagem e Identidade. Coordena o Laboratório de Intercâmbio Intercultural On-line. Lidera o Grupo de Pesquisa Digitalidades e

Aprendizagem de Línguas. Coordena o PIBID. Interessada em pesquisas voltadas para o ensino e aprendizagem de Língua Inglesa utilizando as tecnologias de informação e comunicação.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0161-9975*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/9470160035017805*
*E-mail: queila.lopes@ufac.br*



**Raquel dos Santos Silva**

Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica – ProfEPT – no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (Câmpus Porto Velho Calama). Membro do Grupo de Pesquisa Processos de criação na/da Amazônia – Criamazônia do IFRO; graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade São Lucas (2011), com ênfase em Botânica; Especialização em Docência do Ensino Superior pela Ipemig - Instituto Pedagógico de Minas Gerais. Exerce o cargo de Auxiliar de Biblioteca no IFRO - Câmpus Porto Velho Calama.

*Orcid: https://orcid.org/0009-0003-0058-8078*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/8701921427311259*
*E-mail: raquel.silva@ifro.edu.br*

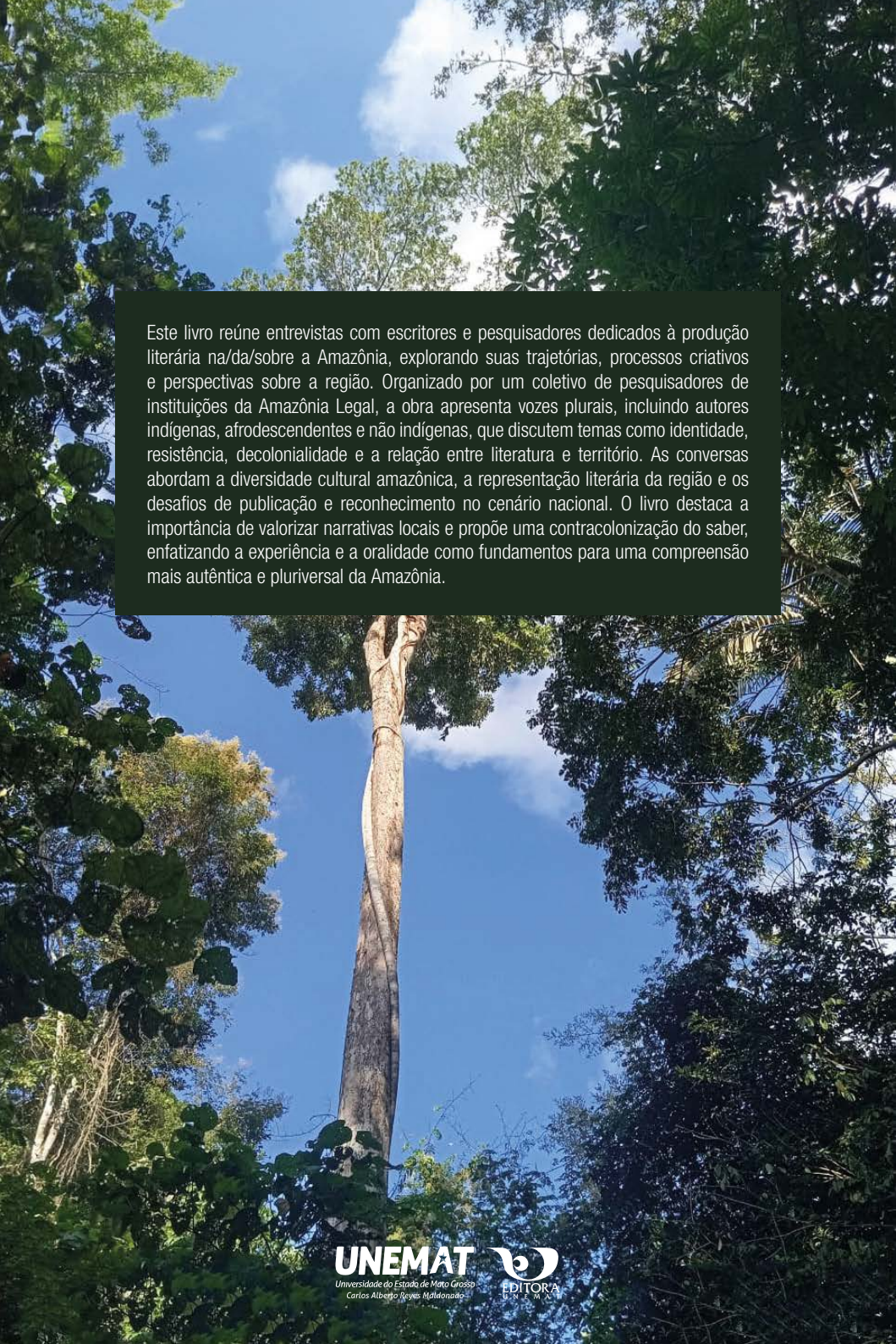


**Rosália Aparecida da Silva**

Mestra em Letras pela UNIR (Universidade Federal de Rondônia), com defesa realizada no dia 30/04/2018 da dissertação *Memórias, sentidos e espetacularização nos discursos da cheia histórica do Rio Madeira (2013/2014)*, sob orientação da Prof.ª Drª Nair Ferreira Gurgel do Amaral. Possui graduação em

Jornalismo pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2000) e Pós-Graduação em Administração Pública pela Fortium (DF) e em Jornalismo Empresarial e Assessoria de Imprensa na Faculdade Santo André/Multiron (RO). É jornalista concursada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (desde setembro de 2010). Licenciada em Formação Pedagógica para não licenciados (IFRO/UAB) e cursando Licenciatura em Letras pela Uninter.

*Orcid: https://orcid.org/0000-0002-9474-6588*
*Lattes: http://lattes.cnpq.br/2924280591539447*
*E-mail: rosalia.silva@ifro.edu.br*



Este livro reúne entrevistas com escritores e pesquisadores dedicados à produção literária na/da/sobre a Amazônia, explorando suas trajetórias, processos criativos e perspectivas sobre a região. Organizado por um coletivo de pesquisadores de instituições da Amazônia Legal, a obra apresenta vozes plurais, incluindo autores indígenas, afrodescendentes e não indígenas, que discutem temas como identidade, resistência, decolonialidade e a relação entre literatura e território. As conversas abordam a diversidade cultural amazônica, a representação literária da região e os desafios de publicação e reconhecimento no cenário nacional. O livro destaca a importância de valorizar narrativas locais e propõe uma contracolonização do saber, enfatizando a experiência e a oralidade como fundamentos para uma compreensão mais autêntica e pluriversal da Amazônia.

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado
EDITORA UNEMAT